

70 HISTORINHAS CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



COMPANHIA DAS LETRAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
70 HISTORINHAS

POSFÁCIO

Edmilson Caminha



Sumário

O jardim em frente
Nascer
Pescadores
Assalto
Caso de secretária
A cabra e Francisco
Coração segundo
O telhado
Drink
Caso de arroz
A cápsula
Dois no Corcovado
Premonitório
Depois do jantar
Caso de escolha
A datilógrafa
Suspeita
Voluntário
Três homens na estrada
Caso de canário
A festa acabou
Na delegacia
Duas mulheres
À procura de um rosto
Caso de justiceiro
No caminho de Canela de Boi
Prazer em conhecê-lo
Serás Ministro
Peru
Caso de boa ação
Recalcitrante
Quadro na parede
Ladrões no terraço
De fraque
Caso de menino
Luzia

No ônibus
O dono
Noiva de Pojuca
Caso de recenseamento
O importuno
Banco barroco
Maneira de olhar
Essência, existência
Caso de chá
Glória
A menininha e o gerente
O crime de Fátima
Iniciativa
Caso de conversa
Juiz de paz
Esparadrapo
Acertado
O segredo do cofre
Caso de almoço
O outro Emílio Moura
Conversa de casados
Aconteceu alguma coisa
O sono
Caso de ceguinho
Guignard na parede
O pintinho
Boneca triste
No restaurante
O outro marido
A visita inesperada
O ladrão
Na escola
A viúva do viúvo
Jacaré de papo azul

Nota da edição

Posfácio
Mais que historinhas,
EDMÍLSON CAMINHA
Leituras recomendadas

Cronologia

70 HISTORINHAS

Os *big-shots* da empresa estavam reunidos em conferência. Assunto importante, desses que exigem atenção, objetividade. O presidente recomendara:

— Não estamos para ninguém. Essa porta fica trancada. Avisem a telefonista que não atenda a nenhum chamado. Nem do papa.

Começou-se por dividir o assunto em partes, como quem divide um leitão. Cada parte era examinada pelo direito e pelo avesso, avaliada, esquadrinhada, radiografada. Cartesianamente.

— Você aí, quer fazer o favor de parar com essa caricatura?

O presidente não admitia alienação. Por sua vez, foi advertido pelo vice:

— E você, meu caro, podia deixar de bater com esse lápis, toc, toc, toc, na mesa?

Estavam tensos, à véspera de uma decisão que envolvia grandes interesses. Alguém bateu à porta.

— Não respeitam! Não respeitam o trabalho da gente! Isso não é país!

Seja ou não seja país, quando batem à porta a solução é abrir, para evitar novas batidas, ou, mesmo, que a porta venha abaixo. Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado.

O diretor-secretário abriu, de óculos fuzilantes. O chefe da portaria, cheio de dedos, balbuciou:

— Essa senhora... essa senhora aí. Veio pedir uma coisa.

O primeiro impulso do diretor-secretário foi demitir imediatamente o chefe da portaria, servidor antigo, conceituadíssimo, mas viu ao mesmo tempo diante de si a imagem consternada do homem e a lei trabalhista: duas razões de clemência. Pensou ainda em mandar a senhora àquele lugar de Roberto Carlos ou a outro pior. Dominou-se: ela ostentava no rosto aquela marca de tristeza que amolece até diretoria.

— A senhora me desculpe, mas estou tão ocupado.

— Eu sei, eu é que peço desculpas. Estou perturbando, mas não tinha outro jeito. Moro do outro lado da rua, no edifício em frente. Meu canário...

— Fugiu e entrou aqui no escritório? Eu mando pegar. Fique tranquila.

— Antes tivesse fugido. Morreu.

— E daí?

— Viveu quinze anos conosco. Era uma graça... Pousava no dedo...

— E daí, minha senhora?

— O senhor vai estranhar meu pedido... Eu estava sem coragem de vir aqui. Por favor, não ria de mim.

— Não estou rindo. Pode falar.

— Os senhores têm um jardim tão lindo na cobertura. Da minha janela, fico apreciando. Então agora está uma coisa. Posso fazer um pedido?

— Pode.

— Eu queria enterrar o meu canário no seu jardim. Lá é que é lugar bom para ele descansar. O senhor vê, nós temos aquele terrenão ao lado do edifício, com três palmeiras, um pé de fruta-pão, mas é grande demais para um passarinho, falta intimidade. Se o senhor consente, eu mesma abro a covinha. Não dou o menor trabalho, não sujo nada.

O diretor-secretário esqueceu que tinha pressa, que havia um problema sério a discutir. Que problema? Naquele momento, o importante, o real era um canarinho morto, e amado.

— Pois não, minha senhora, disponha do jardim. Eu mesmo vou levar a senhora lá em cima, para escolher o lugar.

Subiram, escolheram o canteiro mais apropriado, onde bate sol pela manhã, e à tarde as plantas balançam levemente, à brisa do mar.

— Não é abuso eu fazer mais um pedido? Queria que o jardineiro não revolvesse a terra neste ponto, durante três meses. O tempo de os ossinhos dele se desfazerem... Volto daqui a meia hora, para o enterro.

Meia hora depois, voltava com uma caixinha forrada de veludo azul-claro, e a reunião dos *big-shots*, que ainda durava, foi suspensa para que todos, com o presidente muito compenetrado, assistissem ao sepultamento.

06/10/1967

Era manhã nova, quando ele telefonou, a voz enfestoadá:

— Aída Isabel acabou de nascer!

No entressono, que sabia eu de Aída Isabel, como podia avaliar o ato de responsabilidade que ela cometera?

— Quem?

— Aída Isabel. Agora mesmo!

— E é forte, bonita?

— Não sei não senhor. Ainda não pude ver.

Estranhei que a um pai fosse defeso espiar sua filha. Explicou-me que o regulamento era dureza, mas ele daria um jeito. E de fato, mais tarde, comunicou-me que conhecera afinal Aída Isabel.

— Como é que você entrou?

— Por baixo. A dona da portaria estava de costas, lendo jornal, eu me agachei e passei juntinho dela, debaixo do balcão.

Sorria ao contá-lo, pois gosta dessas experiências marotas, e se pudesse ir ver a filha ao jeito comum, perderia o sabor.

— Era para ela chegar na semana passada, internei Lucinha no Hospital dos Servidores, à noite a criança cismou de atrasar, as dores pararam. Então o médico disse que carecia desocupar o leito, o funcionalismo está assim de menino fazendo fila para nascer. Voltamos para Olaria, desapontados. Na noite seguinte, acordamos com um estrondo, lá longe; os vidros da casa retiniram. Eu disse comigo: é agora. A explosão de Deodoro ajudou. Pedi a Lucinha que aguentasse firme até o dia clarear. Voltamos ao hospital, não havia vaga, mas eles foram camaradas, mandaram a gente para uma casa de saúde em Botafogo, negócio alinhado, valeu a pena. Só que não recebe visita. Pessoa da família nem nada.

— Então não posso conhecer Aída Isabel.

— Daqui a uma semana o senhor vai lá em casa e conhece. Damos uma reuniãozinha, bebe-se um chope.

Lembrei-me de que há dez meses, em Olaria, numa reuniãozinha ao ar livre, entre vasos de begônia, com uma cunhada portuguesa muito alegre, mas que não queria cantar fado, uma discussão sobre futebol, Ema d'Ávila e outras matérias, e um cachorro pacato dormindo ao sol, tínhamos bebido uma chopada

comemorativa do casamento daqueles dois. Eu fora testemunha dele, no civil. Em dez meses, Aída Isabel se fizera e agora vinha ocupar um lugarzinho em Olaria, era um fato novo, no caminhar sorrateiro da vida.

O Brasil tinha 72 850 416 habitantes? Hoje tem 72 850 417. A situação se modificou, o casal tomara providências. Aída Isabel prepara-se para fazer alguma coisa, rara ou comum, ela ainda não sabe. Na dinâmica do país, uma força obscura se delineia, e como fui testemunha do desposório, dou testemunho do seu primeiro resultado, nesta fase inquieta da nacionalidade em busca de novos rumos políticos e sociais. Gostaria que todos tivessem acrescentado alguma pequenina riqueza ao país, neste período. O governo deu duro? Fizeram-se descobertas, escreveram-se livros, criou-se? Ou apenas trabalharam os casais novos?

Aída Isabel, não vou transmitir nenhuma palavra de ordem. Você será moça num Brasil tão diferente deste meu (já assisti a dois ou três brasis, em quarenta anos) que nem sei o que poderia servir-lhe de instrução para trabalhos e sonhos. Tudo está sempre por acontecer de novo e pela primeira vez. Cresça, Aída Isabel, e floresça. Estamos muito precisados de flores, de moças e de vir a ser.

PESCADORES

Domingo pede cachimbo, todo domingo aquele esquema: praia, bar, soneca, futebol, jantar em restaurante. Acaba em chatura. Os quatro jovens executivos sonhavam com um programa diferente.

— Se a gente desse uma de pescador?

— Falou.

Muniram-se do necessário, desde o caniço até o sanduíche incrementado, e saíram rumo à praia mais deserta, mais piscosa, mais sensacional.

Lá estavam felizes da vida, à espera de peixe. Mas os peixes, talvez por ser domingo, e todos os domingos serem iguais, também tinham variado de programa — e não se deixavam fisgar.

— Tem importância não. Daqui a pouco aparecem. De qualquer modo, estamos curtindo.

— É.

Peixe não vinha. Veio pela estrada foi a Kombi, lentamente. Parou, saltaram uns barbudos:

— Pescando, hem? Beleza de lugar. Fazem muito bem aproveitando a folga num programa legal. Saúde. Esporte. Alegria.

— Estamos só arejando a cuca, né? Semana inteira no escritório, lidando com problemas.

— Ótimo. Assim é que todos deviam fazer. Trocar a poluição pela natureza, a vida ao ar livre. Somos da televisão, estamos filmando aspectos do domingo carioca. Podem colaborar?

— Que programa é esse?

— *Aprenda a Viver no Rio*. Programa novo, cheio de bossas. Vai ser lançado semana que vem. Gostaríamos que vocês fossem filmados como exemplo do que se pode curtir num dia de lazer, em benefício do corpo e da mente.

— Pois não. O grilo é que não pescamos nada ainda.

— Não seja por isso. Tem peixe na Kombi, que a gente comprou para uma caldeirada logo mais.

Desceram os aparelhos e os peixes, e tudo foi feito com técnica e verossimilhança, na manhã cristalina. Os quatro retiravam do mar, em ritual de pescadores experientes, os peixes já pescados. O pessoal da TV ficou radiante:

— Um barato. Vocês estavam ótimos.

— Quando é que passa o programa?

— Quinta-feira, horário nobre. Já está sendo anunciado.

Quinta-feira, os quatro e suas jovens mulheres e seus encantadores filhos reuniram-se no apartamento de um deles — o que tivera a ideia da pescaria.

— Vocês vão ver os maiores pescadores da paróquia em plena ação.

O programa, badaladíssimo, começou. Eram cenas do despertar e da manhã carioca, trens superlotados da Linha Auxiliar, filas no elevador, escritórios em atividade, balconistas, telefonistas, enfermeiras, bancários, tudo no batente ou correndo para. O apresentador fez uma pausa, mudou de tom:

“— Agora, o contraste. Em pleno dia de trabalho, com a cidade funcionando a mil por cento para produzir riqueza e desenvolvimento, os inocentes do Leblon dedicam-se à pescaria sem finalidade. Aí estão esses quatro folgados, esquecidos de que a Guanabara enfrenta problemas seriíssimos e cada hora desperdiçada reduz o produto nacional bruto...”

— Canalhas!

— Pai, você é um barato!

— E eu que não sabia que você, em vez de ir para o escritório, vai pescar com a patota, Roberto!

— Se eu pego aqueles safados mato eles.

— E o peixe, pai, você não trouxe o peixe pra casa!

— Não admito gozação!

— Que é que vão dizer amanhã no escritório!

— Desliga! Desliga logo essa porcaria!

Para aliviar a tensão, serviu-se uísque aos adultos, refrigerante aos garotos.

ASSALTO

Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:

— Isto é um assalto!

Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?

— Um assalto! Um assalto! — a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado escutou, multiplicando a notícia. Aquela voz subindo do mar de barracas e legumes era como a própria sirena policial, documentando, por seu uivo, a ocorrência grave, que fatalmente se estaria consumando ali, na claridade do dia, sem que ninguém pudesse evitá-la.

Moleques de carrinho corriam em todas as direções, atropelando-se uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. Não era o instinto de propriedade que os impelia. Sentiam-se responsáveis pelo transporte. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rolavam, tomates esborrachavam-se no asfalto. Se a fruta cai no chão, já não é de ninguém; é de qualquer um, inclusive do transportador. Em ocasiões de assalto, quem é que vai reclamar uma penca de bananas meio amassadas?

— Olha o assalto! Tem um assalto ali adiante!

O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se, puseram o nariz para fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador, um passageiro advertiu:

— No que você vai a fim de ver o assalto, eles assaltam sua caixa.

Ele nem escutou. Então os passageiros também acharam de bom alvitre abandonar o veículo, na ânsia de saber, que vem movendo o homem desde a idade da pedra até a idade do módulo lunar.

Outros ônibus pararam, a rua entupiu.

— Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem dar no pé.

— É uma mulher que chefia o bando!

— Já sei. A tal dondoca loura.

— A loura assalta em São Paulo. Aqui é a morena.

— Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.

- Minha Nossa Senhora, o mundo está virado!
- Vai ver que está caçando é marido.
- Não brinca numa hora dessas. Olha aí sangue escorrendo!
- Sangue nada, tomate.

Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria, as vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia joias pelo chão, braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram, na pressa, era agora objeto de saque popular. Morreram no mínimo duas pessoas, e três estavam gravemente feridas.

Barracas derrubadas assinalavam o ímpeto da convulsão coletiva. Era preciso abrir caminho a todo custo. No rumo do assalto, para ver, e no rumo contrário, para escapar. Os grupos divergentes chocavam-se, e às vezes trocavam de direção: quem fugia dava marcha a ré, quem queria espiar era arrastado pela massa oposta. Os edifícios de apartamentos tinham fechado suas portas, logo que o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar o pelo e contemplar lá de cima. Janelas e balcões apinhados de moradores, que gritavam:

- Pega! Pega! Correu pra lá!
- Olha ela ali!
- Eles entraram na Kombi ali adiante!
- É um mascarado! Não, são dois mascarados!

Ouviu-se nitidamente o pipocar de uma metralhadora, a pequena distância. Foi um deitar-no-chão geral, e como não havia espaço, uns caíam por cima de outros. Cessou o ruído. Voltou. Que assalto era esse, dilatado no tempo, repetido, confuso?

— Olha o diabo daquele escurinho tocando matraca! E a gente com dor de barriga, pensando que era metralhadora!

Caíram em cima do garoto, que soverteu na multidão. A senhora gorda apareceu, muito vermelha, protestando sempre:

- É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!

Foi trombudo para o escritório. Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido. Então era assim que a família o tratava? Ele que vivia para os seus, que se arrebentava de trabalhar, não merecer um beijo, uma palavra ao menos!

Mas, no escritório, havia flores à sua espera, sobre a mesa. Havia o sorriso e o abraço da secretária, que poderia muito bem ter ignorado o aniversário, e entretanto o lembrara. Era mais do que uma auxiliar, atenta, experimentada e eficiente, pé de boi da firma, como até então a considerara; era um coração amigo.

Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocoxô: o carinho da secretária não curava, abria mais a ferida. Pois então uma estranha se lembrava dele com tais requintes, e a mulher e os filhos, nada? Baixou a cabeça, ficou rodando o lápis entre os dedos, sem gosto para viver.

Durante o dia, a secretária redobrou de atenções. Parecia querer consolá-lo, como se medisse toda a sua solidão moral, o seu abandono. Sorria, tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela.

— O senhor vai comemorar em casa ou numa boate?

Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma. Fazer anos é uma droga, ninguém gostava dele neste mundo, iria rodar por aí à noite, solitário, como o lobo da estepe.

— Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos — insinuou ela, discretamente.

E não é que podiam mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida — o pessoal lá em casa pouco está me ligando —, teria horas amenas, em companhia de uma mulher que — reparava agora — era bem bonita.

Daí por diante o trabalho foi nervoso, nunca mais que se fechava o escritório. Teve vontade de mandar todos embora, para que todos comemorassem o seu aniversário, ele principalmente. Conteve-se, no prazer ansioso da espera.

— Aonde você prefere ir? — perguntou, ao saírem.

— Se não se importa, vamos passar primeiro em meu apartamento. Preciso trocar de roupa.

Ótimo, pensou ele; faz-se a inspeção prévia do terreno e, quem sabe?

— Mas antes quero um drinque, para animar — ela retificou.

Foram ao drinque, ele recuperou não só a alegria de viver e de fazer anos como começou a fazê-los pelo avesso, remoçando. Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço.

No apartamento, ela apontou-lhe o banheiro e disse-lhe que o usasse sem cerimônia. Dentro de quinze minutos ele poderia entrar no quarto, não precisava bater — e o sorriso dela, dizendo isto, era uma promessa de felicidade.

Ele nem percebeu ao certo se estava se arrumando ou se desarrumando, de tal modo os quinze minutos se atropelaram, querendo virar quinze segundos, no calor escaldante do banheiro e da situação. Liberto da roupa incômoda, abriu a porta do quarto. Lá dentro, sua mulher e seus filhos, em coro com a secretária, esperavam-no atacando “Parabéns pra você”.

Madrugada. O hospital, como o Rio de Janeiro, dorme. O porteiro vê diante de si uma cabrinha malhada, pensa que está sonhando.

— Bom palpite. Veio mesmo na hora. Ando com tanta prestação atrasada, meu Deus.

A cabra olha-o fixamente.

— Está bem, filhinha. Agora pode ir passear. Depois você volta, sim?

Ela não se mexe, séria.

— Vai, cabrinha, vai. Seja camarada. Preciso sonhar outras coisas. É a única hora em que sou dono de tudo, entende?

O animal chega-se mais perto dele, roça-lhe o braço. Sentindo-lhe o cheiro, o homem percebe que é de verdade, e recua.

— Essa não! Que é que você veio fazer aqui, criatura? Dê o fora, vamos.

Repele-a com jeito manso, porém a cabra não se mexe, encarando-o sempre.

— Aiaiai! Bonito. Desculpe, mas a senhora tem de sair com urgência, isto aqui é um estabelecimento público. (Achando pouco satisfatória a razão.) Bem, se é público devia ser para todos, mas você compreende... (Empurra-a docemente para fora, e volta à cadeira.)

— O quê? Voltou? Mas isso é hora de me visitar, filha? Está sem sono? Que é que há? Gosto muito de criação, mas aqui no hospital, antes do dia clarear... (Acaricia-lhe o pescoço.) Que é isso! Você está molhada? Essa coisa pegajosa... O quê: sangue?! Por que não me disse logo, cabrinha de Deus? Por que ficou me olhando assim feito boba? Tem razão: eu é que não entendi, devia ter morado logo. E como vai ser? Os doutores daqui são um estouro, mas cabra é diferente, não sei se eles topam. Sabe de uma coisa? Eu mesmo vou te operar!

Corre à sala de cirurgia, toma um bisturi, uma pinça; à farmácia, pega mercurocromo, sulfa e gaze; e num canto do hospital, assistido por dois serventes, enquanto o dia vai nascendo, extrai do pescoço da cabra uma bala de calibre 22, ali cravada quando o bichinho, ignorando os costumes cariocas da noite, passava perto de uns homens que conversavam à porta de um bar.

O animal deixa-se operar, com a maior serenidade. Seus olhos envolvem o porteiro numa carícia agradecida.

— Marcolina. Dou-lhe este nome em lembrança de uma cabra que tive

quando criança, no Icó. Está satisfeita, Marcolina?

— Muito, Francisco.

Sem reparar que a cabra aceitara o diálogo, e sabia o seu nome, Francisco prosseguiu:

— Como foi que você teve ideia de vir ao Miguel Couto? O Hospital Veterinário é na Lapa.

— Eu sei, Francisco. Mas você não trabalha na Lapa, trabalha no Miguel Couto.

— E daí?

— Daí, preferi ficar por aqui mesmo e me entregar a seus cuidados.

— Você me conhecia?

— Não posso explicar mais do que isso, Francisco. As cabras não sabem muito sobre essas coisas. Sei que estou bem a seu lado, que você me salvou. Obrigada, Francisco.

E lambendo-lhe afetosamente a mão, cerrou os olhos para dormir. Bem que precisava.

Aí Francisco levou um susto, saltou para o lado:

— Que negócio é esse: cabra falando?! Nunca vi coisa igual na minha vida. E logo comigo, meu pai do céu!

A cabra descerrou um olho sonolento, e por cima das barbas parecia esboçar um sorriso:

— Pois você não se chama Francisco, não tem o nome do santo que mais gostava dos animais neste mundo? Que tem isso, trocar umas palavrinhas com você? Olhe, amanhã vou pedir ao Ariano Suassuna que escreva um auto da cabra, em que você vai para o céu, ouviu?

ESTRAMBOTE

*Que um dia Francis Jammes abra
lá no alto seu azul aprisco.*

*Mande entrar Marcolina, a cabra,
e seu bom amigo Francisco.*

CORAÇÃO SEGUNDO

— De acrílico, de fórmica, de isopor, meticulosamente combinados, fiz meu segundo coração, para enfrentar situações a que o primeiro, o de nascença, não teria condições de resistir. Tornei-me, assim, homem de dois corações. A operação sigilosa foi ignorada pelos repórteres. Eu mesmo fabriquei meu coração novo, nos fundos da casa onde moro. Nenhum vizinho desconfiou, mesmo porque sabem que costumo fechar-me em casa, semanas inteiras, modelando bonecos de barro ou de massa, que depois ofereço às crianças. Oferecia. Meus bonecos não têm arte, representam o que eu quero. Fiz um Einstein que acharam parecido com Lampião. Para mim, era Einstein. Os garotos riam, tentando adivinhar que tipos eu interpretara. Carlito! Não era. Às vezes, não sei por quê, admitia que fosse Carlito. Nunca dei importância a leis de semelhança e verossimilhança, que sufocam toda espécie de criação.

Mas, como disse, fiz meu coração sem ninguém saber. E à noite, em perfeita lucidez, abrindo o peito mediante processo que não vou contar, pois minha descrição talvez horrorizasse o leitor, e eu não pretendo horrorizar ninguém — abrindo o peito, instalei lá dentro esse coração especial, regulado para não sofrer. Ao mesmo tempo, desliguei o outro. Como? Também prefiro não explicar. Posso extrema habilidade manual, aguçada à noite, e sei o que geralmente se sabe dos órgãos do corpo e suas funções e reações, depois que ficou na moda tratar dessas coisas em jornais e revistas. Além disto, minha capacidade de resistir à dor física sempre foi praticamente ilimitada. Desde criança. Mas as dores morais, as dores alheias, as dores do mundo, acima de tudo, estas sempre me vulneraram. Recompos a incisão, senti que tudo estava perfeito, e fui dormir.

Na manhã seguinte, ao ler as notícias que falavam em fome no Paquistão, guerra civil na Irlanda, soldados que se drogam no Vietnã para esquecer o massacre, explosão experimental de bombas de hidrogênio, tensão permanente no canal de Suez, golpes vitoriosos ou malogrados na América Latina, bem, não senti absolutamente nada. O coração funcionava a contento. Fui para o trabalho experimentando sensação inédita de leveza. No caminho, vi um corpo de homem e outro de mulher esfaqueados entre restos de um automóvel. Pela primeira vez pude contemplar um espetáculo desses sem me crispar e sem envenenar o meu dia. Fitei-o como a objetos de uma casa expostos na calçada, em hora de mudança. E passei um dia normal. Trabalho, refeições, sono, igualmente

normais, coisa que não acontecia há anos.

Meu coração fora planejado para evitar padecimento moral, e desempenhava bem a função. Assisti impassível a cenas que antes me fariam explodir em lágrimas ou protestos. Felicitei-me pela excelência. Mas aí começou a ocorrer um fenômeno desconcertante. Eu, que não sofria com as doenças que me assaltavam, passei a sentir reflexos de moléstias inexistentes. Simples corte no dedo, sem inflamação, afligia-me como chaga aberta. Dor de cabeça que passa com um comprimido ficava durante semanas. Meu corpo tornou-se frágil, exposto ao sofrimento. E eu não tinha nada. Consultei especialistas, fiz checkup, não se descobriu qualquer lesão ou distúrbio funcional. Eram penas imotivadas, gratuitas. Meu coração n^o 2 passava pela radiografia sem ser percebido. Irredutível à dor moral, era invisível a aparelhos de precisão.

Comecei a sofrer tanto com os meus males carnaís que a vida se tornou insuportável. A dor aparecia especialmente em horas impróprias. Em reuniões sociais. Em concertos. No escritório, ao tratar de negócios. Então fazia caretas, emitia gemidos surdos, assumindo aspecto feroz. Assustavam-se, queriam chamar ambulância, eu recusava. Tinha medo de que descobrissem o coração fabricado.

Outra coisa: as crianças começaram a achar estranhos meus bonecos, não queriam aceitá-los. Sempre gostei de crianças. E elas me repeliam. Esmeree-me na feitura de peças que pudessem cativá-las, mas em vão.

Hoje vi um homem encostado a um oiti, diante do mar. Sua expressão de angústia dava ao rosto o aspecto de chão ressecado. Tive pena dele. Surpreso, ignorando tudo a seu respeito, mas participando de sua angústia e trazendo-a comigo para casa.

Agora à noite, decidi-me. Voltei a abrir o peito e examinei o coração segundo. Com pequena fissura no isopor, já não era perfeito. Ao tocá-lo, as partes se descolaram. Inútil restaurá-lo. Joguei fora os restos, liguei o antigo, e fechei o cavername. Talvez pela falta de uso, sinto que o coração velho está rateando. Que fazer? E vale a pena fazer? A manhã tarda a chegar, e não encontro resposta em mim.

Em janeiro choveu a potes na cidade, mas onde choveu dez vezes mais do que em outro lugar qualquer foi na Rocinha. Isso me garantiu Biguá, uma semana depois da enchente trágica. Apareceu arrasado, no escritório. Seu barraco não rolou no abismo porque Deus não quis, ou porque, a certa altura, achou que era exagero ferir assim um humilde. Mas o quartinho das crianças ficou sem telhado, os móveis fugiram na correnteza, e se vier outro toró...

— Coragem, Biguá. Pelo menos, não morreu ninguém em casa.

— Não morreu, porque pobre não morre, senão acabava a pobreza na Terra.

Os colegas ajudaram Biguá como foi possível, com roupas e um dinheirinho; não era o único atingido pela calamidade. As precisões mais urgentes foram atendidas. Restava reconstruir o barraco, e a Caixa Econômica veio em auxílio dos flagelados, seiscentos mil cruzeiros de empréstimo a cada um.

— Para mim ela não vem, que eu não tenho pistolão. Já morei na jogada.

— De qualquer jeito, taca o pedido, Biguá.

— Vou tacar, mas sei que é bobagem. Vê lá se eles dão pelota a um joão-ninguém como eu.

Dias depois, com o sorriso amargo e triunfante do pessimista, comentava:

— Eu não falei? Os engenheiros estiveram lá, viram uma porção de barracos, nem pararam na minha porta.

Mais uma semana, duas, os engenheiros pararam, assuntaram, tomaram apontamento, mas Biguá mantinha-se cético:

— Qual. Seiscentos contos, que é bom, eles não me dão.

E os meninos — sete — dormindo na casa arruinada, à luz das estrelas, quando havia estrelas. Se chovia, era um corre-corre assustado, para tirar os colchões, defender os pobrezinhos. E o vento, mosquitos, todos os males e perigos da noite, cercando a família de Biguá.

— Como é? Já chegou o tutu?

— Não chegou nem chega nunca. Eu sabia que era só pra uns, os folgados. Isso não endireita não.

Os acontecimentos passam mais depressa do que o tempo, e o tempo vai na chispada. Quem se lembra hoje do terrível janeiro? Vaga recordação, se tanto, daqueles dias e noites de pesadelo. Os que sofreram e escaparam não se queixam mais. Até Biguá, o ácido, o inconformado e descrente, silenciou — ou

são os colegas que já não lhe dão ouvidos à plangência.

Até que afinal, em dia de pouco serviço ou pouca novidade, à hora do cafezinho, alguém bole naquelas horas medonhas que o Rio passou, desabamentos, mortes, a comoção geral, o impacto.

— Ah, é verdade, Biguá, e aquele empréstimo da Caixa Econômica, hem? Você recebeu?

— Custou muito, mas recebi. Mixaria.

— Quer dizer que teu barraco foi consertado, e você nem contou pra gente.

— Não deu pra consertar nada.

— Espera aí, rapaz, seiscentos contos! Ou você queria trocar por um duplex?

— Vocês estão debochando, porque não conhecem meu barraco. Não adiantava botar telhado novo. Quem chegava lá e via a pobreza, nem olhava pra cima: baixava a cabeça. Eu tinha tristeza quando as colegas de minhas garotas iam estudar ou bater papo. Pobreza é apelido.

— E que é que você fez com o dinheiro?

— Que que eu fiz? Que que eu podia fazer? Me ofereceram uma televisão e uma geladeira de segunda mão, negócio bacana, todo mundo lá na Rocinha tem esses troços, só eu não tinha, dei quinhentos e oitenta contos pelos dois, foi isso que eu fiz. O telhado não tem jeito não, eu sei que não dou sorte, fico só pensando noutra enchente!

30/07/1966

A poetisa traz-nos seu primeiro livro, porém não o entrega logo. Fica estudando nossa expressão fisionômica antes de confiar-nos a suma de tantas vivências. Fala de coisas vagas, que se tornam mais vagas ainda, pela indecisão da palavra. Certa amiga comum nos manda lembranças. Podemos fornecer o endereço de mestre Fulano? Parece que é difícil encontrá-lo em casa, qual a melhor hora? As informações são prestadas, enquanto, por nossa humilde vez, inspecionamos a poetisa. Usa vestido elegante, sob a capa elegante. É alta, morena, jovem. Um adjetivo clareia, com espontaneidade de espelho: bonita. Parece que clareou em nosso olhar, pois ela baixa a cabeça e contempla uma formiguinha no linóleo, onde — é claro — não passa nenhuma formiguinha. O livro continua preso na mão esquerda, sem que possamos desvendar-lhe o título: pudicamente, só aparece a brancura da contracapa. Não que haja figura ou dizeres obscenos a ocultar. A poetisa oculta sua poesia, nesse primeiro contato com o exterior. Passamos à ofensiva:

- Que é isso que você tem aí?
- Isso quê?...
- O livro.
- Nada, não. É um livro.
- Deixe ver, se não é segredo de Estado.

Não era, mas o inimigo contemporiza: “Daqui a pouquinho”. O leitor, que acaso nos segue, achará a moça demasiado tímida ou esperta; com o nosso relativo conhecimento da alma literária, diremos que ela, ciente e emocionada, simplesmente retardava um momento irreparável: o momento em que seu livro deixaria o regaço materno para expor-se à condição de artigo-do-dia, olhado, pegado, comentado sem amor. Por isso a moça nos sondava antes de praticar a doação.

Acabou admitindo que publicara um livro; que trazia consigo um exemplar; que esse exemplar nos era destinado; mas não lhe pusera dedicatória e, conforme fosse a recepção, voltaria com a autora. Quisemos saber a razão de tamanha reserva. Desconversou, mas somos praça velha, e ouvimos o conto:

- Levei um exemplar ao Barata, colunista da *Folha*.
- Então?
- Me convidou para um *drink*.

— Que mal tem nisso, minha filha?

— Bom... Nem olhou para o livro, olhou só para mim, entende?

Entendíamos. Mas o Barata — ponderamos — não é propriamente crítico literário, e, como observa o prof. Afrânio Coutinho, há uma *big* diferença entre *reviewer* e crítico.

— Pois sim, o Lessa é crítico e também me convidou para um *drink*. Sem abrir o livro. Será que hoje é moda beber com o autor, antes de ler?

Não soubemos explicar à poetisa, e preferimos indagar se porventura os *drinks* lhe flagelam o fígado. Ela sorriu.

— Eu adoro um alexânder ou uma cuba-libre. Mas pensei que não fosse preciso tomá-lo para merecer um julgamento ou uma notícia.

Tranquilizamo-la a nosso respeito: não escrevemos sobre livros, não frequentamos bares, não a convidaríamos para drincar. Parece que a assustou um pouco nossa austeridade romana, se é que não vislumbrou nisso um truque novo. Afinal, o braço moveu-se, o livro foi entregue. Sem dedicatória.

— Não vai escrever nada?

— Que gostaria que eu escrevesse?

— Ah, isso você não era capaz de escrever.

Queria oferecer-nos louvores suaves, mas temia que a interpretássemos de outro jeito: queria ser seca, não podia; natural, não podia. Então deu-nos o livro sem dedicatória e, rapidamente, convidou-nos a tomar um *drink*.

E assim aquela eficiente dona de casa do Leblon resolveu o problema do arroz, do feijão, da carne e de outras preciosidades da nossa era: mudando de mercearia.

— Não! — exclamou a amiga. — Não vá me dizer que Nossa Senhora Aparecida desceu por aqui e montou um supermercado. Milagre não vale!

Pois não era milagre, quem falou nisso? Era apenas a federação, que divide (e reúne) o Brasil em nações autônomas, com seus recursos econômicos e seu comércio próprios. Os novos fornecedores de dona Araci ficam ali no estado do Rio. Não é precisamente no bairro em que ela mora, mas o casal comprou um carrinho paulista, e o marido de dona Araci é um amor: concordou em ir de lotação para o escritório. Ela pegou os dois garotos, botou-os no carro e tocou para o País da Fartura, Caxias chamado:

— Vocês dão um passeio e me ajudam a carregar os sacos.

O merceiro de Caxias vendeu a dona Araci umas duas arrobas de magnificente arroz, mas ponderou-lhe, com o saber de experiências feito:

— Madame não passa na barreira com esse sortimento. O máximo permitido são cinco quilos.

— Não seja por isso. Trouxe fronhas em quantidade, e vou transformar meus feijões e meu arroz em travesseiros para os meninos repousarem a cabeça — retrucou-lhe a precavida senhora.

Assim foi feito, e, de novo com o pé na tábua, a família voltou muito feliz para o País do Está-em-Falta, conhecido também por Guanabara.

Junto à barreira, a fila de caminhões e automóveis era longa, e os guardas procediam a uma investigação cabal. A Alfândega de Nova York não seria mais rigorosa, ao farejar entorpecentes ou engenhos nucleares. Alguns veículos retrocediam, e de outros os motoristas retiravam pacotes condenados, que eram entregues à lei, na pessoa de seus agentes implacáveis.

— Qual, não atravesso esse muro de Berlim — suspirou dona Araci, desanimada. — Eles fazem até radiografia da gente.

Nisso apareceu um cortejo fúnebre, que os guardas deixaram passar sem formalidades, dando-lhe preferência, e dona Araci não teve dúvida: incorporou-se a ele, recomendando aos garotos:

— Vocês aí: façam cara triste!

E lá se foi o enterro, enorme. Que defunto seria aquele, tão estimado, a julgar pelo número de acompanhantes, pelas fisionomias compungidas? Eis que aparece o cemitério, na curva da estrada, e de súbito o imenso acompanhamento deixa o carro mortuário quase sozinho, com um ou dois carros na retaguarda, e toca para o Rio. Os motoristas interpelam-se aos gritos:

— Quantos quilos você trouxe?

— E você?

— E você?

Dona Araci não chegou a apurar quem era o morto a que prestara aquela homenagem de emergência. Os outros também não sabiam. E daí, o caixão talvez não contivesse nenhum defunto, quem sabe?

Todo mundo foi ver a Gemini v no Passeio Público (até a enchente esteve lá, uma noite). Todo mundo, menos ele. Não que se colocasse fora da era espacial ou abominasse os Estados Unidos. Deixou de ir por preguiça. É daqueles que, para participarem de um acontecimento histórico, exigem que o acontecimento se verifique no bairro, de preferência na rua onde moram. Em horário cômodo.

Mas chegou o neto de longes plagas, doido de vontade de ver a cápsula, e sem condições para ir sozinho ao centro da cidade. Pediu ao avô que o levasse.

— Nunca! Está um calor de lascar.

— A gente toma uns sorvetes e vai em frente.

— Sem um pingo d'água em casa!

— E daí? Pra ver a Gemini não precisa de água. Astronauta é que precisa de muita, pra não desidratar no espaço.

— Amanhã nós vamos, menino.

— Amanhã a cápsula sobe pra Petrópolis e não volta mais ao Rio. Você parece que não lê jornal!

Impossível resistir. Os dois se mandaram para o centro. Lá estava, no jardim, convidativa como um circo, a barraca de plástico encerrando a supermáquina. “Que chateação!” — pensou o velho. O neto pensava exatamente o contrário. Tanto que, mal avistou a barraca, acelerou o passo, deixando o avô à distância. Em disparada entrou no recinto.

A progressão nas duas escadinhas laterais era lenta, porque os visitantes queriam ver bem a cápsula; alguns o faziam com ar entendido, de quem já entrou em órbita e é íntimo do Schirra e do Cooper. Certamente, para o garoto o ideal seria que todos fossem embora e ele tomasse posse da cápsula. Mal subiu o primeiro degrau, estendeu as mãos para o plástico da cobertura, alisou-o como quem faz carícia. Depois, os dedos passaram ao revestimento metálico. Apalpava a matéria com força, para testá-la, talvez para comunicar-lhe toda a sua emoção.

— Olhe para dentro, repare no painel, nos assentos do piloto e do copiloto — sugeriu o visitante de trás, vendo que o garoto não desatava.

Mas ele não tinha tanto olhos de ver quanto mãos de pegar. O tato procurava convencer-se da materialidade da cápsula, esgotar a percepção; depois, a vista que entrasse com seu jogo. Meteu a unha no casco de titânio, querendo tirar uma

lasquinha que fosse. Conseguiu uns fiapos, recolhidos imediatamente ao bolso da camisa. Depois arranhou a bandeira norte-americana pintada na fuselagem. Sem a menor intenção de desacato: para conseguir uns grânulos de tinta vermelha das listras, que serviriam, com os fiapos, de eterna recordação e comprovação do encontro, se os colegas duvidassem.

Pressionado pela fila, teve de descer do outro lado, mas avisou: “Vou subir muitas vezes”. E subiu e desceu tantas vezes, contornando a barraca, que mais parecia a própria cápsula, dando voltas à Terra. Já agora, eram os olhos que desfrutavam a viagem. Tiravam fotos retinianas de cada instrumento, cada botão, cada partícula prestigiosa do prestigioso conjunto.

E não descansou. Concluído o voo orbital, aterrisou junto ao funcionário incumbido de dar explicações a quem quisesse. Crivou-o de perguntas, discutiu pontos técnicos da próxima alunissagem. A certa altura, o funcionário coçou a cabeça:

— Isso eu não sei informar, me faltam dados... Desculpe.

Ao voltarem para casa, confidenciou ao avô:

— Soprei em cima do vidro, para deixar o meu hálito. E risquei como pude minhas iniciais.

De sorte que o avô regressou sem ter visto propriamente a Gemini V, mas ainda a está observando, perfeita, em pleno voo, na fisionomia grave do garoto, que ainda não regressou do cosmo.

26/01/1966

O sol apareceu, como no primeiro dia da Criação. E tudo tinha mesmo ar de primeiro dia da Criação, com o mundo a emergir, hesitante, do caos. Três dias e três noites a tempestade esmigalhara árvores, pedras, casas, caminhos, postes, viadutos, veículos, matara, ferira, enlouquecera. Vistas do alto, as partes esplêndidas da cidade continuavam esplêndidas, mas entre elas as marcas de destruição exibiam-se como chagas de gigante. Os homens entreolharam-se. Estavam salvos. Salvos e ilhados no alto do Corcovado.

A estrada tinha acabado, o telefone tinha acabado, a energia tinha acabado, e, por azar, não havia rádio de pilha para pegar notícias. Decerto, lá embaixo providenciavam a recuperação das estradas, mas quando se lembrariam deles, pequena fração humana junto da estátua? Daí, lá tem bar, um bar dispõe de lataria e garrafas para um ano. Não, um ano é demais, até uma hora é demais para eles que passaram meia semana isolados e fustigados pelo aguaceiro entre céu e terra.

Os mais moços não quiseram esperar, foram abrir caminho a golpes de imprudência. Mocidade pode mais o impossível do que o possível — e descer naquelas condições era mesmo coisa de doido. Com certeza chegaram a salvamento, como acontece aos doidos. Os que ficaram sentiram inveja e despeito. A turma de trabalhadores não vinha remover as barreiras caídas. O dia passou. A noite foi inquieta. Parentes lá embaixo esperavam aflitos, se é que não tinham morrido.

A mais bela paisagem do mundo — dizem os cartazes de turismo; eles também achavam que sim, mas como suportá-la na manhã seguinte, se a vista aumentava a angústia, pela impossibilidade de alcançar aqueles sítios, pura miragem?

— Evém um helicóptero! — gritou alguém, e veio mesmo, mas passou sem pousar; ia revezar a turma da torre da radiopatrulha, mais adiante. O pessoal do Cristo que se pegasse com o Cristo, a cuja sombra trabalha — pensariam talvez as pessoas que, embaixo, cuidavam de tudo.

Dos dez que ganham a vida na montanha, seis já tinham descido. Os quatro restantes, enervados, não tinham mais de que conversar. O sol brilhando, a cidade se refazendo, eles presos ali, prisão sem grade, à espera de serem lembrados. O pico virou ilha, tudo mais era oceano sem navio.

Dois não aguentaram mais; despediram-se como presidiários antes de tentar fuga. Prometeram levar notícias dos que ficaram: o gerente e o garçom do bar.

Estes, por acaso, moram no mesmo subúrbio: Cachambi. Olham sempre na mesma direção, como se, por absurdo, quisessem distinguir o aceno de mão longínqua. Isto os reúne mais; desfaz um vínculo e cria outro, espontâneo. O gerente não é mais um velho patrão, o outro não é mais empregado. Vivem uma só experiência, fora das leis de trabalho. E se o garçom tentasse descer? Ainda é forte, pode tentar. “Você não tem obrigação de me fazer companhia.” Mas ele não tenta, para não abandonar o outro: “Não iria deixar o senhor sozinho”. O gerente nunca imaginara ouvir uma coisa dessas. O próprio garçom ficou espantado depois que a disse. Era pra valer. Amanhã ou depois serão recolhidos — sabemos nós, não eles. Tempo não se mede pelo relógio, mas pelo vácuo de comunicação, pela expectativa sem segurança. E nessa situação, insignificante para nós, ilimitada para eles, dois homens descobrem-se um ao outro.

19/01/1966

PREMONITÓRIO

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama:

Não saia casa 3 outubro abraços.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virumque cano*, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos”. Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Ai, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer.

Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” — disse-lhe o chefe. — “Que sabe a respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

DEPOIS DO JANTAR

Também, que ideia a sua: andar a pé, margeando a Lagoa Rodrigo de Freitas, depois do jantar.

O vulto caminhava em sua direção, chegou bem perto, estacou à sua frente. Decerto ia pedir-lhe um auxílio.

— Não tenho trocado. Mas tenho cigarros. Quer um?

— Não fumo — respondeu o outro.

Então ele queria é saber as horas. Levantou o antebraço esquerdo, consultou o relógio:

— 9h17m... 9h20m, talvez. Andaram mexendo nele lá em casa.

— Não estou querendo saber quantas horas são. Prefiro o relógio.

— Como?

— Já disse. Vai passando o relógio.

— Mas...

— Quer que eu mesmo tire? Pode machucar.

— Não. Eu tiro sozinho. Quer dizer... Estou meio sem jeito. Essa fivelinha enguiça quando menos se espera. Por favor, me ajude.

O outro ajudou, a pulseira não era mesmo fácil de desatar. Afinal, o relógio mudou de dono.

— Agora posso continuar?

— Continuar o quê?

— O passeio. Eu estava passeando, não viu?

— Vi sim. Espera um pouco.

— Esperar o quê?

— Passa a carteira.

— Mas...

— Quer que eu também ajude a tirar? Você não faz nada sozinho, nessa idade?

— Não é isso. Eu pensava que o relógio fosse bastante. Não é um relógio qualquer, veja bem. Coisa fina. Ainda não acabei de pagar...

— E eu com isso? Então vou deixar o serviço pela metade?

— Bom, eu tiro a carteira. Mas vamos fazer um trato.

— Diga.

— Tou com dois mil cruzeiros. Lhe dou mil e fico com mil.

— Engraçadinho, hem? Desde quando o assaltante reparte com o assaltado o produto do assalto?

— Mas você não se identificou como assaltante. Como é que eu podia saber?

— É que eu não gosto de assustar. Sou contra isso de encostar o metal na testa do cara. Sou civilizado, manja?

— Por isso mesmo que é civilizado, você podia rachar comigo o dinheiro. Ele me faz falta, palavra de honra.

— Pera aí. Se você acha que é preciso mostrar revólver, eu mostro.

— Não precisa, não precisa.

— Essa de rachar o legume... Pensa um pouco, amizade. Você está querendo me assaltar, e diz isso com a maior cara de pau.

— Eu, assaltar?! Se o dinheiro é meu, então estou assaltando a mim mesmo.

— Calma. Não baralha mais as coisas. Sou eu o assaltante, não sou?

— Claro.

— Você, o assaltado. Certo?

— Confere.

— Então deixa de poesia e passa pra cá os dois mil. Se é que são só dois mil.

— Acha que eu minto? Olha aqui as quatro notas de quinhentos. Veja se tem mais dinheiro na carteira. Se achar uma nota de dez, de cinco cruzeiros, de um, tudo é seu. Quando eu confundi você com um mendigo (desculpe, não reparei bem) e disse que não tinha trocado, é porque não tinha trocado mesmo.

— Tá bom, não se discute.

— Vamos, procure nos... nos escaninhos.

— Sei lá o que é isso. Também não gosto de mexer nos guardados dos outros. Você me passa a carteira, ela fica sendo minha, aí eu mexo nela à vontade.

— Deixe ao menos tirar os documentos?

— Deixo. Pode até ficar com a carteira. Eu não coleciono. Mas rachar com você, isso de jeito nenhum. É contra as regras.

— Nem uma de quinhentos? Uma só.

— Nada. O mais que eu posso fazer é dar dinheiro pro ônibus. Mas nem isso você precisa. Pela pinta se vê que mora perto.

— Nem eu ia aceitar dinheiro de você.

— Orgulhoso, hem? Fique sabendo que tenho ajudado muita gente neste mundo. Bom, tudo legal. Até outra vez. Mas antes, uma lembrancinha.

Sacou da arma e deu-lhe um tiro no pé.

CASO DE ESCOLHA

O padrinho foi ao colégio, na Muda, e tirou Guilherme para passear. Olhos de inveja do irmão, também interno, mas sem direito a sair, porque seu comportamento era do tipo “deixa muito a desejar”, na linguagem do padre-reitor. Desejar o quê — ele não sabia. Sabia que o irmão ia gozar a vida lá fora, ar, ruas, cinemas, tudo aquilo que vale a pena, enquanto ele, Gustavo, continuaria mergulhado no mar-morto do pátio, dos corredores, do nhe-nhe-nhem cotidiano.

Guilherme tinha planos para a emergência, e todos se resumiam em tirar o máximo possível da liberalidade do padrinho.

— O senhor me dá um presente de aniversário?

— Seu aniversário é daqui a oito meses.

— É, mas...

— Bem, eu dou.

O padrinho propôs-lhe um blusão alinhado, mas ele entendia que roupa é obrigação de pai e mãe — não vale. Livro também não. Nas férias aceitaria a coleção de *science fiction*, mas em pleno ano letivo, para descanso de tanta labuta no campo da ciência e das letras, o que lhe convinha mesmo era um brinquedo bem legal.

— Brinquedo? Mas você pode brincar com essas coisas no colégio?

— Posso.

Talvez não pudesse, mas isso eram outros quinhentos. Foram à loja de brinquedos. O problema era escolher entre o trem elétrico, o foguete cósmico, a caixa de aquarela, o equipamento de Bat Masterson, o cérebro eletrônico e outras infinitas tentações.

— Vamos, escolhe — dizia o padrinho, disposto a tudo, menos a esperar.

Ele comparava, meditava, decidia, arrendia-se. E como era impossível levar todos os brinquedos que o atraíam, pois cada um tinha seu inconveniente, que era não ter as qualidades dos demais, repeliu todos:

— Quero aquela gaitinha. Aquela verde, ali.

O padrinho fez-lhe a vontade, sem compreender. Uma bobagem de oitenta cruzeiros!

No colégio, Gustavo queria saber. E sabendo, escarneceu:

— Você é mesmo uma besta. Tanta coisa bacana para escolher, e vem com essa gaitinha mixa.

Guilherme quis provar que não era mixa coisa nenhuma, tinha um engaste de pedrinhas faiscantes, som espetacular. O irmão voltou-lhe as costas, com desprezo:

— Palhaço!

Ah, se fosse com ele... E Gustavo passou a comportar-se melhor, na esperança de também ir à cidade.

Um dia o padrinho dele apareceu, saíram. Aplicou o golpe do aniversário. O padrinho, igual a todos os padrinhos do mundo, pensou em oferecer-lhe um blusão alinhado. Recusou, e foram parar na loja de brinquedos.

Gustavo olhou superiormente para o monte de coisas que derrotara Guilherme. Sabia escolher, e preferiu logo a metralhadora japonesa. Mas pensou que se cansaria depressa do seu papoco; trocou-a por um marciano com bateria; os marcianos passam de moda; quem sabe se esse laboratório de química? Não, chega a química do programa. Foi escolhendo, refugando, substituindo. O padrinho consultava o relógio: “Escolhe, menino!”. Era preciso escolher para sempre. E nada lhe agradava para sempre, nada valia verdadeiramente a pena. Com angústia lembrou-se do irmão, procurou aflito uma coisa no milheiro de coisas e, apontando-a, murmurou:

— Quero aquela gaitinha.

A Associação dos Antigos Alunos do Professor Penaforte é modelo do gênero. Os associados pagam pontualmente as mensalidades, reúnem-se cordialmente em almoço no último sábado do mês, e agora resolveram editar um boletim: publicação modesta, trinta e duas páginas, que divulgue êxitos profissionais dos colegas, movimento da AAPP, essas coisas.

Pequeno aumento nas contribuições não afeta os Antigos Alunos, todos bem de vida ou a caminho de. O menos bem é talvez dr. Ariosto: ainda não pôde abrir mão do empreguinho burocrático, ou não soube transformá-lo em doce cargo de muita remuneração e zero obrigação. Grande praça, dr. Ariosto: sempre disposto a ajudar, a fazer força, de modo que o lugar de redator-secretário do boletim lhe cabe indiscutivelmente, como lhe coube o de tesoureiro da AAPP, sem falar em todas as demais funções da diretoria, nos casos de impedimento temporário, isto é, permanente, de colegas ocupadíssimos, além de ilustríssimos.

Redator-secretário pressupõe existência de outros redatores, inclusive redator-chefe... mas deixa, Ariosto escreve para mim este artigo, pois no sítio lá em Pires do Rio o fim de semana é danado de barulhento. E assim por diante, dr. Ariosto dá conta de tudo, escreve, reescreve o que os outros alinhavaram mal-mal. Só que os originais precisam ser uniformizados. Datilógrafa esmerada, rápida, como encontrá-la? D. Jerusa, colega de repartição, precisa de uns bicos: só o cabeleireiro leva metade do ordenado. Há tempos pedira a dr. Ariosto que, se soubesse de algum servicinho de máquina em embaixada, não deixasse de avisá-la: esses boletins mimeografados, sabe como é? Pois ali estava o boletim, não de embaixada, mas de uma associação de gente distinta, que paga corretamente. D. Jerusa lamentou-se: fora atacada por esse monstro moderno, alergia. Não pode nem ver papel, quanto mais lidar com ele.

O bom dr. Ariosto resigna-se a ser datilógrafo de si mesmo e da AAPP, em sigilo. Como tudo que faz tem o selo do capricho, a AAPP felicita-o por ter arranjado uma datilógrafa perfeita. O presidente pergunta-lhe se, além de perfeita, é bonita. Ariosto sorri, quer omitir a informação, o outro insiste, ele admite que não é feia.

— Pois traga a moça aqui, para a cumprimentarmos pelo serviço.

— Não convém. É muito tímida.

Toda vez que chegam os originais, batidos impecavelmente, repete-se o coro

de louvores.

— E nós que ainda não nos lembramos de pagar-lhe. Quanto deve ser?

— Não se preocupem — responde dr. Ariosto. — Ela faz isso de camaradagem. Não precisa de dinheiro.

— Deveras? Não é justo. Temos de remunerar o trabalho da moça. Qual o nome dela, o endereço?

Explicou que a moça fazia o serviço por amizade a ele, e recusava terminantemente gratificação, sob pena de não botar mais o dedo no boletim; além do mais, era admiradora do saudoso professor Penaforte. A essa altura, dr. Ariosto verificou, estupefato, sua própria capacidade de mentir, ele que é a verdade em pessoa. Amizade, hem? Acabaram imaginando que a datilógrafa era namorada dele. E concluíram que ela merecia um presente, com os agradecimentos da AAPP.

— Agradecimentos que devem constar na ata — ponderou o presidente. — Essa jovem é uma pérola.

Dr. Ariosto lutou como leão para impedir a homenagem, mas, perturbado, acabou dando o nome de d. Jerusa. Saiu em disparada para avisá-la, pedir-lhe mil desculpas. Quando aparecesse o mensageiro, com um embrulho de presente e um ofício...

— Não posso aceitar — disse d. Jerusa, inflexível. — Devolvo.

— Não faça isso!

— Então mando botar na sua mesa.

Foi uma África obter que aceitasse a linha completa de produtos de beleza. No ofício, além do mais, o presidente convidava-a para um chá na sede, onde receberia cumprimentos.

— Pensando bem, dr. Ariosto, eu vou. Não devo desapontar o presidente. Parece tão simpático!

Bom, dr. Ariosto não tinha nada com d. Jerusa, mas não é que o picou um vago ciúme do presidente?

08/06/1966

Quando José Alves viu Brandão chegar a sua porta, pensou em coisa má, porque boa não devia ser. Brandão era senhorio, vinha talvez aumentar o aluguel. Ou, então, dizer que os meninos estragavam muito a casa, a começar pelo lado de fora. José Alves pagava mais ou menos em dia, salvo ocasiões de doença. Era condutor de bonde, vale dizer, tinha dinheiro curto. Mas o jeito de Brandão era benigno, e sua voz, logo às primeiras palavras, denotava algo que parecia emoção ou, mais simplesmente, embaraço.

— Bom dia, Zé. Seu pessoal vai bem? Tudo legal? Vim aqui cedinho com medo de não encontrar mais você. Careço de um favor seu.

— Vamos ver, seu Brandão.

— Até não queria vir, para não amolar um cristão, mas a patroa insistiu. A patroa disse assim: Procura o Zé Alves que ele atende. O Zé Alves é camarada e compreende essas coisas. Acontece o seguinte, Zé, nós tínhamos lá em casa um cachorro de estimação, o Sentinela, não sei se você reparou nele, nem era cachorro, era um amigo da gente, com perdão do exagero, até parecia um filho de rabo. Criação, quando a gente se apegava, é o diabo. Pois o Sentinela morreu ontem de noite.

— Sinto muito, seu Brandão.

— Obrigado. Ele merecia. Mas agora está um caso sério, porque eu não vou jogar o bichinho no lixo nem dar sumiço nele. Tenho de enterrar, não acha? E lá em casa, você sabe, é apartamento de instituto, sem um palmo de terra. Então a patroa lembrou: O Zé Alves tem um quintalzinho, fala com ele.

— Tá certo, seu Brandão, disponha.

O outro agradeceu e saiu afobado para voltar uma hora depois, com um caixotinho fechado e um crioulo munido de enxada. Não quis abrir o caixote, por causa da exalação. Num átimo, a cova estava pronta e o sepultamento se fez. José tinha saído para o batente. Brandão agradeceu muito à senhora dele.

No batente, José ficou pensando aquilo que não tivera tempo de pensar na rapidez da conversa. História esquisita, essa de enterrar cachorro no quintal dos outros. Enfim, cada um com sua mania. Mas à noite, na cama, ideias estranhas lhe afloraram à cabeça. A mulher de Brandão era parteira, tinha fama de fazer anjinho. Era muito possível que... Minha Nossa Senhora, em que burrada me meti. E não dormiu um segundo, pensando naquela coisinha humana no frio da

terra, e ele preso, processado, poxa! A mulher tinha o mesmo pensamento negro. Ia dar bode.

No outro dia, José madrugou no distrito e contou ao primeiro sujeito com cara de autoridade que lá encontrou. O sujeito coçou o queixo, indagou aborrecido: “Tem certeza?”. Ele respondeu: “Quer dizer, certeza mesmo não, mas estou quase jurando que ali tem coisa”. Um investigador foi buscar Brandão, que apareceu de cara amarrada, veio também um médico-legista, e a caravana partiu para a ruinha de subúrbio, onde já estava apinhada pequena multidão em frente à casa de Zé Alves. O povo tem radar para esses casos.

Abriu-se a cova, apareceu o caixotinho lambuzado de terra. O mau cheiro não perturba aqueles homens habituados, mas a qualidade do mau cheiro não passou despercebida ao médico. O círculo de curiosos tapou o local da diligência. “Desafasta!”, resmungou um investigador. Abriu-se o caixotinho. O doutor se debruçou profissionalmente. Brandão tapou os olhos, apertou os lábios...

Era cachorro.

VOLUNTÁRIO

O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal. Ninguém lhe dá a idade que tem, ao vê-lo caminhar desempenado, botar colchão na cabeça, carregar dois meninos ao mesmo tempo, inclinar-se até o ladrilho, reassumir a postura ereta sem estalo nas juntas. Só que não se apressa, e quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ou a gritar ordens, aconselha por baixo da bigodeira branca:

— Eh lá, não te apures que é lançante.

E se o outro não entende:

— Devagar pelas pedras, amigo!

Está sempre recomendando calma e jeito; bota a mão no ombro do voluntário insofrido, e diz-lhe, olhos nos olhos:

— Não guasqueies sem precisão nem grites sem ocasião, homem!

O outro, surpreso, ia queimar-se, mas o rosto claro e amical do velho o desarma. Ainda assim, pergunta:

— Mas por quê?

— Porque senão te abombachas no banhado, chê!

Como tem prática de campo e prática de cidade, prática de enchente, de seca, de incêndio, de rodeio, de eleição, de repressão a contrabando e prática de guerra (autobiografia oral), propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados:

— Pois não sabes que tropa grande se corta em mais de um lote pra que vá mais ligeiro?

Ajuda mesmo, em vez de atrapalhar, e procurar impedir que outros atrapalhem, o que às vezes aumenta um pouco a atrapalhação, mas tudo se resolve com bom humor. Vendo o rapazinho imberbe que queria tomar a si o caso de uma família inteira, que perdera tudo, afasta-o de leve, explicando:

— Isto não é cancha pra cavalo de tiro curto.

Nomeia o rapazinho seu ajudante de ordens, e daí a pouco a família sente que, depois de tudo perder, achara uma coisa nova: proteção e confiança.

Anima a uns e outros, não quer ver ninguém triste demais da conta. Suspende no ar o garotinho que não fala nem chora, porque ficou idiotizado de terror, puxa-lhe o queixo, dá-lhe uma pancadinha no traseiro, e diz-lhe:

— Estás que nem carancho em tronqueira, piazito! Toma lá este regalo.

O regalo é um relóginho de pulso, de carregação, que ele saca do bolso da calça como se fosse mágico — e é capaz de tirar outros, se aparecerem mais garotos infelizes.

Há confusão na calçada, parece que um descuidista arrebatou a bolsa daquela senhora. O velho vai ver o que é, procuram convencê-lo de que não vale a pena se meter:

— Vovô, se cuide!

Mas ele tem resposta na ponta da língua:

— Que está me dizendo? Eu ainda pealo de colher um tourito xucro!

Como o ladrão deu no pé, não houve tempo de pealar, pelo que ele volta sentenciando:

— Bem que este merecia um chá de casca de vaca!

Por cima de tudo, é velho galante, embora respeitador. Não deixa passar brotinho no salão da escola, transformada em abrigo, sem lhe dirigir um olhar aprovador, de homenagem. A bandeirante, cantando e ninando o bebê sem mãe, que a enxurrada levava até aquele porto, era tão bonita que ele não se conteve, virou poeta:

— *No mais duro pau de espinho*

Nasce uma rosa fragrante!

As moças já estão com saudade prévia dele: quando a situação se normalizar, e as feridas se curarem, o velhinho volta para o Rio Grande.

16/01/1966

O encarregado do posto de lubrificação, sozinho àquela hora, estranhou os vultos que vinham a pé, na estrada. O sol nascia; apenas alguns caminhões passavam, transbordando de legumes. Os três homens caminhavam sem pressa, no leito da rodovia, indiferentes ao risco. Motoristas jogavam-lhes palavrões, sem que eles se importassem. Estavam vestidos de maneira inabitual, um de vermelho, outro de verde, outro de roxo; as roupas se assemelhavam a túnicas, dessas que o rapaz da lubrificação estava acostumado a apreciar em filmes de Victor Mature e vira uma só vez na vida real, quando passou por ali, rumo a São Paulo, o carro do embaixador da Índia, e uma jovem morena descera para contemplar a paisagem.

Como os estranhos parassem diante do posto, teve vontade de aproximar-se e perguntar o que desejavam. Mas deteve-se. Eram três, ele estava desarmado, não sabia que espécie de gente era aquela.

O mais alto deles ficava ainda mais esguio olhando para o céu, como quem indaga o tempo. Os outros miravam um ponto vago, esperando decerto que ele comunicasse o resultado da inspeção. Não houve palavras, entretanto. O homem comprido, de vermelho, baixou a cabeça e fitou por sua vez os companheiros. Entendiam-se pelo olhar, era evidente. Não careciam de palavras, ou temiam empregá-las. Tratava-se, realmente, de indivíduos suspeitos.

Mas a suspeição que irradiavam era de natureza especial. O rapaz do posto — já é tempo de chamá-lo Marcos, pois assim fora batizado e registrado — imaginara no primeiro instante que fossem ladrões. Depois, pela excentricidade dos trajés, supusera-os simplesmente loucos. Agora percebia neles a majestade, ao mesmo tempo gloriosa e simples, de personagens de histórias da infância, no Nordeste, quando Carlos Magno ia com ele morro abaixo, morro acima, e Rolando e d. Pedro I enchiam o ar com o retintim de espadas românticas.

Não sabendo como falar-lhes, nem recebendo deles qualquer pedido, Marcos estendeu-lhes um copo d'água, que um bebeu devagar, embora o rosto fosse sede pura. Os outros dois fizeram o mesmo, sucessivamente. Agradeceram com os olhos, e foram-se.

Ao chegarem os colegas de trabalho, Marcos, pressentindo a importância do encontro, não quis contar-lhes nada. E eles vinham justamente fazendo troça dos tipos encontrados em caminho, que davam dor de cabeça aos motoristas. Nunca

se xingara tanto numa estrada do Rio. Pois os três caminhavam para o Rio de Janeiro, sempre consultando o espaço.

O ônibus freou brusco, para não amassá-los. O motorista quis descer justamente para amassá-los, na raça. Entre os passageiros, as definições variavam: eram contratados de casa comercial, em promoção de festas; tinham bebido demais e erravam a esmo; não, são figuras de rancho ensaiando para Carnaval; ou palhaços de circo, descansando. Fugiram do hospício; são doidos mansos; pois sim, experimenta bulir com eles. Desceram do foguete interplanetário, numa praia fluminense. Marcianos? Isso não: uniformes russos, meu velho.

Marcos trabalhou o dia todo com o pensamento naqueles três homens diferentes que, sem nada falar, lhe insinuaram muitas coisas. Não eram propriamente nobres, se bem que na poeira das vestes se entremostrasse nobreza. Em seu entendimento singelo, Marcos apreendia o recolhimento deles, sentia-os empenhados numa busca infatigável e serena, que não se faz por meio de perguntas. Eram ridículos talvez, exatamente porque não tinham qualquer relação com o lugar por onde passavam, não se serviam de nada que hoje em dia se usa para viajar. De onde vinham, por que vinham, o empregado de um posto de gasolina seria incapaz de saber. Mas sabia intuitivamente que levavam consigo uma alta obrigação.

No dia seguinte, Marcos leu no jornal que foram presos na Penha três indivíduos trajados de modo grotesco, ao atravessarem a linha férrea. Pareciam estrangeiros, nada carregavam, nada souberam responder. O delegado solicitara um intérprete da Polícia Técnica, mas não fora atendido porque era meio-feriado, com expediente suspenso para que toda gente fosse assistir, no Maracanã, com a presença das autoridades, à festa da recepção simbólica aos Três Reis Magos.

CASO DE CANÁRIO

Casara-se havia duas semanas. E por isso, em casa dos sogros, a família resolveu que ele é que daria cabo do canário:

— Você compreende. Nenhum de nós teria coragem de sacrificar o pobrezinho, que nos deu tanta alegria. Todos somos muito ligados a ele, seria uma barbaridade. Você é diferente, ainda não teve tempo de afeiçoar-se ao bichinho. Vai ver que nem reparou nele, durante o noivado.

— Mas eu também tenho coração, ora essa. Como é que vou matar um pássaro só porque o conheço há menos tempo do que vocês?

— Porque não tem cura, o médico já disse. Pensa que não tentamos tudo? É para ele não sofrer mais e não aumentar o nosso sofrimento. Seja bom; vá.

O sogro, a sogra apelaram no mesmo tom. Os olhos claros de sua mulher pediram-lhe com doçura:

— Vai, meu bem.

Com repugnância pela obra de misericórdia que ia praticar, ele aproximou-se da gaiola. O canário nem sequer abriu o olho. Jazia a um canto, arrepiado, morto-vivo. É, esse está mesmo na última lona, e dói ver a lenta agonia de um ser tão gracioso, que viveu para cantar.

— Primeiro me tragam um vidro de éter e algodão. Assim ele não sentirá o horror da coisa.

Embebeu de éter a bolinha de algodão, tirou o canário para fora com infinita delicadeza, aconchegou-o na palma da mão esquerda e, olhando para outro lado, aplicou-lhe a bolinha no bico. Sempre sem olhar para a vítima, deu-lhe uma torcida rápida e leve, com dois dedos, no pescoço.

E saiu para a rua, pequenino por dentro, angustiado, achando a condição humana uma droga. As pessoas da casa não quiseram aproximar-se do cadáver. Coube à cozinheira recolher a gaiola, para que sua vista não despertasse saudade e remorso em ninguém. Não havendo jardim para sepultar o corpo, depositou-o na lata de lixo.

Chegou a hora de jantar, mas quem é que tinha fome naquela casa enlutada? O sacrificador, esse, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.

— Ui!

Não é que o canário tinha ressuscitado, perdão, reluzia vivinho da silva, com uma fome danada?

— Ele estava precisando mesmo era de éter — concluiu o estrangulador, que se sentiu ressuscitar, por sua vez.

O BEIJO NOS LÁBIOS

Não sou de escutar conversa alheia, mas aquela mulher falava tão alto, na fila do cinema, que tive de tomar conhecimento do que dizia à outra, sobre um certo Sebastião:

— Menina, o Sebastião aprontou uma! Acabou com a festa. Nem o bolo a gente pôde comer. Porque o bolo era para ser partido à meia-noite. Minha prima não quis partir mais cedo, ela tinha razão, o pessoal come o bolo e dá no pé. Aí ela disse assim: “Bolo só à meia-noite, vocês vão se divertindo aí com a batida e os sanduíches, bolo não”. Aí o pessoal começou a animar, quando chegou o Sebastião. Você sabe que o Sebastião é bom de música. Aí minha prima pediu a ele que tocasse alguma coisa, ele respondeu que não estava de bossa. Aí a turma rodeou ele, dizendo que ele estava se fazendo de tampinha de refrigerante, que só dá prêmio de automóvel de dez em dez anos, mas Sebastião nem deu pelota, de cabeça baixa, sentado, enxugando a batida. Aí a mulher do Lindolfo, aquela ruiva compridona que eu não vejo charme nenhum nela, dizem que tem, eu não vejo, chegou perto dele e disse assim com açúcar: “Sebastião, se eu pedir para você tocar, você me nega?”. Aí Sebastião baixou mais a cabeça, enxugou outra batida, todo mundo estava chateado, porque ele no violão é o máximo, aí a Santuza compridona, porque o nome dela é Santuza, disse assim para todos ouvirem: “Sebastião já foi Sebastião, hoje não toca nem apito”. Aí Sebastião levantou o queixo, sacudiu a cabeleira, enxugou o copinho de uma golada, tacou o violão. Menina, foi uma coisa. Que foi que ele tocou? Tudo. Chico Buarque, Noel, Caymmi, o que ele ia inventando, porque Sebastião sabe a escrita. E não parava mais. Pois aí de repente ele parou, levantou, botou o violão no banquinho com toda cortesia, foi direto à Santuza e tacou um senhor beijo na boca dela. Aí o Lindolfo que viu a coisa ficou branco, mas disfarçou, riu meio desbotado, disse assim: “Sebastião, você se esqueceu, sua mulher é aquela ali”, e apontou para a Elisete mulher dele, que estava lá desde cedo ajudando minha prima preparar a festa. Sebastião não disse uma palavra, foi em frente, beijou a Elisete na boca, mas sem aquele fogo todo. A Elisete ainda fez um jeito assim de fecho éclair na boca, mas deve ter percebido que o melhor era bancar a superior, afrouxou. A turma toda parada, vendo. Aí Sebastião marchou pra minha prima, tacou um

beijo nela. Claro, na boca. Aí o pessoal, não sabendo o que fazer, começou a rir, um disse assim: “Ele está alto, vamos tirar ele daí”. Aí o Sebastião ainda beijou mais umas duas, parou no meio da sala, disse assim: “Eu estou me despedindo de minhas amizades, porque vou morrer”. E caiu duro no chão. Durinho, durinho. A Santuza deu um grito, a Elisete outro, aí o povo todo acudiu, foi aquela confusão, nada de Sebastião mexer, não tem telefone, chama táxi, leva ele pro Prontocor, o coração ainda está batendo, e tal e coisa. Resultado: botaram o Sebastião no carro, saiu uma procissão de táxis atrás dele, eram onze e meia. Aí chegou no Prontocor, o doutor mandou o pessoal sair, ninguém queria largar o Sebastião, as mulheres choravam, mais de sete chorando, sete ou dez, sei lá. Aí fecharam Sebastião lá dentro, uma enfermeira abriu a porta depois de meia hora, disse que por enquanto não podia dizer nada, era preciso um eletro. Aí tiraram o eletro, custou às pampas, o pessoal aflito, no sereno, aí o doutor veio dizendo que Sebastião estava melhor, o coração dele é perfeito, não tinha nada no coração, o que ele tinha não disse. Aí a gente ficou pensando, mas que negócio é esse, como é que Sebastião foi fazer uma coisa dessas, atrapalhar a festinha tão bacana, o bolo ficou sem partir, um bolo espetacular, você já imaginou que vexame?

SEBASTIÃO EXPLICA-SE

Escutar conversa dos outros dá nisso: na portaria do jornal esperava-me a seguinte carta:

“Sr. CDA: A história de Sebastião, contada pela tal senhora na fila do cinema, passou-se comigo, Sebastião Lâmpada Araújo (Lâmpada não é nome de família, foi meu pai que achou a palavra bonita e acrescentou no registro). Quem contou a história não precisava dizer que é prima da dona da casa. Eu era capaz de jurar quem era; pelo jeito de falar e a mania do exagero. O senhor parece que anda de gravador na mão, estou vendo aquela madama abrir a boca para dizer tanta, não direi besteira, mas o senhor sabe o que quero dizer. Ontem no serviço fui muito perturbado por causa do seu artigo. Todo mundo me gozando etc. Sou servidor da Petrobras, e não um irresponsável como se deduz da referida conversação. Pois o que a tal cavalheira (cujo nome prefiro não mencionar em atenção ao marido dela, que merece o meu respeito), o que ela anda espalhando sobre a festa é o fim. Nada disso aconteceu, posso lhe certificar com o testemunho de amigos que não me deixam mentir. Eu, beijar a boca de damas tão distintas, salvo minha senhora que é também distintíssima mas que tenho pleno direito de oscular onde e quando bem entender, o que aliás não fiz na tal festa? Ora, meu senhor, essa não. Desafio a leviana informante a provar que beije na boca quem quer que seja, não porque as senhoras presentes não merecessem tal homenagem, mas porque a verdade acima de tudo, e além do mais sei guardar as leis da

conveniência, conheço a hora e vez de beijar, a quem beijar e como beijar. Eu até sou grato à mesma senhora por apreciar meus dotes ao violão, se bem que ainda uma vez ela se enganou ao dizer que executei peças de Noel, Caymmi e Chico Buarque. Quem estava lá sabe que só executei umas coisinhas de minha lavra, pois não sou de avançar em pomar alheio, aprecio os grandes sendo um dos pequenos, porém a César o que é de César, e meu humilde repertório dá para o gasto. (Tenho mesmo umas musiquinhas gravadas que tive de dar parceria a uns caras, eles me enrolaram e o disco saiu com o meu nome reduzido para S. Lamp, reclamei, não adiantou, então deixei para lá.) Desculpe o parêntesis. Já é tempo de narrar o que efetivamente se passou na festa em casa de minha amiga, d. Lindalva. Foi o seguinte. Eu estava possuído de atroz melancolia por motivos particulares que não vêm ao caso. Fui à festa para espair e não levei violão, não sou nenhum oferecido. D. Lindalva é que botou o violão sobre meus joelhos. Estava de cabeça baixa, sim; que tem abaixar a cabeça, quando ela está povoada de tristes pensamentos? E só bebi três cálices, nada mais. Meus amigos sabem que sou homem de enxugar dez ou quinze sem perder a linha britânica. Portanto, não estava bêbado, como insinua a tal pessoa, a menos que quisesse insinuar coisa pior: que fingi de bêbado para tirar casquinha. Repilo também a pérfida referência a d. Santuza; felizmente o caro amigo Lindolfo não duvida de meus sentimentos respeitosos para com sua ex.ma esposa. Realmente me ergui e fui despedir-me das amizades, porque sentia que minha vida acabava naquele momento. Disse que ia morrer, mas morrer para o mundo, para a vida que levava até então e que não fazia sentido. Era o anseio de me espiritualizar, que aquela mulher não entenderia nunca. O beijo que dei à flor dos lábios de algumas senhoras e não na boca, na boca é muito diferente, foi um beijo místico e sublime, que Deus aprovaria, quanto mais elas. Depois me despediria dos homens. Não continuei, porque um distúrbio vagossimpático me prostrou ao chão. Levaram-me ao Prontocor porque imaginaram um ataque cardíaco. Graças a Deus, o coração está o.k Lamento o trabalho que dei, a confusão, o bolo não partido etc. Agora sou outro Sebastião. Meu pai fez bem botando em mim o nome de Lâmpada. Ela se acendeu, e vou partir para outro caminho, mais claro. Restabelecida a verdade, perdoo minha detratadora. Só o amor constrói para a eternidade. Saudações espirituais. *Sebastião Lâmpada Araújo.*”

02 e 04/06/1967

NA DELEGACIA

— Madame, queira comparecer com urgência ao Distrito. Seu filho está detido aqui.

— Como? O senhor ligou errado. Meu filho detido? Meu filho vive há seis meses na Bélgica, estudando física.

— E a senhora só tem esse?

— Bom, tenho também o Caçulinha, de dez anos.

— Pois é o Caçulinha.

— O senhor está brincando comigo. Não acho graça nenhuma. Então um menino de dez anos foi parar na polícia?

— Madame vem aqui e nós explicamos.

A senhora correu ao Distrito, apavorada. Lá estava o Caçulinha, cabeça baixa, silencioso.

— Meu filho, mas você não foi ao colégio? Que foi que aconteceu?

Não se mostrou inclinado a responder.

— Que foi que meu filho fez, seu comissário? Ele roubou? Ele matou?

— Estava com um colega fazendo bagunça numa casa velha da rua Soares Cabral. Uma senhora que mora em frente telefonou avisando, e nós trouxemos os dois para cá. O outro garoto já foi entregue à mãe dele. Mas este diz que não quer voltar para casa.

A mãe sentiu uma espada muito fina atravessar-lhe o peito.

— Que é isso, meu filho? Você não quer voltar para casa?

Continuava mudo.

— Eu disse a ele, madame — continuou o comissário —, que se não voltasse para casa teria de ser entregue ao Juiz de Menores. Ele me perguntou o que é o Juiz de Menores. Eu expliquei, ele disse que ia pensar.

— Meu filho, meu filhinho — disse a senhora, com voz trêmula —, então você não quer mais ficar com a gente? Prefere ser entregue ao Juiz de Menores?

Caçulinha conservava-se na retranca. O policial conduziu a senhora para outra sala.

— O que esses garotos estavam fazendo é muito perigoso. Brincavam de explorar uma casa abandonada, onde à noite dormem marginais. Madame compreende, é preciso passar um susto nos dois.

A senhora voltou para perto de Caçulinha, transformada:

— Sai daí já, seu vagabundo, e vamos para casa.

O mudo recuperou a fala:

— Eu não posso voltar, mãe.

— Não pode? Espera aí que eu te dou não pode.

E levou-o pelo braço, ríspida. Na rua, Caçulinha tentou negociar:

— A senhora me deixa passar em Soares Cabral? Deixando, eu volto direito para casa, não faço mais besteira.

— Passar em Soares Cabral, depois desse vexame? Você está louco.

— Eu preciso, mãe. Tenho de pegar uma coisa lá.

— Que coisa?

— Não sei, mas tenho de pegar. Senão me chamam de covarde. Aceitei o desafio dos colegas, e se não trazer um troço da casa velha para eles, fico desmoralizado.

— Que troço?

— O pessoal diz que lá dentro tem ferros para torturar escravo, essas coisas. Eu e o Edgar estávamos procurando, ele mais como testemunha, eu como explorador. Mãe, a senhora quer ver seu filho sujo no colégio, quer? Tenho de levar nem que seja um pedaço de cano velho, uma fechadura, uma telha.

A mãe estacou para pensar. Seu filho sujo no colégio? Nunca. Mas e o perigo dos marginais? E a polícia? E seu marido? Vá tudo para o inferno. Tomou uma resolução macha, e disse para Caçulinha:

— Quer saber de uma coisa? Eu vou com você a Soares Cabral.

AO BICO DO PAPAGAIO

Duas mulheres perdidas na floresta da Tijuca. Não chegaram a ser notícia. Eu conto.

A intenção delas (declarada) era subir ao Bico do Papagaio. Bico ou Pico? Discutem preliminarmente. Deve ser Pico, pois se tem novecentos e setenta e cinco metros de altura. Mas, e a forma de bico recurvado de papagaio? Então é Bico. O Pico do Bico — assim deveria chamar-se. Ou o Bico do Pico. Desta maneira nunca chegaremos a um acordo — as duas riram e concluíram que nome não tem realmente importância, importante é chegar lá em cima.

Problema é que não eram, nunca foram montanhistas. No máximo, sobem ladeiras da Gávea, e com que vontade de não subi-las. Bom que tudo fosse plano na vida, mas a ideia de subir ao cocuruto do Pico (ou do Bico) do Papagaio se implantara nelas. Deus sabe por quê. Mulheres. Só mesmo Deus é quem sabe o porquê de certas vontades femininas, se é que ele consegue saber.

Sem prática de galgar montanha, sem equipamento, como fazer? Sobe-se, ora essa. Compra-se o essencial em matéria de roupa e instrumentos, estuda-se bem o mapa da mina, que no caso é um folheto descritivo da floresta, e saíam da frente que nós queremos passar. Saíam gatos-maracajás fingindo de oncinhas, arreda, jararacuçu e cobra caninana, que eu não tenho medo de vocês, eu também não, quer dizer, medo a gente tem muito, pra que negar? Mas são Bento está lá no céu vigiando as cobras, e daí, isso de cobra no Rio de Janeiro, mesmo na floresta da Tijuca, é cascata de francês de bulevar.

Guia? De jeito nenhum. Guia para quê? Para ensinar a gente a mover as pernas? Para mostrar, de passagem, que aquele bicho que está escondendo coquinhos na terra é caxinguelê, que esta borboleta maravilhosa é a saíra-de-sete-cores? Isso a gente já sabe, de ter nascido no interior do estado do Rio e de conferir nas estampas. Somos capazes de identificar o macaco-prego fazendo chacinha no alto das árvores, tem pé de xaxim lá em casa, tem juçara, tem sonho-de-ouro. E depois, a gente não vai fazer história natural. Vai é subir no Pico do Papagaio e ver os longes e ter a glória de — não, não é para curtir glória nenhuma, é claro, mas acabarão sabendo que duas alpinistas brasileiras amadoras, de vinte e sete e trinta e um anos, respectivamente, por nome Orance

e Gabriela, sem auxílio de homem algum, só com a cara e a coragem, atingiram num dia de junho de 1972 o complicado ápice do Bico do Papagaio, demonstrando a galhardia, o ímpeto, o sangue-frio da mulher moderna.

Levamos farnel, Oranice? Não, Gabri, a gente come no Esquilo. Sem essa, vê lá se vamos dar uma de turista. Montanhismo é coisa séria, e não seremos nós, montanhistas de primeira viagem, que iremos desmoralizar a excursão. A gente leva comida-água-refrigerante etc., calculado para um dia e uma noite. E cobertor, olha que deve fazer um frio danado lá em cima! Quantos quilos a gente aguenta levar? Eu vou de travesseiro, dormir no chão de pedra não é mole, hem? Você é louca, mulher, travesseiro coisa nenhuma, daqui a pouco você inventa carregar banheirinho plástico, torradeira, essas coisas. Guerra é guerra.

O mais difícil de uma excursão, parece, é preparar a excursão. O resto corre fácil. Outra coisa difícil é guardar segredo da excursão, para evitar que as amigas adiram, e francamente, subir ao Bico do Papagaio em assembleia geral tira todo o charme da aventura. Não vamos telefonar para ninguém, e se nos convidarem para algum programa na quinta ou na sexta, já sabe: *pas possible*. Dá-se uma desculpa qualquer, mas quinta e sexta é sagrado: Ao Bico do Papagaio!

Acaba logo com essa história, diz o leitor, impaciente em busca de outros assuntos. Tanto mais que as duas mulheres não chegaram a fazer notícia. Mas eu não acabo. Eu torturo, eu continuo daqui a dois dias, e quem quiser saber do resto, faça o obséquio de aguardar a próxima.

É NA ESTRADA

Como ia dizendo, Oranice e Gabriela, solteiras, sem compromisso (percebe-se), animadas de súbito espírito montanhístico, pegaram táxi no Leblon, rumo ao Bico do Papagaio. Levaram, em apetrechos e munição de boca, tudo que lhes pareceu necessário para a aventura. Não era muito. Ou era demais? Pois logo que desceram do carro, iniciando a caminhada, os materiais começaram a pesar mais do que o desejável.

Estrada do Imperador, em soberba manhã de inverno tórrido, esse inverno que é invenção carioca 72. A bandeira dois registrava número assustador de cruzeiros, melhor descer aqui mesmo, desceram. Vamos dividir a tralha, dividiram. No a pé a gente desfruta melhor a natureza vivendo, cada pé de pau é um barato, cada bichinho surpreendido em sua casa sem paredes, casa de folhas e terra, telhado de nuvem, chuveiro natural, voo de beija-flor cortando o ar que nem navalha colorida e depois pousando em si mesmo, como é que pode? e você, sua boba, ainda não acredita na existência de Deus? É, mas esse calor, hem, Orá? É mesmo, Gabri, a gente devia ter vindo de short. Ou de nada, até

que seria legal. Duas ninfas na estrada, e riam que riam, imaginando-se ninfas ao sol, que gozado, mas não brinca, menina, este solão que não respeita nem mata virgem, e a lagartixa sacudiu a cabeça dizendo para as duas: Estou acostumada. Não disse mas pensou: Calor de vocês é emoção, a sombra está uma delícia na umidade do limo e do musgo e de tudo.

Bem, não vou descrever o espetacular painel que o Criador deu de graça ao homem, e se continuo registrando as menores reações das duas mulheres diante de cada moita de maria-sem-vergonha, esta história que nem chega a ser história, eu preveni, só acaba no fim de 1974, quando as duas terão de descer impreterivelmente para votar na mesma seção eleitoral do Leblon, votar em quem mesmo? para — não importa para quê, é obrigação, acabou-se. Mas o certo é que não pareciam dispostas a desafiar logo a majestosa aspereza do Bico do Papagaio, Oranice propôs um trajeto diversionista, o Açude da Solidão, e Gabriela, ia-me esquecendo, confessou que tinha vontade de passar um minutinho só na Gruta de Paulo e Virgínia, tão romântica! Lembranças que a gente guarda no coração de nosso coração, né? Como dizia o, como é mesmo o nome dele, ah, esqueci, deixa pra lá.

E se você topar, querida, eu queria ir ainda um pouquinho mais longe, dar uma espiada na minha cascata, que cascata, mulher? Ora, a cascata Gabriela, no caminho do Doutor Jardim, pois tendo uma cascata com o meu nome você acha que eu posso vir à floresta sem chegar até lá? Oranice sentiu a falta de um lago, um fio d'água, um trilho de paca chamado Oranice, mas quem iria providenciar para ela, com todos os sítios e acidentes geográficos já rotulados, desde o major Archer até Raimundo de Castro Maia?

Estou meio pregada, Gabri, mas se você faz questão eu topo. O Bico fica para logo mais, né? Tá legal, o Bico não é tão urgente. Mas voltando àquele papo da gruta, que foi mesmo que aconteceu, você não quer me contar? Ora, sua santa, não vai me dizer que você também nunca sentiu o apelo da natureza num lugar como esse, em que tudo é convite a... a... bem, a celebrar a vida, com os passarinhos, as orquídeas, as resinas, as águas cumprindo o destino de viver, hem? você é sonsa, Orá, mas a mim você não me engana, sou capaz de jurar que. Não jura, Gabri, não é preciso, eu também sinto essas coisas, também sou filha de Deus, viu? E começava a dizer o que a vista do Almirante representa para ela, não com um almirante no meio, mas com um segundo-tenente, não sei que fim levou esse segundo-tenente, a Marinha viaja tanto, a última notícia que tive dele foi num postal que não dizia a cidade nem o país, o carimbo era ilegível, não tinha selo, enfim, está navegando aí pelos mares do mundo... enquanto eu prometo, a algum leitor que chegou até aqui, a conclusão definitiva do caso na próxima, tenha paciência, tchau.

HELICÓPTERO

O sol ia baixando, e as duas mulheres, depois de longo perambular, também baixavam de tom. Olhavam para os lados, para cima, nada de seta ou cartaz recepcionista: “É aqui. Podem começar a subida. Eu, o Bico do Papagaio, lhes dirijo muito saudar, não tem problema, providenciei para vocês um caminhozinho suave. Chegando à minha cumeada, já sabem, façam lanche sem cerimônia, descansem, fiquem o tempo que quiserem, absolutamente não me incomodam nem pagam imposto de panorama, a altura é grátis. Digo mais, se pretendem passar a noite aqui em cima, não tem colchão de molas, mas sempre se arranja tapete de grama e sono estrelado. Subam, amigos”.

Claro, seria demais exigir de uma pedra linguagem semelhante. Mas custava deixar aberto um caminho de rato, por onde elas fossem devagar e sempre conquistando a montanha, custava? Era tudo escaldado ou espesso, espesso e escaldado, mato-rocha-risco-vertical-mortal. Não dá: as duas ao mesmo tempo, conclusivas.

E agora, Gabriela Nunes? Oranice Duarte, e agora? Estamos realmente no mato sem cachorro, nem latido dele ao longe se escuta, é mesmo a selva americana de onde não tardam a sair as piores onças, e nossos pés sangrando nas sandálias desprotetoras, nossa água acabou, nosso farnel acabou, acabou nosso projeto de altas azuladas paragens, se ao menos a gente resistisse até amanhã dariam por falta da gente no Leblon, telefonavam para os bombeiros, descia um helicóptero — as duas se encararam pronunciando ao mesmo tempo helicóptero, olharam ao mesmo tempo para o céu despido de qualquer sinal, qualquer mensagem, não vinha helicóptero nenhum, não vinha...

Por que você falou helicóptero? Por que você também falou? Falei, que que tem, mas falou de uma certa maneira, você também falou de uma certa maneira, engraçado, falamos juntas no mesmo tom, nunca andei de helicóptero, você já? Eu também não, e agora até que ele seria bacana, mas não adianta pensar, vamos é sentar no chão de espinho e carrapato, carrapato é o de menos, e as onças? Vamos cobrir o rosto com as mãos e chorar amargamente, espera aí, filha, isso também não, vamos é procurar a estrada, vamos voltar de qualquer jeito, mas voltar como?

E acenavam lenços brancos, aliás vermelhos, que tinham incluído com providência nas mochilas, em lugar de cordas de nylon e grampos de escalada, pois pensavam (ou tinham dito uma para a outra) que uma vez chegando ao pico do Bico içariam uma bandeira bem visível para assinalar, não perante o Brasil, mas perante si mesmas, o termo da façanha. E gritavam e tornavam a gritar, ei, gente, acode, socooooorro, mas o vento levava a angústia da vogal e com ela sumia cada vez mais a tarde, sumia a esperança, cri-cris do crepúsculo tomavam conta do silêncio, e eram duas mulheres sozinhas na floresta encravada na cidade

de não sei quantos milhões de habitantes desinformados, pois a ninguém tinham dito que iam conquistar o Bico do Papagaio, programa de dois dias, quinta e sexta, sábado descansariam felizes, enquanto a glória, que absolutamente não namoravam mas viria assim mesmo, explodia em manchetes e reportagens a cores na TV, e o que havia para contar, mostrando fotos, e a inveja das amigas e a pele dilacerada mas triunfante, cabelos entrançados de liquens, mulheres que tinham virado vegetal, mulheres terra granito... que mulheres! Sem treinar no campo-escola de Cascadura, sem preparo físico, sem consultar o livro excelente de Alice A. P. Maryan, *Vida de pedra*, que conta a experiência de escalar nossas montanhas, tinham vencido — mas venceram?

A custo chegaram a uma clareira, perceberam um som que não vinha de feras, som de quatro ferraduras e cantiga de homem, misturadas. Aparição, santo invocado que vinha salvá-las? Era um vendedor de palmito, montado num burrinho, saco de taquara na garupa. Calmo, parou, assuntou, a Cascatinha ficava longe mas se quisessem ele conduzia as duas até lá, uma no burrinho outra no calcante, se revezando. Quiseram, salvaram-se, era noite de muita consciência remoendo ao compasso do burrinho e as duas vinham se interrogando caladas, até que Oranice disse para Gabriela, confessa, você fez isso tudo para ser salva de helicóptero, não fez? E Gabriela não queria confessar mas disse para Oranice, fiz, e você também fez, é, nós duas fizemos escondido uma da outra, e as duas se sentiram libertas do peso da intenção, tanto espanto para nada, não há helicópteros disponíveis para a fantasia de mulher sem compromisso, de duas mulheres solteiras, sem compromisso, amanhã a gente planeja outra forma de acontecimento, é a vida, *il faut tenter de vivre*, disse Valéry, e disse bem.

O homem trazia um papel na mão, e consultou-o antes de perguntar se era ali que morava o sr. Fulano. E diante da resposta afirmativa: “Desculpe, mas o senhor morava em Belo Horizonte há trinta anos?”. Ouvindo que sim, pediu licença para apresentar-se. Nome e profissão: fotógrafo. O que desejava era saber de mim se me lembrava de certa empregada que tive em 1928, Marciana da Silva. Como havia de lembrar? Fazia tanto tempo, e não é comum guardar nome de empregadas, salvo quando ficam muitos anos na casa e se afeiçoam ou se fazem afeiçoadas. De 1928 eu não tinha lembrança alguma desse gênero. Retivera o nome de algumas empregadas simpáticas, nenhuma era Marciana. Ele podia fornecer-me outra indicação? “Não senhor, não tenho a menor indicação. Aliás, era isso mesmo que eu vinha com esperança de obter do senhor: uma indicação qualquer a respeito de Marciana. É minha mãe.”

— Ah. Pode descrever-me o tipo?

— Também é impossível. Não sei nada sobre ela, a não ser o nome. Nunca a vi desde que me entendo por gente, e do tempo de garoto não guardo a menor lembrança dela.

— E como sabe que ela foi minha empregada?

— Está aqui nessa carta do senhor ao diretor do Abrigo de Menores, pedindo minha internação. Passei seis anos lá, quando sai me deram cópia. Não repare estar meio rasgada, não é de hoje.

O papel falava, realmente, de um garoto de sete anos, sem pai, filho de Marciana da Silva, cozinheira. O menino e uma irmã de cinco anos viviam em companhia da avó, num povoado. A avó falecera, alguém tomara conta da irmã, ele ficara ao desamparo.

Palavra escrita desencava lembrança, e uma vaga Marciana, sem rosto mas com um problema de filho, despontou na memória, palidamente.

— Agora estou me recordando, sim. Marciana... Uma alta, ossuda. Só isso. Parece que ela ia visitá-lo sempre, comprava presentes para levar...

— O senhor não está enganado? Nunca recebi visita lá, nem presente, que me lembre. Deve ser outro caso.

— E por que não me procurou, ao sair do Abrigo?

— Eu tinha treze anos e não sentia falta. Fui trabalhar numa fazenda do oeste de Minas, levei tempo na roça. Depois, rodei por esse mundo. Guardava o papel

comigo, sem interesse de indagar. Não tinha a menor curiosidade de minha mãe, entende? Era como se ela não existisse, como se eu tivesse nascido do nada. Sem retrato dela, sem um objeto, sem uma voz para ouvir quando a gente está sozinho e garra a pensar nos outros, como é que eu ia lembrar? Depois fui mudando. Não sei explicar, me veio o interesse por minha mãe, como é que ela seria, como não seria. Voltei para Belo Horizonte, andei procurando o senhor feito agulha. Ninguém sabia informar. Afinal vim para o Rio, estou aqui há meses. Ontem achei o seu endereço na lista telefônica. Fique sossegado, não vim lhe pedir dinheiro, ganho pouco mas o bastante. Queria era saber de minha mãe, se ela ficou muito tempo em sua casa, para onde terá ido, se alguma vez deu notícia. Estará viva? O senhor não se lembra do rosto dela?

— É pena eu não ter nada para lhe contar senão essa lembrança vaga de sua mãe. Mas não faça mau juízo dela porque não o procurou. Quem sabe?

— O senhor pensa que eu faço? Eu compreendo tão bem que ela não quisesse saber de mim. Não podia me criar, só me daria miséria. Sua fé estava toda no Abrigo, que talvez fizesse de mim alguma coisa. Se não me visitava é porque não queria se prender a mim, nem me prender a ela, não acha?

— Acho. Foi isso, certamente.

— Sinto tanta falta de minha mãe, o senhor não avalia. Já não sou criança. Isso vem com a idade, talvez... no meu caso.

— Talvez. Que vai fazer agora?

— Vou continuar procurando. Mesmo que não encontre, quero saber como era, preciso de um rosto, de uma fisionomia que eu possa fixar bem, como se a tivesse conhecido. O senhor me desculpe se achar meio esquisito eu me contentar com isso. Sem nada é que não posso ficar. Muito obrigado, até qualquer dia.

Saiu, e não parecia desanimado.

Mercadinho é imagem de confusão organizada. Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos, carrinhos e pirâmides de coisas se comprimindo, apalpamento, cheiração e análise visual de gêneros pelas madamas, e, a dominar o vozerio, o metralhar contínuo das registradoras. Um olho visível, múltiplo e implacável, controla os menores movimentos da freguesia, devassa o mistério de bolsas e bolsos, quem sabe se até o pensamento. Parece o caos; contudo nada escapa à fiscalização. Aquela velhinha estrangeira, por exemplo, foi desmascarada.

— A senhora não pagou a dúzia de ovos quebrados.

— Paguei.

Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados. Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere; casca é embalagem. A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprara antes?

A velhinha se zanga e xinga em ótimo português-carioca o rapaz da caixa. O qual lhe responde boas, no mesmo idioma, frisando que gringo nenhum viria lá de sua terra da peste para dar prejuízo no Brasil, que ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranja. A mulher, fula de indignação, foi perdendo a voz. Caixeiros acorreram, tomando posição em defesa da pátria ultrajada na pessoa do colega; entre eles, alguns portugueses. A freguesia fez bolo. O mercadinho parou.

Eis que irrompe o tarzã de calção de banho ainda rorejante e berra para o caixa:

— Para com isso, que eu não conheço essa dona mas vê-se pela cara que é distinta.

— Distinta? Roubou cem cruzeiros* à casa e insultou a gente feito uma danada.

— Roubou coisa nenhuma, e o que ela disse de você eu não ouvi mas subscrevo. O que você é, é um calhorda e quer fazer média com o patrão à custa de uma pobre mulher.

O outro ia revidar à altura, mas o tarzã não era de cinema, era de verdade, o que aliás não escapou à percepção de nenhum dos presentes. De modo que

enquanto uns socorriam a velhinha, que desmaiava, outros passavam a apoiá-la moralmente, querendo arrebentar aquela joça. O partido nacionalista acoelhou-se. Foram tratando de cerrar as portas, para evitar a repetição do saque de Caxias. Quem estava lá dentro que morresse de calor; enquanto não viessem a radiopatrulha e a ambulância, a questão dos ovos ficava em suspenso.

— Ah, é? — disse o vingador. — Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.

Tirou-a do bolso do calção, fez uma bolinha, puxou para baixo, com dedos de ferro, o queixo do caixa, e meteu-lhe o dinheiro na boca.

Assistência deslumbrada, em silêncio admiracional. Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro. O caixa começou a mastigar, branco, nauseado, engasgado.

Uma voz veio do setor de ovos:

— Ela não roubou mesmo não! Olha o dinheiro embaixo do pacote!

Outras vozes se altearam: — Engole mais os outros cem! — Os ovos também! — Salafra — Isso! — Aquilo!

A onda era tamanha que o tarzã, instrumento da justiça divina, teve de restabelecer o equilíbrio.

— Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.

* Esta historinha foi escrita antes de 1967, quando mil cruzeiros passaram a valer um.

Em Canela de Boi, no interior mais interior do país, reina um silêncio bom de conformidade com seu Janjão, que por isso mesmo vive em conformidade com todo mundo. Homem estimável está ali: paga remédio para quem adocece, enterra quem morre, emprega a viúva ou a filha moça do falecido, espalha outras benemerências. Praticamente dono do município, quem escolhe o prefeito é ele, ele quem escolhe os vereadores, ele quem diz que está na hora de mudar, e a mudança se faz. Geralmente seu Janjão não gosta de mudar, mas sendo aconselhável desentortar o torto ou entortar o reto para desentortá-lo em seguida, seu Janjão faz tudo isso da melhor maneira possível.

Turíbio apareceu para desfazer essa harmonia, e contou com a reprovação geral. Queria introduzir regras insólitas no funcionamento da comunidade, e uma dessas era que seu Janjão não precisava ser o único a decidir a sorte de Canela de Boi. Todos poderiam habilitar-se ao exercício dessa responsabilidade, quando mais não fosse porque seu Janjão já estava meio sobre o Matusalém. Caducar não caducava, mas. E era muito por demais mandão. Não deixava ninguém sequer errar por conta própria, ele acertava e errava por todos. Essas coisas, né?

Seu Janjão teve pena de Turíbio, afinal um bom rapaz, ao vê-lo desgarrar-se do justo caminho. A mulher de Turíbio foi a primeira pessoa a procurar seu Janjão para dizer que não concordava com as bobagens do marido. Um filho de Turíbio fez o mesmo; o outro não quis julgar o pai, mas declarou pelo jornalzinho de Canela de Boi que nessas coisas não se metia. A população inteira promoveu solene desagravo a seu Janjão, convidando Turíbio a calar-se. Turíbio, de cabeça dura, continuou a dizer coisas sem propósito. E parece que conseguiu mesmo conquistar a solidariedade do Aleixo alfaiate, um esquisitão que cortava barato mas tinha poucos fregueses, pois dizem que cortava mal.

A adesão de Aleixo não provocou moessa em seu Janjão, que continuou a lamentar a doideira de Turíbio. Quando se propalou a adesão do carteiro Nosferato, seu Janjão achou que era tempo de dar um ensino em Turíbio, menos pelos novos companheiros que viesse a aliciar, do que em benefício do próprio Turíbio, merecedor de algumas luzes suplementares que lhe clareassem o pensamento.

O delegado compareceu à chácara de seu Janjão e prometeu exorcizar o herege na forma suave do costume. Para maior conforto de Turíbio, que residia

no povoado de Abobrinha d'Água, combinou-se que ele viria assessorado por quatro praças do destacamento, devidamente instruídos quanto ao tratamento especial a ser-lhe dispensado.

Turibio não pôs objeção ao seu transporte para a cidade. Pediu apenas que lhe deixassem levar um naco de fumo de rolo de que iria fazendo cigarros pelo caminho, no de a pé. Os praças concordaram, mas como Turibio se demorasse um pouco na feitura do cigarro, que ele acendia a cada estação do caminho, foi necessário espertá-lo, evitando delongas. Para essa operação estimulante, o cabo comandante recomendou a seus subordinados que batessem com a costa dos sabres nas costas dele. Foi de bom efeito, mas já na parada seguinte Turibio demorou um pouco mais a enrolar a palhinha e a acomodar o fumo picado.

Os chanfálhos voltaram à atividade, e Turibio, daí por diante, não fazia outra coisa senão fumar e apanhar, apanhar e fumar. Suas costas, através dos talhos da camisa, demonstravam a reiteração dos golpes, mas Turibio era fumante inveterado. Que fazer senão cutucá-lo sempre daquela maneira enérgica, para abreviar a jornada? A tarde já ia caindo, e nada de aparecer, no horizonte, a torre da igreja de Canela de Boi.

Foi quando, numa volta da estrada, a mulher de Turibio, que vinha da chácara de seu Janjão, aonde fora apanhar uns trocados, vendo o espetáculo, alertou os policiais:

— Cês tão brincando com ele. Bate com o fio, anda, bate com o fio!

Turibio levantou a cabeça, ergueu a custo a mão direita num gesto de quem abomina o supérfluo, e murmurou:

— Não precisa. Como tá, tá bom.

— Puxa, vocês ainda não se conhecem? Este é o Marques, amigo velho de guerra. E este aqui é o Silva, um amigão.

— Ah, muito prazer em conhecê-lo.

— Oh, o prazer é todo meu.

— Perdão, todo seu, não. Me deixe sentir também um grande, um enorme prazer em conhecê-lo, rapaz. O Inácio sempre me diz maravilhas a seu respeito.

— O Inácio também põe você nas nuvens. Por isso, é natural que eu sinta o maior prazer em conhecê-lo.

— Bem, já diminui um pouco, e eu fico satisfeito com isso. Sempre deixou algum prazer para mim. Me desculpe, mas por que o seu prazer é maior?

— Que é isso, vocês estão discutindo para saber quem ficou mais contente do que o outro, por serem apresentados?

— Não, Inácio, a gente não está discutindo coisa nenhuma, não é, Silva? A gente está apenas apurando quem simpatizou mais com o outro, e o Silva quer ganhar de mim, mas eu não quero perder para o Silva.

— É, o Marques tem razão. Só que eu não disse que o meu prazer em ficar conhecendo ele é maior do que o dele ao ficar me conhecendo. Não quis duvidar do prazer dele. Quando falei que sentia o maior, eu me referia a mim mesmo, é o maior que eu sinto, não estou comparando com o dele. Embora eu ache que o Marques é tão bacana que é natural que eu me alegre mais em ficar amigo dele do que ele em ficar meu amigo.

— Ora, Silva, se eu sou bacana não sei, mas você é. Tudo que o Inácio me conta a seu respeito demonstra a maior bacanidade. Como é que eu também não posso ter uma grande alegria me aproximando de um cara tão legal?

— Não sou tão legal quanto você pensa, Marques, mas posso garantir que sei apreciar os verdadeiros valores, e não vejo absurdo nenhum em reconhecer as altas qualidades de você.

— Absurdo? Quem falou em absurdo? É claro que eu fico muito feliz por saber que você me admira, embora haja nisso excesso de generosidade de sua parte, e também da parte do Inácio, que andou lhe falando coisas a meu respeito. O que eu não entendo é que você não me permita apreciar também à altura as suas excelentes qualidades.

— Ei, gente, que papo mais estranho esse que vocês estão levando. Cada um

quer ser mais admirador do que o outro, e discutem por causa disso? Digamos que vocês empataram, pronto.

— Não é bem isso, Inácio. Você não entendeu o meu ponto de vista. No fundo, o Marques está duvidando da minha sinceridade em admirá-lo, e veio com essa história de que eu quero todo o prazer de nossas relações só para mim. Aí tem ironia.

— Eu não disse isso.

— Disse sem dizer. Pensou.

— Como é que você pode ler no meu pensamento?

— Viu? Ele está se traindo, Inácio. Não posso ler fisicamente o que está lá dentro da cabeça, mas que está escrito, está. A prova é que ele se defende alegando que não há leitura possível.

— Sabe de uma coisa? Você envenena tudo.

— Eu, enveneno? Tem coragem de me atirar uma ofensa dessas?

— Calma, pessoal! Mal se conheceram e já estão que nem galos de briga!

— Não escutou o que ele me disse, Inácio?

— Olhe aqui, Inácio, viu o que ele está dizendo?

— Não vi, não escutei, nem entendi nada. O que eu não posso admitir é que dois amigos meus se desentendam por excesso de admiração recíproca. É o cúmulo! Parem com isso imediatamente!

— Ah, é? Então você fica neutro diante de uma situação como esta, em que fui insultado quando fazia os maiores rapapés a esse sujeito?

— Sujeito é você, seu atrevido! E você, Inácio, você me decepcionou. Ter coragem de me apresentar um tipo dessa espécie!

— Perdão, eu...

— Agora não adianta, você estragou o meu dia!

— Pensa que o meu também não foi estragado? Que prazer posso eu sentir em travar conhecimento com um insolente como você?

— Pois fique sabendo que não tive nenhum, absolutamente nenhum prazer em conhecê-lo. Pelo contrário: tive o maior desprazer!

— O desprazer foi todo meu! Maior do que tudo!

— Fique com o seu desprazer que eu fico com o meu. Bolas para você e para o Inácio.

— Pra vocês também! Pra vocês também!

— Dois cretinos que vocês são! Burrada minha querer que os dois se conhecessem! Aliás, também sou uma besta, confesso sem o menor prazer!

SERÁS MINISTRO

— Esse vai ser ministro — sentenciou o pai, logo que o garoto nasceu.

— E você, com esse ordenado mixo de servente, tem lá poder pra fazer nosso filho ministro? — duvidou a mãe.

— Então, só porque meu ordenado é mixo ele não pode ser ministro? A Rádio Nacional deu que Abraão Lincoln trabalhava de cortar lenha no mato e chegou a presidente dos Estados Unidos.

— Isso foi nos Estados Unidos.

— E daí? Nem eu estou querendo tanto pra ele. Só quero uma de ministro.

— Tonzinho, deixa isso pra lá.

— Pra começar, a gente convida o ministro pra padrinho dele.

— O ministro não vai aceitar.

— Não vai por quê? Trabalho no gabinete há dois anos.

— Ele é muito importante, filho.

— Por isso mesmo. Com padrinho importante, o garotinho começa logo a ser importante.

— O ministro é tão ocupado, você mesmo diz. Vê lá se tem tempo pra batizar filho de pobre.

— Pois sim. Ele me trata com toda a consideração, de igual pra igual. Hoje mesmo eu faço o convite.

Fez. O ministro não pôde comparecer, mas enviou representante. Era quase a mesma coisa. Na hora de dizer o nome do menino, o pai não vacilou; disse bem sonoro:

— Ministro.

— Como? — estranhou o padre.

— Ministro, sim senhor.

A mulher ia atalhar: “Tonzinho, não foi Antônio de Fátima que a gente combinou?”, mas era tarde.

No cartório, também estranharam:

— Ministro por quê?

— Porque eu escolhi. Acho lindo.

— Não é nome próprio.

— Pois eu cá acho muito próprio. Não tem aí uma família chamada Ministério, aliás com pessoas distintas, médicos, dentistas etc.?

— Tem.

— Pois então. Meu filho é Ministro, só isso. Ministro Alves da Silva, futuro cidadão útil à pátria. Tem alguma coisa demais?

O garoto registrou-se. Cresceu. Na escola, a princípio achavam-lhe graça no nome. Parecia apelido. Depois, o costume. Há nomes mais estranhos. Ministro não era o primeiro da classe, também não foi dos últimos.

Já moço, o leque das opções não se abriu para ele. Entre o ofício sem brilho e o andar térreo da burocracia, acabou sendo, como o pai, servente de repartição. Promovido a contínuo.

— Eu não disse? — festejou o pai. — Começou a subir.

O máximo que subiu foi trabalhar no gabinete do ministro.

— Ministro, o senhor ministro está chamando.

— Ministro, já providenciou o cafezinho do senhor ministro?

— Sabe quem telefonou pra você, Ministro? A senhora do senhor ministro. Diz que você prometeu ir lá consertar umas goteiras e esqueceu.

— Ministro! Roncando na hora do expediente?!

Começaram os equívocos:

— Telefonema para o Ministro.

— Qual? O Ministro ou o senhor ministro?

— Esse Ministro é um cretino! Me fez esperar uma hora nesta poltrona!

— Perdão, deputado, o senhor está ofendendo o senhor ministro.

— Eu? Eu? Estou me referindo a esse animal, esse...

Até que se apurasse que o animal era Ministro, o contínuo — que confusão!

O ministro de Estado, ciente da confusão, recomendou ao assessor:

— Faça esse homem trocar de nome.

— Impossível, senhor ministro. É o seu título de honra.

— Então suma com ele da minha vista.

Mandaram-no para uma vaga repartição de vago departamento. Queixou-se ao pai, aposentado, que isso de se chamar Ministro não conduz a grandes coisas e pode até atrasar a vida.

— Ora, meu filho, hoje no bueiro, amanhã no Pão de Açúcar. E você não tem de que se queixar. Num momento em que tanta gente importante sua a camisa pra ser ministro, e fica olhando pro céu pra ver se baixa um signo do astral, você já é, você sempre foi Ministro, de nascença! de direito! E não depende de governo nenhum pra continuar a ser, até a morte!

Abraçaram-se, chorando.

Na engrenagem metropolitana, as operações mais singelas, desde que fujam à rotina, exigem longa e meditada preparação. Pelo que, desde novembro, o jornal anunciava: “Encomendem seus perus com antecedência à granja Castorina, são maiores e melhores”.

A Dona da Casa julgou de seu dever acudir à advertência, e pegou do telefone, que do outro lado estava sempre em comunicação: a cidade inteira, possuída do espírito da previdência, ou de simples esganação natalina, encomendava peru. Depois de várias tentativas, conseguiu inscrever-se.

O peru chegou a seu tempo, nem maior nem menor, nem gordo nem magro, principalmente silencioso, sem o ar ofendido que têm os perus vivos. Chegou, com a fatura que lhe atestava os quilos e os tarifava em meio milhar de cruzeiros. A Dona da Casa respirou: há perus que falham, causando aflições e vergonhas imensas. Gratificou o portador e levou célere para o refrigerador o objeto de seus cuidados.

Aí apareceu a exímia Cesária, de Campo Grande, convocada por sua perícia em lidar com viventes de pluma e crista. Lançou o olhar douto sobre a peça e iniciou os preparativos.

A Dona da Casa, sem menosprezo ao saber de experiências feito de Cesária, sugeriu-lhe que nos pormenores seguisse a receita de Mário de Andrade, colhida de uma francesa e publicada nos *Contos novos*: deve o peru ter duas farofas, a gorda, com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga; o papo será recheado com a farofa gorda, ameixas-pretas, nozes e um cálice de xerez. Assim foi feito.

Tinha a Dona da Casa empenho em apresentar um peru distinto, pois comeria à sua mesa o Argentino, muito versado na espécie, e que uma vez a presenteara com um imenso *pavo* incrustado em gelo seco, que atravessara triunfante o céu de três países e durante um mês alimentara a família e convidados. O de agora era uma ave qualquer, mas o toque literário da receita lhe imprimia o *quid* desejado.

À ceia, os dois casais se preparavam para a mastigação ritual, e o trinchante ia funcionar, quando um nariz, por hábito, se aproximou da superfície de ouro; deteve-se, intrigado: o cheiro não correspondia à aparência; era peculiar e inoportuno. Convidado a opinar, o Argentino sentenciou:

— *Podrido.*

Estava. O fenômeno manifestava-se na região posterior. As partes nobres, ainda imunes, exalavam bom odor, mas, dentro, uma luta surda lavrava, semelhante a essas comoções nacionais intestinas que ninguém percebe mas o governo denuncia.

A travessa foi repelida com temor, como se um verme fosse desprender-se dali, para desejar feliz Natal. Houve que reanimar Cesária, isentando-a de culpa: como dissera na televisão o dr. Arruda, médico da prefeitura, cinco mil perus padres, pelo menos, são vendidos para a ceia de Natal. Ninguém percebe a avaria senão depois de assada a ave. Acontece.

Comeu-se o que havia a mais, com bom humor, situações heroicas, remédios heroicos. Contou-se a história do nosso Jacinto de Tormes: na hora de servir, o garçom escorrega, pimba: peru no chão. A *hostess*, imperturbável, ordena: “Joaquim, leve este peru e traga OUTRO”. Com aquele não se podia fazer o mesmo; era preciso jogá-lo fora.

Aí começa outra história. A copeira informa que não havia onde guardar o peru. O caminhar de lixo não passava há três dias; os depósitos, cheios; o calor noturno aumentava...

O Dono da Casa confabulou com o Argentino e deliberaram remover com urgência *la basura*. Enrolaram-na em folhas de jornal e, muito dignos, saíram para a noite, com dois pacotes: o nacional com a carne, o outro com a farofa.

Caminharam em busca de um terreno baldio, mas este não havia ou estava ocupado por namorados sem lar. Entreolharam-se:

— *El mar!*

O mar desatava-se à frente deles, purificador, cúmplice. Diante de Cosme e Damião, antes que estes os interpelassem, foram resmungando: “Comida para os pobres”. Na praia, balanços e escorregadores estavam cheios de moças vindas da missa do galo. Sentaram-se num banco e consideraram a situação com realismo.

— Se jogarmos o peru no mar, pensam que é feto ou macumba, junta gente e nos prendem.

— *Y entonces?*

Disfarçaram, fazendo deslizar os pacotes para debaixo do banco; e foram saindo de mansinho. Os rádios berravam “noite feliz”.

CASO DE BOA AÇÃO

Primeiro de janeiro, a moça ia passando pela avenida Atlântica, feliz de estar de vestido novo, sapato novo, namorado novo (ele ausente, mas era como se caminhassem de mãozinha dada), tudo novo, alma inclusive. Do mar vinha uma brisa que não dava para desmanchar cabelo, eram mansos recados de viagem, outras terras convidando. Não, vou ficar por aqui mesmo, vou andar toda a vida nesta calçada, pensando nele, sentindo ele, estou tão bonita neste vestido, a moça sabia que estava...

De repente, zapt, a cusparada veio lá do alto do edifício e varreu-lhe o braço direito que nem onda de ressaca. Horror, nojo, revolta: no meio das três sensações, o triste consolo de não ter sido no rosto, nem mesmo no vestido. Como limpar “aquilo” sem se sujar mais? Teve ímpeto de atravessar a rua, a praia, meter-se de ponta-cabeça no mar. Depois veio a ideia de entrar no primeiro edifício, apertar a primeira campainha, rogar em pranto à dona da casa: “Me salve desta imundice!”. Sentia-se tão desmoralizada que não teve coragem de enfrentar essa suposta dona de casa, talvez nem estivesse em casa, podia não ser uma dona, podia ser quem?

Felizmente ali estava sentado num banquinho, de transístor no ouvido, gozando a fresca, o velho porteiro. Dirigiu-se a ele como a um deus encarnado.

— Moço, será que o senhor tem aí nos fundos uma torneirinha dessas de tirar areia dos pés quando a gente volta da praia? Estou muito precisada!

O velhinho olhou-a com olhos neutros, sem afastar o rádio do ouvido, nenhuma expressão na cara. Evidentemente não queria tomar conhecimento do assunto. Tão bem calçada, que história de areia é essa?

Ela procurava esconder a pele conspurcada, mas afinal a exibiu para comover aquele gélido coração:

— Me leve à torneirinha, moço! Olhe só a porcaria!

Ele não queria perder o sossego do domingo, ou desconfiava de um golpe da desconhecida? O certo é que a fisionomia não acusou qualquer reação, até que os lábios começaram a remexer, devagar, a boca mastigando um pensamento.

— Torneirinha eu tenho, mas não serve para a senhora.

— Serve sim, uma garrafa de água serve!

— Vai ensopar seu vestido, não está direito.

— Faz mal não, que me importa o vestido, eu quero é me limpar!

Ele sacudia a cabeça, inexorável. Até que se levantou, com um gesto: “Venha cá”, e foi levando a moça pelos meandros escuros da garagem. Apontou-lhe a pia, conforto muito maior que a torneirinha de emergência:

— A senhora espere aí.

E saiu, deixando o radiozinho à beira da pia. A moça não pôde deixar de pensar: “Fiz mau juízo dele pensando que ele fazia mau juízo de mim. Sem me conhecer, deixou o transístor ao alcance da minha mão. A coisa mais preciosa que tem, com certeza! Se eu fosse uma vigarista...”. O homem custava. Apareceu afinal, com uma toalha limpa e um sabonete embrulhado, recomendando-lhe que esfregasse bem, não tinha pressa.

Nunca a água lhe pareceu tão boa, sabonete nenhum tão fino, a pia era um sonho. Sorriu para o velho, limpa de toda mácula.

— O senhor praticou a sua primeira ação boa do ano, sabe?

Ele sorriu também, recompensado. Ora, ora, uma nojeira dessas, quem que pode?

— Atirada talvez deste mesmo edifício...

— É capaz. A gente vê de tudo.

Gratificá-lo com dinheiro seria tão indecente quanto cuspir da janela — pensou a moça. Tirou da bolsa um maço de cigarros, pediu-lhe que aceitasse.

Não queria; para não fazer desfeita, aceitou.

— Se precisar de mim outra vez, estou às ordens.

— O quê? O senhor acha que eu vou ser cuspidada outra vez, moço?

— Não é isso não, não é isso, mas a gente nunca sabe o que pode acontecer a uma senhorita!

O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina.

— Ei, moço, quer fazer o favor de levantar?

O moço (pois ostentava barba e cabeleira amazônica, sinais indiscutíveis de mocidade), nem-te-ligo.

O trocador esfregou as mãos no rosto, em gesto de enfado e desânimo, diante de situação tantas vezes enfrentada, e murmurou:

— Esses caras são de morte.

Devia estar pensando: Todo ano a mesma coisa. Chegando o verão, chegam problemas. Bem disse o Dario, quando fazia gol no Atlético Mineiro: Problemática demais. Estava cansado de advertir passageiros que não aprendem como viajar em coletivo. Não aprendem e não querem aprender. Tendo comprado passagem por sessenta e cinco centavos, acham que compraram o ônibus e podem fazer dele casa da peste. Mas insistiu:

— Moço! Ô moço!

Nada. Dormia? Olhos abertos, pernas cabeludas ocupando cada vez mais espaço, ouvia e não respondia. Era preciso tomar providência:

— O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?

O cavalheiro, vê lá se ia se meter numa dessas. Ignorou, olímpico, a marcha do caso terrestre.

Embora sem surpresa, o cobrador coçou a cabeça. Sabia de experiência própria que passageiro nenhum quer entrar numa fria. Ficam de camarote, espiando o circo pegar fogo. Teve pois que sair do seu trono, pobre trono de trocador, fazendo a difícil ginástica de sempre. Bateu no ombro do rapaz

— Vamos levantar?

O outro mal olhou para ele, do longe de sua distância espiritual. Insistiu:

— Como é, não levanta?

— Estou bem aqui.

— Eu sei, mas é preciso levantar.

— Levantar pra quê?

— Pra quê, não. Por quê. Seu calção está molhado de água do mar.

— Tem certeza que é água do mar?

— Tá na cara.

— Como tá na cara? Analisou?

Forrou-se de paciência para responder:

— Olha, o senhor está de calção de banho, o senhor veio da praia, que água pode ser essa que está pingando se não for água do mar? Só se...

— Se o quê?

— Nada.

— Vamos, diz o que pensou.

— Não pensei nada. Digo que o senhor tem de levantar porque seu calção está ensopado e vai fazendo uma lagoa aí embaixo.

— E daí?

— Daí, que é proibido.

— Proibido suar?

— Claro que não.

— Pois eu estou suando, sabe? Não posso suar sentado, com esse calorão de janeiro? Tenho que suar de pé?

— Nunca vi suar tanto na minha vida. Desculpe, mas a portaria não permite.

— Que portaria?

Aquela pregada ali, não está vendo? “O passageiro, ainda que com roupa sobre as vestes de banho molhadas, somente poderá viajar de pé.”

— Portaria nenhuma diz que o passageiro suado tem que viajar de pé. Papo findo, tá bom?

— O senhor está desrespeitando a portaria e eu tenho que convidar o senhor a descer do ônibus.

— Eu, descer porque estou suado? Sem essa.

— O ônibus vai parar e eu chamo a polícia.

— A polícia vai me prender porque estou suando?

— Vai botar o senhor pra fora porque é um... recalcitrante.

O passageiro pulou, transfigurado:

— O quê? Repita, se for capaz.

— Re... calcitrante.

— Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!

— Eu? Não insultei.

— Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.

— Mas é a portaria! A portaria é que diz que o recalcitrante...

— Não tenho nada com a portaria. Tenho é com você, seu cretino. Retira já a expressão, ou...

Retira não retira, o ônibus chegou ao meu destino, e eu paro infalivelmente no meu destino. Fiquei sem saber que consequências físicas e outras teve o

emprego da palavra “recalcitrante”.

QUADRO NA PAREDE

— Esse quadro está torto desde o começo do mundo e ninguém se lembra de consertar sua posição — observou o sr. Borges, levantando a cabeça, entre o primeiro e o segundo goles do café da manhã.

— Há pessoas realmente exageradas — ponderou a sra. Borges, enquanto passava geleia no brioche. — Esse quadro está assim apenas há uma semana.

— Uma semana parece tempo suficiente para alguém corrigir a posição de um quadro na parede — retrucou o sr. Borges, sorvendo mais um gole e desdobrando o jornal.

— Admitindo-se que assim seja, embora a colocação de um objeto de arte exija muitas experiências e tempo indeterminado de observação e crítica, até que seja atingido o resultado ideal, presume-se que a pessoa não satisfeita com a posição de um quadro...

A sra. Borges fez uma pausa para levar aos lábios a fatia de brioche, mastigá-la e engoli-la, concluindo placidamente:

— ... Tome a iniciativa de modificá-la para melhor.

Ao que o sr. Borges emitiu este juízo:

— A presunção envolve problema de competência — e olhou para um ponto indefinido no espaço. — Seria conveniente indagar, de início, a quem, no âmbito de uma residência, compete cuidar da boa arrumação das coisas.

A sra. Borges considerou com minuciosa atenção a colherzinha de prata colocada entre os seus dedos polegar e médio, como se ambicionasse descobrir nela uma propriedade oculta, e, ao cabo de minuto e meio, manifestou-se:

— Não existe código especificando os diferentes casos e situações em que determinada pessoa deva fazer isto ou aquilo. Além do mais, os conceitos estabelecidos lucrariam em ser revistos à luz da razão.

A página política passou a interessar tão acentuadamente o sr. Borges que ele levou tempo para dizer:

— De qualquer maneira, um quadro torto na parede é um quadro torto na parede.

Dos abismos da sua prospecção, a sra. Borges emergiu trazendo à tona uma restritiva:

— Um quadro torto na parede nem sempre é um quadro realmente torto na parede.

Como o sr. Borges, engolfado na leitura, não obtemperasse, a sra. Borges houve por bem desenvolver o seu ponto de vista:

— O quadro torto na parede pode estar mais certo do que o quadro convencionalmente certo na parede.

O sr. Borges não deu sinal de aceitar a tese da sra. Borges nem de repeli-la, e a explanação de sua esposa prosseguiu:

— Há muitas maneiras de ver um quadro, como também há muitas maneiras de colocá-lo, inclusive, e tem acontecido em museus, de cabeça para baixo, com rendimento óptico.

O sr. Borges virou a página, pigarreou e sentenciou:

— Nem todas as pessoas gostam de plantar bananeira para contemplar normalmente uma obra de arte.

O café da manhã parecia ter duração imprevisível, tão vagarosos eram os gestos e repetidas as pausas do sr. Borges e da sra. Borges. Ouviu-se, afinal, a sra. Borges:

— A colocação de um quadro não está subordinada às linhas geométricas previstas pelo pintor, podendo variar com a sensibilidade visual de quem o desfruta.

O argumento não pareceu impressionar o sr. Borges, a julgar pelo que saiu do seu interior:

— Nesse caso, os bens desfrutados em comum se sujeitariam a variações simultâneas e inconciliáveis, pela diversidade de gostos.

— Há gostos mais apurados e outros menos apurados — foi o comentário da sra. Borges.

— Indiscutivelmente, o quadro está torto, o que não é questão de gosto, mas questão de fato — e o sr. Borges alçou ligeiramente a voz. — E não há computadores para avaliação do gosto.

— Desde que ele ficou assim, ganhou um novo sentido — disse a sra. Borges, fixando o olhar, embevecidamente, no quadro em questão. — Foi a arrumadeira que o colocou nessa posição, e o efeito benéfico logo se fez sentir. Os volumes se equilibraram melhor, a composição ganhou mais força, o quadro comunica mais.

— As arrumadeiras tornaram-se peritas em belas-artes e deve ser-lhes confiada a direção dos museus, ao que parece — foi a glosa do sr. Borges. — Bom proveito a quem lhes seguir a orientação estética.

— Euclides, você está me ofendendo — irritou-se a sra. Borges.

— Você já me ofendera antes — contra-atacou o sr. Borges.

— Esta situação é intolerável, e eu exijo que você me peça desculpas — soluçou a sra. Borges.

— Não será melhor, Zuleica, entrarmos amanhã com a petição de desquite? — detonou o sr. Borges.

LADRÕES NO TERRAÇO

— Tem paciência, filhinha, já decidi. Hoje vamos ao cinema de qualquer maneira.

— Mas, Dago, ainda não preparei os sanduíches para o aniversário do Guilherme...

— O Guilherme que pare de fazer anos e de dar festa com sanduíches divinos-maravilhosos. Ao cinema!

— E o Barriga? A gente vai deixar o garoto sozinho em casa? Ele é de morte.

— Chame o Italianinho do 301 para fazer companhia a ele. Assim o Barriga sossega. Ao ci-ne-ma!

D. Neusa sempre achando razões para ficar em casa, trabalhando. Cinema ali pertinho, inaugurado há um mês, filme de Buñuel chamando, marido insistindo. E quando marido escande sílabas, mesmo sendo ótimo como aquele, para ameaça sobre o casamento. Ela cedeu.

Italianinho acudiu pressuroso ao chamado. No 301, também os pais haviam saído, e a patota de adolescentes curti uma festinha à base de som incrementado e luzes psicodélicas, de que, obviamente, estavam excluídos os menores de doze anos.

— Que que a gente vai fazer?

— Atirar setas e bolinhas na rua. Bolinhas nos carecas, e setas nas perucas das coroas.

— Só nos carecas e nas coroas, não. Em todo mundo.

— Tá.

Subiram os dois, de mansinho, pela escada de serviço, munidos de zarabatanas, bolinhas, setas e muita disposição. A chuvinha ranzinza peneirava, eles nem sentiam. E começou o ataque silencioso na noite. Não tão silencioso, pois corriam de um lado para outro, esbarrando aqui e ali, emitindo ruídos abafados de prazer quando atingiam o alvo — dava para perceber que alguma coisa de estranho se passava no terraço.

Juju, de ouvido afiado, num instante em que o som amortecia na festa, correu ao apartamento de seu Ivo:

— Está na hora da batida.

— Que batida? Vocês prometeram que só haveria chopinho. E o síndico não permite festa de brotos com batida.

— O senhor não morou. Batida para pegar ladrão. Tem gente mexendo no terraço. Escute.

Escutou. Mexiam e paravam. Mexiam e paravam. Ladrões, na certa. Havia dias que vinham frequentando os terraços de edifícios daquele trecho de rua, “limpando” antenas, canos, torneiras, roupas, tudo. Alertados, síndicos e condôminos planejaram um serviço de vigilância. Ao menor sinal suspeito, os próprios moradores de cobertura dariam caça aos larápios, já que os vigias noturnos, como se sabe, têm sono pesado.

Seu Ivo achou prudente telefonar para os moradores das coberturas vizinhas, que compareceram imediatamente. Subiram os três, cada um de calibre 45 em punho. Entreaberta a porta do terraço, detiveram-se no penúltimo degrau, à espreita. Sentindo aproximação de gente (ladrões, sem dúvida), Barriga e Italianinho, tomados de pânico, meteram-se na casa de máquinas. Ladrões avançando, ladrões se escondendo dos outros ladrões — era a situação, debaixo de chuva mansa, durante um silêncio de dez minutos.

— Não vão ficar a noite inteira na casa de máquinas — ponderou seu Ivo. — Esperemos.

E continuaram os três, respiração suspensa, mão no gatilho, aguardando.

Concluindo que se tratava de alarme falso, Italianinho e Barriga foram saindo de leve, pé ante pé, agachados junto à mureta.

— É agora — comandou baixinho seu Ivo. — Vamos atirar pra valer, mas nos pés.

As armas foram baixando lentamente, para a pontaria. Súbito, seu Ivo exclamou, trêmulo, gago:

— Não atirem! Não é o que nós pensamos!

— Está doido, seu...?

— Doido nada. São os moleques!

Seu Ivo reconheceu o Barriga, pelo volume abdominal característico. Entraram rápido no terraço, em direção contrária à dos meninos, para pegá-los desprevenidos. Os dois tentaram fugir, no passo de uma selvagem. Mas Italianinho sentiu uma coisa úmida e cálida escorregar-lhe pelo short, e quedou-se, desamparado, enquanto Barriga dava no pé.

Os homens estavam pálidos.

— Quase que nós matávamos esses diabos!

Voltando do cinema, d. Neusa comentou:

— Viu, Dago? Viu no que dá essa mania de ir ao cinema? A gente paga para ver Catherine Deneuve de perna cortada, e na volta, por pouco pouco, encontra nosso filhinho defunto!

DE FRAQUE

Ao ser convidado para padrinho de casamento, ia ponderar que há muito perdera a fé, não lhe ficava bem participar de ato religioso. O noivo cortou-lhe a objeção:

— Estou convidando você para padrinho do civil.

— Quer dizer: testemunha.

— É a mesma coisa.

Não era. Testemunha ele podia ser, sem nuvem na consciência. Padrinho, ao pé do altar, diante do padre e de Deus, era coisa mais grave, para a qual não se sentia credenciado.

— É em casa ou na Pretoria?

— É na sacristia, meia hora antes do religioso. O juiz agora vai à igreja, você sabia?

Não sabia; nunca soube nada antes dos outros, ou se sabe esquece logo.

— Se o juiz vai à igreja eu também vou, para casar você. É uma alegria para mim.

— Para mim, então!

— Uma honra.

— Deixa disso, a honra é toda minha.

— Bondade de você.

— De você.

— Vamos aos fatos. Você se casa simples ou solene, com aquele cerimonial todo?

— A coisa mais simples do mundo.

— Não vai ter fraque?

— Que fraque nem mané-fraque!

— Porque — vou ser franco —, se tiver fraque, eu...

— Era o que faltava, botar você de fraque na sacristia!

Deu uma olhada no terno escuro, mandou passá-lo na lavanderia, e estava inocente da vida, na noite de véspera do casamento, quando o noivo telefona:

— Queria dizer a você que o casamento civil não vai ser mais na sacristia. Agora é mais simples.

— Onde é então?

— No altar-mor.

— Complicou.

— Pelo contrário. O civil e o religioso são celebrados ao mesmo tempo.

— Não entendi. O padre e o juiz juntos, no altar?!

— Só o padre, mas ele casa pelos dois, para simplificar. Lavra dois termos, e um deles vai para o Registro Civil.

— Cada dia uma novidade.

— É mesmo. Sendo assim, você vai ficar com os outros padrinhos, ao lado do altar-mor.

— Bem, eu...

— Já sei, não é religioso. Mas também não vai me dizer que é ateu. Quem vai à sacristia não custa chegar até o altar. E depois, você é do civil.

— Está certo.

— Outra coisa. Os padrinhos de minha noiva chegaram de São Paulo e trouxeram fraques. Achem que assim fica melhor, mais distinto. Não estava nos meus planos, mas fico sem jeito de contrariá-los. Não digo que você também vista fraque, pode ir inteiramente a seu gosto, mas se quiser...

— Querer o quê, a uma hora dessas? Eu não tenho, nunca tive esse balandrau.

— Por isso não, que eu arranjei emprestados dois de seu corpo. São de amigos meus, pessoas magras, você experimenta, pode até combinar calça de um com fraque de outro, se der mais certo.

— Isso não. Para que incomodar pessoas que não conheço?

— Então vá como pretendia ir. Não tem problema. Apenas avisei porque se você preferisse ir como os paulistas...

Os paulistas! Passou a noite infeliz, pensando nos paulistas, ele mineiro fazendo feio ao lado dos paulistas, sempre os paulistas. Na manhã seguinte, cedinho, bateu para a Casa Rolas, salvação dos insuficientemente roupidos, e pediu um fraque.

— De colete branco ou de colete preto?

— Qual que acha melhor?

— O senhor é quem resolve.

— Resolva por mim.

— Uns preferem preto, outros branco.

— E então?

— Tanto faz ir com branco ou com preto.

— Vamos tirar a sorte com os dedos. Par é branco, ímpar é preto. Deu ímpar.

— Eu se fosse o senhor ia com branco. Usa mais.

(Os consultores são assim, só em último caso atendem à consulta.)

Pela primeira vez viu-se metido num fraque. As abas não estariam demasiado compridas? O colete, folgado em excesso? E o comprimento da calça? As listras não lhe davam um ar de zebra de dois rabos? Ó angústia

indumental, ramo impressentido da velha angústia existencial que acompanha o homem do berço aos sete palmos! O empregado reanimou-o:

— Uma luva. Nem que fosse feito para o senhor.

A angústia recolheu-se, para reaparecer à tarde, ao aproximar-se a hora da entrega a domicílio do fraque alugado. Se não chegasse a tempo? E os paulistas, com seus negros fraques espetaculares? Ah, mundo cão! O portador explicou o atraso: tanta encomenda naquele dia, só num hotel em Copacabana entregara três fraques.

Entrou na igreja fazendo força por deixar patente que nascera de fraque e o usara a vida inteira, mas não estaria ainda mais patente a falsidade da pose? Era como se ostentasse à lapela a etiqueta com o nome da casa, o número da peça...

Fotografado, televisionado, alvo de olhares perscrutadores, não viu bem o casamento, não reparou na beleza da noiva nem no aplomb dos paulistas. Como se ele é que estivesse casando, e de certo modo estava: com o fraque.

— Você está bacanérrimo, está bárbaro de fraque! — disse-lhe o irmão do noivo, empolgado, à hora do champanha. — Nem se compara com os outros padrinhos, que vieram diretamente do Rolas para o casamento.

— Quer esse menininho para o senhor? Pode levar.

Aconteceu no Rio, como acontecem tantas coisas. O rapaz entrou no café da rua Luís de Camões e começou a oferecer o filho de seis meses. Em voz baixa, ao pé do ouvido, como esses vendedores clandestinos que nos propõem um relógio submersível. Com esta diferença: era dado, de presente. Uns não o levaram a sério, outros não acharam interessante a doação. Que iriam fazer com aquela coisinha exigente, boca aberta para mamar e devorar a escassa comida, corpo a vestir, pés a calçar, e mais dentista e médico e farmácia e colégio e tudo que custa um novo ser, em dinheiro e aflição?

— Fique com ele. É muito bonzinho, não chora nem reclama. Não lhe cobro nada...

Podia ser que fizesse aquilo para o bem do menino, um desses atos de renúncia que significam amor absoluto. O tom era sério, e a cara, angustiada. O rapaz era pobre, visivelmente. Mas todos ali o eram também, em graus diferentes. E a ninguém apetecia ganhar um bebê, ou, senão, quem nutria esse desejo o sofrea. Mesmo sem jamais ter folheado o Código Penal, toda gente sabe que carregar com filho dos outros dá cadeia, muita.

Mas o pai insistia, com bons modos e boas razões: desempregado, abandonado pela mulher. O bebê, de olhinhos tranquilos, olhava sem reprovação para tudo. De fato, não era de reclamar, parecia que ele próprio queria ser dado. Até que apareceu uma senhora gorda e topou o oferecimento:

— Já tenho seis lá em casa, que mal faz inteirar sete? Moço, eu fico com ele.

Disse mais que morava em Senador Camará, num sobradão assim assim, e lá se foi com o presente. O pai se esquecera de perguntar-lhe o nome, ou preferia não saber. Nenhum papel escrito selara o ajuste; nem havia ajuste. Havia um bebê que mudou de mãos e agora começa a fazer falta ao pai.

— Praquê fui dar esse menino? — interroga-se ele. Chega em casa e não sabe como explicar à mulher o que fizera. Porque não fora abandonado por ela; os dois tinham apenas brigado, e o marido, no vermelho da raiva, saíra com o filho para dá-lo a quem quisesse.

A mulher nem teve tempo de brigar outra vez. Correram os dois em busca do menino dado, foram ao vago endereço, perguntaram pela vaga senhora. Não há notícia. No estirão do subúrbio, no estirão maior deste Rio, como pode um bebê

fazer-se notar? E logo esse, manso de natureza, pronto a aceitar quaisquer pais que lhe deem, talvez na pré-consciência mágica de que pais deixaram de ter importância.

E o pai volta ao café da rua Luís de Camões, interroga um e outro, nada: ninguém mais viu aquela senhora. Disposto a procurá-la por toda parte, ele anuncia:

— Fico sem camisa, mas compro o menino pelo preço que ela quiser.

— Não está me conhecendo? Sou a Luzia. Em casa todos bem?

— Oh, Luzia, desculpe. Ando com a vista meio fraca. Mas você está um bocado alinhada, criatura!

— O senhor acha? Bondade sua.

— Acho, não. É fato. Você se casou, Luzia?

— Que nada, doutor. Casamento é pra quem pode, quem sou eu?

— Você estava noiva quando saiu lá de casa.

— Estava sim, mas o senhor quer que eu seja franca? Não gostava dele, queria só casar, pra dar gosto à minha tia, que me criou. Aí eu pensei assim: Não tenho amor a este camarada, depois do casamento faço a infelicidade dele, não é direito. Até que meu noivo era legal, tinha uma alfaaiataria em Niterói, carro na praça. Não fiz bem?

— Você foi muito correta, Luzia.

— Pois é. Mas depois me desiludi dos homens, sabe? Me desiludi completamente.

— Tão cedo!

— Tenho dezoito anos por fora, por dentro já perdi a conta. Veja só; fui ser cem por cento com o meu noivo, e quando arranjei outro namorado, não dei sorte.

— Também não gostou dele?

— Gostei demais, aí é que está. Foi o meu erro. Aí ele me disse que era casado, não podia remediar nada.

— Sendo assim...

— Mentira dele, doutor. Minha prima gostou de um cara que não usava aliança, quando foi ver ele tinha obrigação em casa, com cinco bocas. O meu não, se fez de pai de família pra não casar.

— É pena, Luzia. Mas não fique triste, há tanto marido ordinário nesse mundo, quem sabe se você não escapou de um!

— Ah, mas agora sou eu que não penso em casamento. Tenho mais que fazer.

— E que é que você faz?

— Pois o senhor não sabe? Quando saí de sua casa, resolvi acabar com o serviço de copeira. Empregada doméstica não resolve. Fiz o curso na escola de

manicura, tirei certificado e fui trabalhar num salão de mulheres. Não dava pra pagar o quarto. O porteiro de uma boate olhou pra mim e disse: “Broto, não faz unha de mulher, que é fominha, faz unha de homem”. Mudei de salão, desta vez dei sorte.

— Ótimo, Luzia.

— Graças a Deus nunca mais andei sem dinheiro, o senhor acredita? O patrão só me paga no fim do mês, mas os fregueses dão boas gorjetas, de maneiras que tenho sempre algum na bolsa. Agora estou menos folgada, porque tive de comprar móveis, o apartamento estava tão vazio!

— Que apartamento, Luzia?

— O que eu aluguei. Um freguês se ofereceu pra prestar fiança, dizem que isso é difícil.

— Não é difícil, é um sonho. E você se queixa dos homens?

— Quer dizer: de todos, não. Comprei os móveis no crediário e agora vou comprar uma radiovitrola. Quando acabar o pagamento compro a geladeira.

— Parabéns, minha filha, você venceu.

— Ah, doutor, não diga isso. Estou só começando. Quando quiser, apareça lá em casa que me dará muito prazer. Casa de pobre, mas tem uísque pros amigos. Recomendações à madame, um beijo pros netinhos!

E seguiu — o alegre estampado, a saia curta, as pernas longas e bem esculpidas, o bico fino dos sapatos, o sorriso de dentes alvos no belo moreno carregado do rosto.

A senhora subiu, Deus sabe como, em companhia de dois garotos. Cada garoto com sua merendeira e sua pasta de livros e cadernos indispensáveis para a aquisição dos preliminares da sabedoria. (Quando chegarem ao ensino médio, terão de carregar uma papelaria e uma biblioteca?) O ônibus não cabia mais ninguém. A bem dizer, não cabia nem o pessoal que se espremia lá dentro em estado de sardinha. Na massa compacta de gente, ou de seções de gente que a vista alcançava, percebi aquelas mãozinhas tentando segurar as pastas atochadas.

— Deixa que eu carrego — falei na direção de um dos braços a meu alcance. Na qualidade de passageiro sentado, é irresistível minha inclinação para carregar embrulhos alheios. Estou sempre a oferecer préstimos, movido talvez pelo remorso de viajar sentado, e de só ceder lugar a pessoas mais idosas do que eu — pessoas que raramente aparecem no ônibus, de sorte que...

— Eu carrego para vocês — insisti, executando um movimento complicado, para enxergar os rostos dos garotos. O menor olhou-me com surpresa e hesitação, porém o mais velho estendeu o braço, e o primeiro, depois de uma cotovelada ministrada pelo segundo, imitou-o. Fiquei de posse de duas bojudas pastas escolares, que acomodei da melhor maneira possível sobre os joelhos. Conheço perfeitamente a técnica de carregar embrulhos dos outros. Deve-se colocá-los de tal modo que fiquem seguros sem que seja necessário pôr a mão em cima deles. São coisas sagradas. Não devemos absolutamente lançar-lhes um olhar, mesmo distraído. O perfeito carregador de embrulhos do próximo deve olhar para fora do ônibus, aparentemente observando um eclipse ou uma regata, porém na realidade com o pensamento fixo naquele pacote, ou bolsa, de que é depositário. Não vá a coisa cair no chão e quebrar. Não vá alguém subtraí-la. Quando até a Santa Casa é assaltada, tudo é possível. Mas que conterà mesmo esse embrulho? Seria feio manifestar curiosidade, e perigoso abrir um volume que não nos pertence. Mas que gostaríamos de saber o que tem lá dentro, isto, humildemente o confesso, em meu nome e no do leitor, é pura, descarnada verdade.

Bom, tratando-se de pastas escolares, não havia segredo a descobrir. A voz da senhora saiu daquele bolo humano:

— Agradece ao moço, Serginho. Agradece, Raul.

Raul (o mais crescido) obedeceu, mas Serginho manteve-se reservado.

Mal se passaram alguns minutos, senti que a pasta de cima escorregava mansamente do meu colo. Muito de leve, a mão esquerda de Serginho, escondida sob um lenço, puxava-a para fora. Compreendi que ele prezava acima de tudo a sua pasta, e deixei que a tirasse. A mãe ralhou:

— Que é isto, Serginho?! Deixe a pasta com o moço.

Serginho, duro.

— Serginho, estou lhe dizendo que deixe a pasta com o moço.

Teve de levantar a voz, para torná-la enérgica. Passageiros em redor começaram a sorrir. Tive de sorrir também.

Muito a contragosto, Serginho voltou a confiar-me sua querida pasta. Um estranho mereceria carregá-la? E se fugisse com ela? Visivelmente, Serginho suspeitava de minha honorabilidade, e os circunstantes se deliciavam com a suspeita.

Mais alguns quarteirões, Serginho repete a manobra. Dessa vez, é radical. Toma sua pasta e a de Raul. Raul protesta:

— Deixa com ele, seu burro. Não vê que eu não posso segurar nada?

A mãe, em apoio de Raul, exprobra o procedimento de Serginho. Este capitula, mas em termos. Só me restitui a pasta do irmão. A sua não correrá o risco. Coloca-a sobre o peito, sob as mãos cruzadas, como levaria o Santo Graal.

— Este menino é impossível. Desculpe, cavalheiro.

Não vejo o rosto da senhora, mas sua voz é doce, e compensa-me da desconfiância do Serginho. Sorrio para este, enquanto retribuo: “Oh, minha senhora, por favor. Até que o seu filhinho é engraçado”.

Engraçado? Serginho faz-me uma careta e ferra-me um beliscão. A assistência ri. A mãe ferra outro em Serginho, que dispara a chorar. Bonito. É no que dá carregar embrulho dos outros. O desfecho deste folhetim urbano, contarei na próxima.

* * *

O escrito anterior finalizou com dois beliscões dentro do ônibus: um em mim, aplicado por Serginho, outro em Serginho, aplicado por sua mãe, como castigo pela careta que ele me fizera. Entre as diferentes maneiras de chorar em público, Serginho escolheu a que rende maior dividendo. Botou a boca no mundo, como se cantasse na ópera e, nos intervalos, denunciou-me. Eu é que o tinha beliscado, quando tentara impedir-me de violar a pasta de seu irmão Raul. E mostrava a pasta entreaberta, em desordem. A senhora mudou de fisionomia, censurando-me, com voz alterada:

— Francamente, cavalheiro! Nunca pensei que o senhor tivesse tamanha coragem!

— Perdão, minha senhora, eu...

— Perdão coisa nenhuma. É inútil explicar. Meu filho tinha razão de não querer deixar as pastas com o senhor. Vir com partes de gentileza para segurar as pastas das crianças, e depois vasculhar o que tem lá dentro! Um senhor de barbas brancas fazer uma coisa dessas!...

Os passageiros em redor acompanhavam com o máximo interesse o desenvolvimento da cena. No olhar de todos, a maligna curiosidade, o prazer de ver o próximo em situação grotesca acendia um lume especial. Não precisei encará-los para observar a reação. Senti que estavam de olhos acesos, saboreando a desmoralização do senhor respeitável.

— Minha senhora — retruquei —, o seu garoto é um imaginativo, simplesmente.

— Mentiroso? O senhor tem o atrevimento de chamar meu filhinho de mentiroso?!

— Imaginativo, minha senhora. Eu disse i-ma-gi-na-ti-vo.

— É a mesma coisa. Imaginativo é mentiroso com água-de-colônia. Fique sabendo que eu educo meus filhos no jogo da verdade.

— Não duvido. Pergunte ao Raul, que viu tudo. Confio no Raul.

— Que Raul? Que intimidade é essa com meu filho mais velho? Desde quando o senhor está autorizado a tratá-lo de Raul?

— Ouvi a senhora chamá-lo por esse nome.

— Eu posso chamá-lo assim, mas um estranho tem lá esse direito? Raul, meu bem, você viu esse senhor abrir sua pasta e dar um beliscão no Serginho?

Raul, moita.

— Diz, meu coração, o homem abriu sua pasta, não foi? Depois deu um beliscão no Serginho, não deu?

— Perdão — arrisquei —, a senhora está forçando a resposta de seu filho.

— O filho é meu, não tenho que lhe dar satisfação. O senhor é que está perturbando o interrogatório. Anda, Raul, diz logo o que você viu, menino!

Nada de Raul abrir a boca. Apelei para ele:

— Escute aqui. Você disse a seu irmão que devia deixar a pasta comigo. Depois disso, você viu, você percebeu qualquer gesto de minha parte, tentando abrir a pasta? Não tenha medo de falar.

Raul respondeu, firme:

— Vi, sim senhor. Vi também a hora que o senhor beliscou meu irmão.

— Não é possível!

Raul não disse mais nada. Nem precisava. Eu estava condenado no tribunal das consciências. Envolveu-me a reprovação geral, expressa em murmúrio que soava a meus ouvidos como um brado coletivo: “Crucificai-o!”. Todo o ônibus contra mim, como demonstrar minha inocência?

Foi quando apareceu o defensor público. Por mais que se descreia da generosidade das multidões, de dez em dez anos surge um defensor público em

socorro dos oprimidos. Era um homem robusto, sanguíneo, de voz forte:

— Calma, senhores e senhoras. Não podemos condenar este passageiro pela simples declaração de duas crianças. Temos de proceder a uma averiguação, temos de ouvir os adultos presentes.

— O senhor também duvida da palavra de meus filhos?! — protestou a mãe ofendida. — Não faltava mais nada. E que é que o senhor tem com isso?

— A senhora tenha a bondade de calar-se, senão vai tudo para o Distrito.

— O senhor é autoridade para nos prender?

— Sou a voz do povo, madame. Não posso ficar calado quando os direitos do cidadão sofrem uma ameaça.

— Comunista é que o senhor é. Subversivo! Motorista, para esse ônibus que tem um subversivo dentro!

— Para! — gritaram uns.

— Não para! — gritaram outros.

— A senhora está muito enganada. Pensa que intimida, me chamando de subversivo? Sou democrata-cristão e estou ao lado da justiça. Senhores e senhoras, alguém viu esse cavalheiro bulir na pasta do garoto e dar o beliscão?

Ninguém respondeu. Todos falavam ao mesmo tempo e o ônibus voava. A senhora explodiu:

— Covardes! Ninguém para defender uma mulher com seus dois filhos inocentes!

Aí, manifestou-se o defensor de mulheres e filhos inocentes, outra raridade cíclica, interpelando o defensor público. Este respondeu à altura. A coisa engrossou. O sinal fechou. O ônibus estacou. Não sei como, abriu-se a porta dos fundos e, também não sei como, aproveitando a confusão, fugi por ela. Da rua, ainda ouvi a senhora indignada:

— Pega! Pega! Ladrão de pasta!

Carregar embrulho dos outros, eu, hem? Nunca mais.

O dono do pequeno restaurante é amável, sem derrame, e a fregueses mais antigos costuma oferecer, antes do menu, o jornal do dia “facilitado”, isto é, com traços vermelhos cercando as notícias importantes. Vez por outra, indaga se a comida está boa, oferece cigarrinho, queixa-se do resfriado crônico e pergunta pelo nosso, se o temos; se não temos, por aquele regime começado em janeiro, e de que desistimos. Também pelos filmes de espionagem, que mexem com ele na alma.

Espetar a despesa não tem problema, em dia de barra pesada. Chega a descontar o cheque a ser recebido no mês que vem (“Falta só uma semana, seu Adelino”).

Além dessas delícias raras, seu Adelino faculta ao cliente dar palpites ao cozinheiro e beneficiar-se com o filé mais fresquinho, o palmito de primeira, a batata feita na hora, especialmente para os eleitos. Enfim, autêntico papo-firme.

Uma noite dessas, o movimento era pequeno, seu Adelino veio sentar-se ao lado da antiga freguesa. Era hora do jantar dele, também. O garçom estendeu-lhe o menu e esperou. Seu Adelino, calado, olhava para a lista inexpressiva dos pratos do dia. A inspiração não vinha. O garçom já tinha ido e voltado duas vezes, e nada. A freguesa resolveu colaborar:

— Que tal um fígado acebolado?

— Acabou, madame — atalhou o garçom.

— Deixe ver... Assada com coradas, está bem?

— Não, não tenho vontade disso — e seu Adelino sacudiu a cabeça.

— Bem, estou vendo aqui umas costeletas de porco com feijão-branco, farofa e arroz...

— Não é mau, mas acontece que ainda ontem comi uma carnezita de porco, e há dois dias que me servem feijão ao almoço — ponderou.

A freguesa de boa vontade virou-se para o garçom:

— Aqui no menu não tem, mas quem sabe se há um bacalhau a qualquer coisa? — pois seu Adelino (refletiu ela) é português, e como todo lusiada que se preza, há de achar isso a pedida.

Da cozinha veio a informação:

— Tem bacalhau à Gomes de Sá. Quer?

— É, pode ser isso — concordou seu Adelino, sem entusiasmo.

Ao cabo de dez minutos, veio o garçom brandindo o Gomes de Sá. A freguesa olhou o prato, invejando-o, e, para estimular o apetite de seu Adelino:

— Está uma beleza!

— Não acho muito não — retorquiu, inapetente.

O prato foi servido, o azeite adicionado, e seu Adelino traçou o bacalhau, depois de lhe ser desejado bom apetite. Em silêncio.

Vendo que ele não se manifestava, sua leal conviva interpelou-o:

— Como é, está bom?

Com um risinho meio de banda, fez a crítica:

— Bom nada, madame. Isso não é bacalhau à Gomes de Sá nem aqui nem em Macau. É bacalhau com batatas. E vou lhe dizer: está mais para sem gosto do que com ele. A batata me sabe a insossa, e o bacalhau salgado em demasia, ai!

A cliente se lembrou, com saudade vera, daquele maravilhoso Gomes de Sá que se come em casa de d. Concessa. E foi detalhando:

— Lá em casa é que se prepara um legal, sabe? Muito tomate, pimentão, azeite de verdade, para fazer um molho pra lá de bom, e ainda acrescentam um ovo...

Seu Adelino emergiu da apatia, comoveu-se, os olhos brilhando, desta vez em sorriso aberto:

— Isso mesmo! Ovo cozido e ralado, azeitonas portuguesas, daquelas... Um santo, santíssimo prato!

Mas, encarando o concreto:

— Essa gente aqui não tem a ciência, não tem a ciência!

— Espera aí, seu Adelino, vamos ver no jornal se tem um bom filme de espionagem para o senhor se consolar.

Não tinha, infelizmente.

03/09/1967

Quando Caubi veio de Pojuca, trazia na cabeça a decisão de casar com Lucineia. Só não trouxe Lucineia consigo porque ele não é de avançar sinal. Primeiro, vencer no Rio de Janeiro. Depois, chamar a noiva e, unidos sacramentalmente, serem felizes para sempre.

Vencer no Rio, para quem sai do Recôncavo Baiano, onde o petróleo distribui riqueza global, mas que não chega para os pobres, até que é simples. Emprego de porteiro em edifício da Zona Norte constitui vitória digna de ser contada em carta aos que ficaram e não ousam. A fraternidade dos porteiros baianos, igual à dos cearenses ou paraibanos, não precisa de estatuto para funcionar: logo lhe arranjou o cargo que dá direito a uniforme, cadeira à porta, leitura descansada de jornal à tarde, além do mais gratificante de todos os direitos: o de “assistir”, radinho de pilha ao ouvido, aos gols do Flamengo no Maraca.

Mas há vitória e vitória. Caubi verificou que o ordenado não dava para chamar Lucineia e casar. Ou antes, daria, a longo prazo. A solução era economizar cigarro, cafezinho, batida, jornal, até pilha de radinho. E dar duro na lavagem de carros, pela madrugada.

Enquanto isso, mulheres passavam diante dele, acenando-lhe com casamentos à mão. Rapaz empregado, boa-pinta, que morena o recusaria? Mesmo sem ser de papel passado. Ele, entretanto, resistia. Mulher carioca exige coisas demais, desde geladeira a TV em cores, é um tal de cabeleireiro, de festas, de não sei o quê, de dia e de noite, que pega mal, e acaba, Deus sabe lá como acaba. Caubi passava a mão na testa, alisava-a, determinado: “Comigo não, Serapião”.

Com setecentos cruzeiros na Caixa Econômica, achou que era hora de agir. Alugou um quarto em Queimados, por quarenta mensais, para o lar, e mandou à noiva o dinheiro da passagem de ônibus. Viesse em companhia de seu Severino, amigo da família e homem de respeito, que mora na Ilha do Governador e estava de passeio em Pojuca: seria padrinho do casório.

Lucineia chegou com todos os pertences de uma noiva que se preza. Para conhecer o Rio, antes de se instalar em casa de Padim Severino, passou três dias de favor no apartamento de um casal amigo de Caubi, no edifício em que este trabalha. Foram três dias de esplendor, de ver vitrina e letreiro luminoso, de andar a pé e conhecer todas as praças da Tijuca. O noivo arranhou folgas

esparsas, para mostrar-lhe o que é a cidade grande, nos limites do bairro.

Na hora de ir para Governador, os táxis cobravam tanto que Caubi apelou para o motorista do dr. Norberto, baiano também e boa-praça. O rapaz topou levar a moça e seus badulaques no carro do patrão, que que tem? à base de camaradagem.

Levou. Mas não entregou. A meio caminho, a caminhonete que vinha na contramão forçou-o a atirar contra o barranco o fusca do doutor. O estrago não foi grande, mas o conserto da lataria ficava exatamente em setecentos e cinquenta cruzeiros, e como o Caubi ia deixar o amigo pagar a despesa, além do vexame de ter de explicar ao dr. Norberto?

— Eu pago o prejuízo, *taqui* setecentas pratas, o resto dou no mês que vem, amigo velho.

Lucineia, que voltou de ônibus e machucada para o edifício, deixando no asfalto metade de seus trecos, empregou-se de copeira em casa do dr. Norberto. O quarto em Queimados foi desalugado, e o casamento adiado para quando Caubi juntar, não setecentos, mas mil e quatrocentos cruzeiros, a julgar pela taxa de inflação. Desistir de casar com moça de Pojuca ele não desiste, nem que seja preciso, para tão longo amor, passar mais longa vida lavando carros de madrugada. Mas um temor começa a roê-lo, qual bicho em goiaba: se Lucineia, com o tempo, virar moça carioca, que exige tudo, e o casamento acabar, Deus sabe lá, daquele jeito?

CASO DE RECENSEAMENTO

O agente do recenseamento vai bater numa casa de subúrbio longínquo, aonde nunca chegam as notícias.

— Não quero comprar nada.

— Eu não vim vender, minha senhora. Estou fazendo o censo da população e lhe peço o favor de me ajudar.

— Ah, moço, não estou em condições de ajudar ninguém. Tomara eu que Deus me ajude. Com licença, sim?

E fecha-lhe a porta.

Ele bate de novo.

— O senhor, outra vez?! Não lhe disse que não adianta me pedir auxílio?

— A senhora não me entendeu bem, desculpe. Desejo que me auxilie mas é a encher este papel. Não vai pagar nada, não vou lhe tomar nada. Basta responder a umas perguntinhas.

— Não vou responder a perguntinha nenhuma, estou muito ocupada, até logo!

A porta é fechada de novo, de novo o agente obstinado tenta restabelecer o diálogo.

— Sabe de uma coisa? Dê o fora depressa antes que eu chame meu marido!

— Chame sim, minha senhora, eu me explico com ele.

(Só Deus sabe o que irá acontecer. Mas o rapaz tem uma ideia na cabeça: é preciso preencher o questionário, é preciso preencher o questionário, é preciso preencher o questionário.)

— Que é que há? — resmunga o marido, sonolento, descalço e sem camisa, puxado pela mulher.

— É esse camelô aí que não quer deixar a gente sossegada!

— Não sou camelô, meu amigo, sou agente do censo...

— Agente coisa nenhuma, eles inventam uma besteira qualquer, depois empurram a mercadoria! A gente não pode comprar mais nada este mês, Ediraldo!

O marido faz-lhe um gesto para calar-se, enquanto ele estuda o rapaz, suas intenções. O agente explica-lhe tudo com calma, convence-o de que não é nem camelô nem policial nem cobrador de impostos nem emissário de Tenório Cavalcanti. A ideia de recenseamento, pouco a pouco, vai-se instalando naquela

casa, penetrando naquele espírito. Não custa atender ao rapaz, que é bonzinho e respeitoso. E como não há despesa nem ameaça de despesa ou incômodo de qualquer ordem, começa a informar, obscuramente orgulhoso de ser objeto — pela primeira vez na vida — da curiosidade do governo.

— O senhor tem filhos, seu Ediraldo?

— Tenho três, sim senhor.

— Pode me dizer a graça deles, por obséquio? Com a idade de cada um?

— Pois não. Tenho o Jorge Independente, de catorze anos; o Miguel Urubatã, de dez; e a Pipoca, de quatro.

— Muito bem, me deixe tomar nota. Jorge... Urubatã... E a Pipoca, como é mesmo o nome dela?

— Nós chamamos ela de Pipoca porque é doida por pipoca.

— Se pudesse me dizer como é que ela foi registrada...

— Isso eu não sei, não me lembro.

E voltando-se para a cozinha:

— Mulher, sabes o nome da Pipoca?

A mulher aparece, confusa.

— Assim de cabeça eu não guardei. Procura o papel na gaveta.

Reviram a gaveta, não acham a certidão de registro civil.

— Só perguntando à madrinha dela, que foi quem inventou o nome. Pra nós ela é Pipoca, tá bom?

— Pois então fica se chamando Pipoca — decide o agente. — Muito obrigado, seu Ediraldo, muito obrigado, minha senhora, disponham!

— Que negócio é esse? Ninguém me atende?

A muito custo, atenderam; isto é, confessaram que não podiam atender, por causa do jogo com a Bulgária.

— Mas que é que eu tenho com o jogo com a Bulgária, façam-me o favor? E os senhores por acaso foram escalados para jogar?

O chefe da seção aproximou-se, apaziguador:

— Desculpe, cavalheiro. Queira voltar na quinta-feira, 14. Quinta-feira não haverá jogo, estaremos mais tranquilos.

— Mas prometeram que meu papel ficaria pronto hoje sem falta.

— Foi um lapso do funcionário que lhe prometeu tal coisa. Ele não se lembrou da Bulgária. O Brasil lutando com a Bulgária, o senhor quer que o nosso pessoal tenha cabeça fria para informar papéis?

— Perdão, o jogo vai ser logo mais, às quinze horas. É meio-dia, e já estão torcendo?

— Ah, meu caro senhor, não critique nossos bravos companheiros, que fizeram o sacrifício de vir à repartição trabalhar quando podiam ficar em casa ou na rua, participando da emoção do povo...

— Se vieram trabalhar, por que não trabalham?

— Porque não podem, ouviu? Porque não podem. O senhor está ficando impertinente. Aliás, disse logo de saída que não tinha nada com o jogo com a Bulgária! O Brasil em guerra — porque é uma verdadeira guerra, como acentuam os jornais — nos campos da Europa, e o senhor, indiferente, alienado, perguntando por um vago papel, uma coisinha individual, insignificante, em face dos interesses da pátria!

— Muito bem! Muito bem! — funcionários batiam palmas.

— Mas, perdão, eu... eu...

— Já sei que vai se desculpar. O momento não é para dissensões. O momento é de união nacional, cérebros e corações uníssonos. Vamos, cavalheiro, não perturbe a preparação espiritual dos meus colegas, que estão analisando a Seleção Búlgara e descobrindo meios de frustrar a marcação de Pelé. O senhor acha bem o 4-2-4 ou prefere o 4-3-3?

— Bem, eu... eu...

— Compreendo que não queira opinar. É muita responsabilidade. Eu aliás

não forço opinião de ninguém. Esta algazarra que o senhor está vendo resulta da ampla liberdade de opinião com que se discute a formação do selecionado. Todos querem ajudar, por isso cada um tem sua ideia própria, que não se ajusta com a ideia do outro, mas o resultado é admirável. A unidade pela diversidade. Na hora da batalha, formamos a frente única.

— Está certo, mas será que, voltando na quinta-feira, eu encontro o meu papel pronto mesmo?

— Ah, o senhor é terrível, nem numa hora dessas esquece o seu papelzinho! Eu disse quinta-feira? Sim, certamente, pois é dia de folga no campeonato. Mas espere aí, com quatro jogos na quarta-feira, e o gasto de energia que isso determina, como é que eu posso garantir o seu papel para quinta-feira? Quer saber de uma coisa? Seja razoável, meu amigo, procure colaborar, procure ser bom brasileiro, volte em agosto, na segunda quinzena de agosto é melhor, depois de comemorarmos a conquista do Tri.

— E... se não conquistarmos?

— Não diga uma besteira dessas! Sai, azar! Vá-se embora, antes que eu perca a cabeça e...

Vozes indignadas:

— Fora! Fora!

O servente sobe na cadeira e comanda o coro:

— Bra-sil! Bra-sil! Bra-sil!

Está salva a honra da torcida, e o importuno retira-se precipitadamente.

13/07/1966

BANCO BARROCO

— Quer comprar o meu banco? Ele não está à venda.

Falava com superioridade de banqueiro que se sabe forte na praça, capaz de resistir à pressão de grupos econômicos poderosos. Tornou-se arrogante:

— Não vendo ele de jeito nenhum. Já recusei muitas propostas. Por que havia de vender? Gosto dele, não vai mudar de proprietário enquanto eu for vivo.

— Perdão, eu não queria comprar.

— Queria então o quê?

— Queria permissão para ver. Estou estudando mobiliário barroco, e soube que o senhor tem em casa uma peça valiosa.

— Valiosa? Pra mim ele não pode ser avaliado em cruzeiros. Nem em dólar, que aliás hoje não é mais lá essas coisas. O senhor quer ver apenas?

— Ver e, com sua licença, fotografar.

— Ah, fotografar pra quê? Pra botar no jornal?

— Não trabalho em jornal.

— Então, trabalha pro governo, já vi tudo. Vem ver o meu banco, tira retrato, faz relatório, depois, pimba: o governo desapropria o meu banco por essa tal de utilidade pública. Muito bonito.

— O senhor está completamente enganado. Não sou funcionário público, sou estudante e trabalho no escritório da Light. Olhe aqui as minhas carteiras.

— Carteiras? Carteira não prova nada.

— Bem, se não acredita...

— Prefiro acreditar na sua cara, que me parece de gente de bem. Pode entrar.

A salinha era pobre, só o banco impunha sua classe, misturado a trastes sem estilo.

— Século XVII, no duro. Joia.

— Eu sei, eu conheço o que é meu.

— O senhor permite que eu tome as medidas?

— Pra que tirar medida? Não chega tirar retrato?

— Para documentar bem a peça. Vou fazer um sucesso danado lá na Escola, com o trabalho sobre este banco.

A desconfiança voltou a acinzentar os olhos do dono:

— Sei não. Este seu interesse pelo meu banco...

— O senhor está pensando que eu vim a mando de algum antiquário? Dou minha palavra de honra que faço uma pesquisa escolar.

— Bom, pode tirar as medidas.

O rapaz aproximou-se, alisou o couro lavrado, com carinho. Banco de igreja nordestina, jacarandá venerando, oito pés retorcidos, duas traves torneadas, como é que um tesouro desses foi parar naquela casinha vulgar de Madureira?

— Vou dar ao senhor cópias das fotos.

— Não carece, moço. Prefiro olhar pro meu banco do que olhar pro retrato dele.

— O senhor... posso saber como essa coisa linda veio ter às suas mãos?

— Olha só a curiosidade dele. Eu não falei? Agora tem fiscalização de móveis na casa da gente?

— Não precisa responder, é claro. Está se vendo que isto é um bem de família, o senhor herdou de seu pai.

— E meu pai de meu avô. Meu avô do pai dele, ou da mãe, sei lá. Negócio muito do antigório.

— Mas este banco não é do tempo do seu bisavô. É muito mais antigo.

— Como é que eu posso saber quem foi a primeira pessoa da minha família que possuiu este banco? Não sou adivinhão.

— Bem, ele saiu duma igreja.

— Isso eu sei.

— Não estou duvidando de sua família, claro. Absolutamente. Mas seus pais não lhe contaram nada, nada, não lhe falaram de uma tradição da família em torno deste banco?

Ficou pensativo, coçando a testa.

— Parece que tinha um padre...

— Lógico que tinha um padre.

— Vou confiar no senhor. Negócio perdido na fumaceira do tempo, né? a gente pode contar.

— Isso.

— Uma dona da nossa família era casada com ele. Naquela base, entende? O padre morreu, a comadre guardou o banco de lembrança. O senhor vê que este banco é sagrado. Não vendo ele pra Onassis nenhum. Ninguém tem o direito de sentar nele. Nem eu. Sou pobre mas sustento a honra do passado. Agora que já sabe tudo, o senhor aceita uma xicara de café coado na hora?

Recomendaram-lhe que se deitasse cedo, para acordar à hora da passagem do ano. A julgar pela insistência da recomendação, o ano não passa se os garotos ficarem de vigília. E como havia de ser, se não passasse? Era a vida do mundo inteiro que se perturbava. Tudo que estava para acontecer a partir de meia-noite bruscamente ficaria retido em malas, pacotes, na escuridão. Seria complicar tanto a vida dos outros, e a sua própria, que o menino se decidiu a acatar a ordem ingrata. Ou a fingir acatamento. Iria deitar-se, que remédio? Fecharia os olhos, pois esse é o testemunho de sono que as mães procuram no rosto dos filhos. Mas dormir de verdade, isso não. Imóvel, como nas ocasiões em que brincava de morrer, continuaria atento ao que ocorresse noite afora, pelo mundo solto. Queria devassar o mistério da passagem do ano, que ninguém sabe explicar.

A bá falara numa faixa de luz, que corta o céu de lado a lado, verdadeiro arco-íris, tão intenso que ninguém pode botar-lhe os olhos em cima; corusca, ouve-se um coro de anjos, tudo some de repente: o ano velho se foi, chega o ano-novo. Mas seu tio, piloto da Varig, voou numa noite de 31 de dezembro e não confirmou a luz e os anjos; o ano-novo desce é de paraquedas, bem no centro da praça General Osório; traz na mochila talco, escova de dentes, pombas. “Pra que pombas?” “Pra soltar em sinal de alegria.” Quanto ao ano velho, acaba feito balão que perdeu gás, muito chocho.

Como as pessoas são mentirosas. A história certa eles não contam, e cada um vai inventando uma história que desmente a outra. Sua mãe, que lhe pede não mentir nunca, sua própria mãe não estaria mentindo? Por mais que lhe perguntasse como é a cara do ano velho, e a cara do novo, não tivera resposta. Ela respondera com um sorriso, desses de que a gente gosta, mas não esclarecem nada, são modos de esconder: “Você mesmo verá como é. Depende da maneira de olhar”. Conversa com outros garotos a respeito não adianta. Cada qual diz mais bobagem que o outro; aprendem a mentir com os grandes.

Cerrou a porta, determinado. Preparou-se, deitou-se, esperou o beijo suave. Quis ainda puxar conversa, a mãe passou-lhe os dedos na face, repuxando-lhe a pele num dengue: “Dorme, colaçãozinho de manteiga”. Ela apagou a luz e saiu, veludo andando. Será que aguento ficar acordado até meia-noite? Quanto tempo é meia-noite? Da cama não se vê nada. Tenho de ir para a janela. Claro que o ano passa no ar, fico espiando. Mas tem tanta gente na rua, tanto carro buzinando,

ninguém olha para cima. Estão acostumados? É ruim ficar acostumado: não se vê mais nada, as coisas vão se apagando. Eles conversam demais, seria tão bom que todo mundo ficasse calado, pensando, sentindo; o quê? sentindo. Como vão perceber que o ano passou, se falam sobre outras coisas, riem, cantam, gritam? Depende mesmo da maneira de olhar — a mãe dissera. Agora estão sambando. As estrelas bem que continuam calmas. Elas sabem de tudo, veem aquilo que, cá de baixo, na confusão, uma criança só pode perceber se ficar de olhos arregalados, quietinha. Por maior que seja a boa vontade... E essa moleza que desce das estrelas e entra sorrateira nos braços, nas pernas, esse peso que faz baixar as pálpebras, como quem fecha cortina, devagar.

Acordou no chão, apavorado com o estrondo. Houve um desastre durante a passagem, o mundo acabou? Do salão vinham gritos, em que lhe parecia reconhecer vozes familiares. Seus pais estariam morrendo? Correu para a porta, abriu-a, atravessou o corredor, parou à entrada da sala. Teve uma imagem conjugada de garrafas, risos, cantos, beijos, copos. Estavam todos salvos, pais e amigos, mas tinham perdido o jeito comum, o jeito diurno. As vozes eram as mesmas e não eram. Arrastavam um pouco, palavras não terminavam, todas as pessoas manifestavam exagerada ternura umas pelas outras, abraçando-se ruidosamente.

A mãe viu-o de longe: “Filhinho!”, avançou com jeito engraçado, envolveu-o numa carícia, o pai tentou fazer o mesmo e não acertou, os outros bateram palmas. Seus olhos ainda não estavam abertos de todo, sentia vontade de chorar. “Ele passou?”, disse baixinho ao ouvido. Sim, tinha passado, então não vira? Quis perguntar como é que passara, não teve ânimo. Um pouco tonta, mas docemente, a mãe levou-o de volta para o quarto, agasalhou-o, encostou rosto no rosto — o bafo casava-se a perfume —, rogou-lhe que dormisse outra vez, colaçozinho de manteiga. O ano passara sem que ele visse. Bem que a mãe prevenira: “Depende da maneira de olhar”. Ele não acertara com a maneira.

Assistindo a um desfile de escolas de samba, espetáculo maravilhoso de ritmo, som e colorido, X teve a sensação de dissolver-se na multidão, e por duas horas não existiu em si, mas no grupo. Guardava todas as percepções do indivíduo, e era como se esse indivíduo tivesse milhares de olhos, ouvidos, bocas. Seu próprio corpo se alastrara, pois, na impossibilidade de mover-se do ponto em que estava, sentia que suas pernas iam acabar a três quadras de distância, onde a rua aparecia livre.

Terminada a exibição, X verificou que lhe faltava a carteira, subtraída do bolso da calça por alguém que, menos comunicativo, resistira à absorção pela massa. Levara pouco dinheiro e, além de alguns papéis, apenas lamentou a perda de um retrato muito amado. Consolou-se pensando que essa lembrança seria restituída por não interessar a outrem.

No dia seguinte, o correio trouxe-lhe um cheque, e X foi ao banco descontá-lo. O empregado pediu-lhe, por obséquio, a carteira de identidade, e como ele não a tivesse, e ninguém ali o conhecesse para atestar que X era mesmo X, saiu sem receber o dinheiro.

Dirigiu-se a uma repartição pública, onde ia ter vista de um processo. E já estendia a mão para pegá-lo quando o funcionário, mantendo suspenso o maço de papéis, e delicadamente:

— Sua carteira, faz favor.

X explicou que estava sem carteira, furtada no meio do aperto etc. Mas não tinha importância: também era funcionário público, e o colega...

— Então me dê sua carteira funcional.

A funcional, com seu número de matrícula no Instituto das Sementes Oleaginosas, também fora batida, e X não podia consultar o dossiê sem comprovar sua condição de X.

Como todo pequeno-burguês neste momento difícil para a humanidade, X tem dupla ou tripla profissão, e deu um pulo ao sindicato de classe, à cata de um atestado de que era mesmo X, e não Y. Pediram-lhe, de entrada, que mostrasse a carteira sindical. Claro que a sindical sumira com as outras. Mas não se podia espiar no arquivo os dados transcritos no documento?

— Poder, pode, mas não há como a carteirinha mesmo. E o arquivo está sendo reorganizado. O senhor volte daqui a duas semanas, tá?

— Meu caro...

— Se o senhor não tem carteira, que hei de fazer? Como posso saber que o senhor é o senhor mesmo? Faça como eu: o papai aqui só toma banho com a carteira sindical amarrada à cintura, num impermeável.

X arrastou-se ainda ao Ministério do Trabalho, mas, como também houvesse ficado sem carteira profissional (não confundir com sindical), não podia provar que tinha carteira profissional, nem mesmo profissão, nem sequer que existia.

Num esforço derradeiro, lembrou-se de que, como toda gente, era sócio da ABI, e esta poderia salvá-lo, dando-lhe uma carteira nova de jornalista. Mas era preciso um retrato, sem o que a carteira não provava nada, e o fotógrafo da rua da Carioca, ao fim de uma longa escada comida pelo tempo, avisou:

— Distinto, procure daqui a três dias. Até lá, é bom não sair de casa...

Só então X compreendeu. Compreendeu que, desde a perda de suas carteiras, não existia mais. Um homem só existe pelos documentos de identidade. Seu retrato vale mais do que o corpo, um carimbo mais do que sua palavra, e um número mais do que tudo. Iluminava-se o velho problema filosófico da essência e da existência. Kierkegaard vislumbrara a solução, ao afirmar que existente é aquele que experimenta certa intensidade de sentimentos em contato com alguma coisa fora dele. Existente é aquilo que a coisa externa faz de nós, comunicando-nos seu sopro, e sem essa coisa não podemos sequer viver, pois nossos semelhantes não nos percebem em nós, mas em nossos símbolos civis. E o símbolo é a essência do ser.

Sem existir, X chegou ao largo da Carioca. Aí se viu no meio de uma briga, empurraram-no, maltrataram-no, e, como não tivesse documento algum, foi conduzido ao distrito e recolhido — por engano — ao xadrez. Lá dentro, um homem humilde fitou-o por muito tempo, hesitante, e afinal lhe tocou no ombro:

— O senhor se parece muito com um retrato que eu achei jogado na rua e guardei à toa. Quer ver?

Tirou do bolso sujo o velho retrato do pai de X, que ficara na carteira furtada. E X sentiu-se existir novamente, pois fora reconhecido, através das linhas do rosto, e sem o menor documento estampilhado.

CASO DE CHÁ

A casa da velha senhora fica na encosta do morro, tão bem situada que dali se aprecia o bairro inteiro, e o mar é uma de suas riquezas visuais. Mas o terreno em volta da casa vive ao abandono. O jardineiro despediu-se há tempos; hortelão, não se encontra nem por milagre. A velha moradora resigna-se a ver crescer a tiririca na propriedade que antes era um brinco. Até cobra começou a passear entre a folhagem, com indolência; é uma cobrinha de nada, mas sempre assusta.

O verdureiro que faz ponto na rua lá embaixo ofereceu-se para matá-la. A boa senhora reluta, mas não pode viver com uma cobra tomando banho de sol junto ao portão, e a bicha é liquidada a pau. Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses. Na ocasião, um problema o preocupa: não tem onde guardar à noite a carrocinha de verduras.

— Ora, o senhor pode guardar aqui em casa. Lugar não falta.

— Muito agradecido, mas vai incomodar a madame.

— Incomoda não, meu filho.

A carrocinha passa a ser recolhida nos fundos do terreno. Todas as manhãs o dono vem retirá-la, trazendo legumes frescos para a gentil senhora. Cobra-lhe menos e até não cobra nada. Bons amigos.

— Madame gosta de chá?

— Não posso tomar, me dá dispepsia, me põe nervosa.

— Pois eu sou doido por chá. Mas está tão caro que nem tenho coragem de comprar. Posso fazer um pedido? Quem sabe se a madame, com esse terreno todo sem aproveitar, não me deixa plantar uns pés, pouquinho coisa, só para o meu consumo?

Claro que deixa. Em poucas horas o quintal é capinado, tudo ganha outro aspecto. Mão boa é a desse moço: o que ele planta é viço imediato. A pequenina cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada. Não faz mal que a plantação se vá estendendo por toda a área. A velha senhora sente prazer em ajudar o bom lavrador. Alegando que precisa fazer exercício, caminhando com cautela pois enxerga mal, ela rega as plantinhas, que lhe agradecem a atenção prosperando rapidamente.

— Madame sabe: minha intenção era colher só uma pequena quantidade. Mas o chá saiu tão bom que os parentes vivem me pedindo um pouco e eu não

vou negar a eles. É pena madame não experimentar. Mas não aconselho: se faz mal, não deve mesmo tocar neste chá.

O filho da velha senhora chegou da Europa esta noite. Lá ficou anos estudando. Achou a mãe lépida, bem-disposta.

— E eu trabalho, sabe, meu querido? Todos os dias rego a plantação de chá que um moço me pediu licença para fazer no quintal. Amanhã de manhã você vai ver a beleza que está.

O verdureiro já havia saído com a carrocinha. A senhora estende o braço, mostra com orgulho a lavoura que, pelo esforço em comum, é também um pouco sua.

O filho quase cai duro:

— A senhora está maluca? Isso nunca foi chá, nem aqui nem na Índia. Isso é maconha, mamãe!

— Meu filho é artista de televisão, contando o senhor não acredita. Eu mesmo às vezes penso que é ilusão. Com oito anos, imagine. Estava brincando na pracinha lá da vila quando passaram uns homens e olharam muito pra ele. Meu filho, não é pra me gabar, mas é uma lindeza de Menino Jesus, aí um dos homens falou assim pra ele. Quer fazer um teste, ó garoto? O que é teste? ele respondeu. Aí o homem explicou, não sei bem qual é a explicação, levaram ele pra um edifício na cidade, tiraram um bocado de retratos dele, depois falaram assim: Você foi aprovado. Aí ele se espantou: Mas eu não fiz exame, que troço é esse? Não é nada de exame não, eles responderam, você foi aprovado pra fazer um comercial, tá bem? Ele neca de saber o que é um comercial, nem eu, mas agora eu fiquei sabendo, é uma coisa à toa, a pessoa nem precisa falar, fica só fazendo uma coisa, comendo doce de leite, devagarinho, com uma carinha alegre, quando acaba passa a língua nos beiços, assim, olha, e pisca o olho, ele é tão engraçado, antes de acabar de comer ele já estava fazendo isso, um negócio. Aí mandaram ele de volta pra casa, não, antes falaram assim pra ele: manda seu pai aqui na agência receber o cachê. Ele ficou espantado, falou assim: Que troço é esse? Eles responderam. É tutu. Aí ele baixou a cabeça e respondeu baixinho: Eu não tenho pai. E mãe você tem? Ele respondeu que mãe ele tinha, e levantou a cabeça. Então manda ela aqui, mas o garoto é esperto, deu uma de sabido: Eu mesmo não posso receber? se fui eu que fiz tudo sozinho. Não, você não pode, tem que ser sua mãe, diz a ela que venha das duas às quatro, trazendo carteira de identidade. Bonito, e eu que nunca tive carteira, já pelejei pra tirar uma, dei duro, pedi pro compadre Julião me quebrar esse galho, compadre explicou que carece antes tirar certidão de nascimento, essa é muito boa, então a gente tem que provar que nasceu, eu não estou viva com a graça de Deus e forte e trabalhando? O pior é que nem sei se fui registrada lá em Pilão dos Palmares, chão do meu nascimento, não tenho parentes neste mundo, só tenho no outro, e nem a poder de oração consegui até hoje tirar o papel da tal certidão, afinal eu falei assim pro compadre: Deixa pra lá, sem carteira vivi até hoje, sem ela vou viver até Nosso Senhor me fechar os olhos. Vou lá na agência assim mesmo. Larguei meu serviço. Fui. Tinha um mundão de gente, eu não sabia quem é que podia me atender, andei rolando de uma sala pra outra, até que afinal um cara de bigodão, atrás da parede de vidro com um óculo no meio, falou assim: É comigo, trouxe a

carteira? Eu expliquei que carteira eu não tinha, mas sou lavadeira muito acreditada na Zona Norte, muitas madamas da rua Conde de Bonfim podem atestar que eu sou eu mesma e mãe de meu filho, há vinte e cinco anos que trabalho de lavar roupa. Ele abanou a cabeça, falou assim: Nada feito, não tenho ordem de pagar sem identidade. Mas o meu filho trabalhou, moço, eles ficaram satisfeitos com o trabalho dele, tanto que prometeram pagar um tal de cachê, como é que pra pagar a ele é preciso a carteira de outra pessoa, o senhor acha isso direito? Ele não respondeu nada, tornou a abanar a cabeça e eu fiquei matutando: O que tu vai fazer pra sair dessa, Clementina da Anunciação? E comecei a chorar. Ai eles me viram chorando, ficaram com pena de mim, um barbudo que passava disse assim pro bigodão: Paga a ela, Reginaldo. O bigodão resmungou: Tá legal, e me deu um papel passado em três folhas iguais, pra eu assinar nelas todas. Ai eu disse: O senhor me desculpe, mas eu não sei escrever, a cabeça não dá. Então nada feito outra vez, o bigodão respondeu. Ai, eu não tinha mais vontade de chorar e disse assim pra ele: Escuta aqui, moço, quanto é que meu filho tem pra receber? Ele respondeu: cinquenta cruzeiros. Ah, é isso? respondi. Pode ficar pra agência. Perdi meu dia de trabalho, gastei trem, gastei ônibus, andei a pé neste solão, não vou me chatear por causa dessa mixaria. Um cara que estava escutando falou assim: A senhora vai jogar fora esses cinquenta mangos? E daí? respondi pra ele. Meu filho vale muito mais, a gente não fica mais pobre por causa disso, ele agora é artista, amanhã se Deus e a Virgem Maria ajudar, vai ganhar milhões. Nem precisa ganhar, só o orgulho que eu sinto por ele ter passado no teste! Sai de lá com esse orgulho bonito no coração, meu filho é artista, meu filho é artista, ia repetindo sozinha, na rua me olhavam admirados mas eu nem dei bola, fui pra casa e ligo a televisão o dia inteiro, trabalho vendo ela, até chegar a hora de meu filho aparecer no comercial comendo doce de coco. Pobre tem televisão, na vila todos têm, vai ser um estouro quando meu boneco aparecer e piscar o olho, então isso não vale mais que cinquenta, que quinhentos ou cinco mil cruzeiros, ou todos os cruzeiros do mundo?

 E seu rosto enrugado cintilava de glória.

— Não, paizinho, não! Quero ir com você!

— Mas meu bem, não posso levar você lá. O lugar não é próprio. Não vou demorar nada, só dez minutos. Seja boazinha, fique me esperando aqui.

— Não, não! — a garotinha soluçava. Agarrou-se à calça do pai como quem se agarra a uma prancha no mar. Ele insistia:

— Que bobagem, uma menina de sua idade fazendo um papelão desses.

— Você não volta!

— Volto, ora essa, juro que volto, meu amor.

Prometendo, ele passeava o olhar pela rua, impaciente. Ela baixara a cabeça, chorando. Estavam diante da papelaria. O gerente assistia à cena. O homem aproximou-se dele:

— Faz-me o obséquio de tomar conta de minha filha por alguns instantes? Vou a um lugar desagradável, não posso levá-la comigo.

— Mas...

— Quinze minutos no máximo. É ali adiante. Muito obrigado, hem?

E sumiu. A garotinha continuava de olhos baixos, imóvel, o dorso da mão esquerda junto à boca. O gerente passou-lhe a mão nos cabelos, de leve.

— Vem cá.

Ela não se mexeu.

— Como é que você se chama? Carmen? Luísa? Marlene?

Como não respondesse, o gerente foi desfiando nomes, sem esperança de acertar. Mas ao dizer “Estela”, a cabecinha moveu-se, confirmando.

— Estela, você sabe que está com um vestido muito bonito?

Estela tirou a mão dos olhos, examinou o próprio vestido e não disse nada.

Mas o gelo fora rompido. Daí a pouco o gerente mostrava-lhe a caixa registradora e autorizava-a a marcar uma venda de duzentos cruzeiros.

— Olha um gatinho. Ele mora aqui?

— Mora.

— E que é que ele come?

— Papel.

— Mentiroso!

— Então pergunte a ele.

O gato acordou, deixou-se afagar e tornou a dormir, desta vez nos braços de

Estela.

O gerente olhou o relógio; tinham se passado quinze minutos, o homem não aparecia. “Bonito se ele não vier mais. Que vou fazer com esta garotinha, na hora de fechar?”

Tentou lembrar o rosto do desconhecido; impossível. Já pensava em telefonar para a polícia, quando Estela o puxou pela perna:

— Além da máquina e do gatinho, você não tem mais nada para me mostrar?

Ele abarcou com a vista a loja toda e sentiu-a mal sortida, pobre. “Eu devia ter aberto uma loja de brinquedos, pelo menos um bazar.” Experimentou com Estela o apontador de lápis, o grampeador. E o homem não vinha. É, não vem mais. Estela andava de um lado para outro, dona do negócio. Ele, inquieto.

— Não mexa nas gavetas, filhinha.

— Não sou sua filhinha.

— Desculpe.

— Desculpo se você deixar eu abrir.

— Então deixo.

Dentro havia balões, estrelinhas, saldo do último Natal. E ele que não se lembrava daquilo. Estela riu de sua ignorância, e o homem não vinha. O movimento de fregueses declinava. Na calçada, as filas de lotação iam crescendo. Daí a pouco, a noite.

Estela soprou um balão, outro, quis soprar dois ao mesmo tempo. Um estourou. Ela assustou-se. Ele riu.

“Se o homem não aparecesse mais, que bom! Aliás a cara dele era de calhorda. Ainda bem que me escolheu.” Levaria Estela para casa, a mulher não ia estranhar, fariam dela uma filha — a filha que praticamente não tinham mais, pois casara e morava longe, no Peru. E se o pai reclamasse depois? Ora, quem entrega sua filha a um estranho, diz que vai demorar quinze minutos, passa uma hora e não volta, merece ter filha?

O empregado arriava a cortina de aço quando apareceram duas pernas, um tronco inclinado, uma cabeça.

— Dá licença? Demorei mais do que pensava, desculpe. Muito obrigado ao senhor. Vamos, filhinha.

O gerente virou o rosto, para não ver, mas chegou até ele a despedida de Estela:

— Até logo, homem do balão!

E a filha ficou mais longe ainda, no Peru.

A notícia de que Papai Noel assassinara uma criança no bairro de Fátima correu célere pela cidade, primeiro no noticiário de uma emissora de rádio, em seguida pela televisão. A vítima ainda não fora identificada, e o criminoso desaparecera. O informativo da TV filmou cenas de ajuntamento popular na praça Presidente Aguirre Cerda, onde a multidão se mostrava presa de emoção incontrolada. Mulheres caíam em pranto ao serem entrevistadas, outras desmaiavam. As que conseguiam dizer alguma coisa reclamavam pena de morte para o matador. O locutor escusou-se de apresentar um flagrante da criancinha degolada (pois fora esta a maneira escolhida para o sacrifício), alegando não querer ferir a sensibilidade geral.

Uma dúvida, entretanto, permanecia no ar, e os comentários em torno do drama só contribuíam para aumentá-la. O noticiário falava em criança, mas sem indicar-lhe o sexo. Supunha-se que fosse menina, o que de certo modo tornava ainda mais cruel o atentado, pela ternura maior que merecem as garotas. Moradores do bairro, porém, afiançavam tratar-se de um garoto de sete ou oito anos, sem pai nem mãe, que perambulava habitualmente pela rua Riachuelo, vendendo drops, e já fora duas vezes recolhido pela Funabem, evadindo-se para voltar à sua pobreza livre.

O ponto em que todos se detinham mais intrigados, cada um aventurando hipóteses que seriam logo refutadas pelo interlocutor, era o motivo obscuro de um ato de tamanha selvageria. Por que Papai Noel matara o menino(a)? Devia ser um louco vestido de Papai Noel, não o bom velhinho em pessoa. Quando muito, se fosse o próprio, ocorrera em sua mente súbito e terrível desequilíbrio, que o levava a imolar justamente um ser a quem deveria manifestar carinho oferecendo-lhe brinquedos ou presentes mais úteis pelo Natal.

Era inconcebível um homicida usando a falsa identidade de um dos homens que melhor simbolizam o amor na quadra que vivemos, sendo o mais puro deles: aquele que dá sem intenção de receber, o que pensa tanto nos privilegiados como nos humildes, dando porém preferência a estes. Mas a realidade não podia ser omitida: havia uma criança com a cabeça decepada, e quem a degolara não fora outro senão Papai Noel. Na mão direita do pequeno cadáver, fechada em esforço derradeiro de luta com o agressor, alguém vira, amarrado, o capuz vermelho inconfundível, que ninguém tem direito de usar, salvo o citado ancião.

A corroborar a prova, a mão esquerda apertava fios de barba nevada, arrancados no desenrolar do tremendo corpo a corpo entre a inocência e a ferocidade.

Comandos populares saíram à rua, no encalço de Papai Noel, enquanto a polícia detinha quatrocentos e vinte e oito suspeitos, entre homens e mulheres, que, interrogados, nada sabiam dizer ou confessavam outros delitos. Nenhum deles era o autor do crime de Fátima. Os populares entraram em choque com as caravanas policiais e por sua vez foram recolhidos a camburões, com destino ao depósito de presos, onde passaram o Natal. E nada de Papai Noel aparecer.

Informantes deram conta de que ele se refugiara em Brás de Pina; outros viram-no galgar o Morro da Catacumba, disparando a pistola; terceiros juraram ter presenciado seu suicídio na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde o corpo seria facilmente pescado.

Mães de família, na praça, continuavam a exigir punição exemplar para o bárbaro degolador, até que um senhor de idade madura fez ouvir uma palavra serena. Antes de mais nada — ponderou — era necessário cuidar do sepultamento condigno da vítima, cordeiro imolado à sanha de um poder misterioso. Concordaram todos, mulheres e homens, dirigindo-se para onde estava o corpo. Mas o corpo também havia desaparecido, ou, por outra, não se apurou exatamente o local onde deveria estar. Quadra por quadra, esquadrinhou-se todo o bairro, sem que se encontrasse sombra de menino(a). Apareceu foi uma cabeça sem corpo, e era de uma boneca.

Exclamações brotaram de todos os lábios. Evidentemente, o corpo fora levado para uma região superior e, alcandorando-se, ficaria para sempre isento de corrupção. A cabeça sangrenta, por seu lado, convertera-se em belo rosto de acrílico, limpo de qualquer mácula, e passaria a dar testemunho do fim de um mito moderno, a bondade humana de Papai Noel. Este, certamente, cansara-se de representar seu falso papel, e, pelo holocausto da criança, encerrara o ciclo terrestre. Era um crime gratuito e, ao mesmo tempo, cheio de significado místico. Pelo que todos se recolheram às suas casas, metade dos detidos foi solta, o informativo das emissoras não se ocupou mais do assunto, e a paz reinou (reinou?) sobre o Ano-Novo.

INICIATIVA

É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso. Explico-me. Todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz. Não distingue entre gente e bicho, quando tem de agir, mas como há inúmeras sociedades (com verbas) para o bem dos homens, e uma só, sem recursos, para o bem dos animais, é nesta última que gosta de militar. Os problemas aparecem-lhe em cardume, e parece que a escolhem de preferência a outras criaturas de menor sensibilidade e iniciativa. Os cães postam-se no seu caminho, e:

— Dona, me leva — murmuram-lhe os olhos surrados pela vida mas sempre meigos.

Outro dia o cão vinha pela rua, mancando, amarrado a um barbante e puxado por um bêbado pobre, mas tão bêbado como qualquer outro. Com o aperto do laço, o infeliz punha a alma pela boca. E o bêbado resmungava ameaças confusas. Minha amiga aproximou-se, com jeito.

— Não faça assim com o pobrezinho, que ele sufoca.

— Faço o que eu quero, ele é meu.

— Mas é proibido maltratar os animais.

— Eu não vou maltratar. Vou matar com duas navalhadas.

Minha amiga pulou como Ademar Ferreira da Silva:

— Me dá esse cachorro.

— Dar, não dou, mas vendo.

Dez cruzeiros selaram o negócio, e, livre do barbante, o cachorro embarcou no carro de minha amiga. Felizmente, anoitecia — e ela penetrou no apartamento, sem impugnação do porteiro. Que prodígios não faz para amortecer o latido dos hóspedes, lá dentro! (Uma vez, ante a reclamação do vizinho, explicou que era disco de jazz.) Já havia três cães instalados, não cabia mais. Tratou do bicho, chamou-lhe veterinário, curou-lhe a pata, deu-lhe vitamina e carinho. Só depois começou a providenciar uma casa de confiança para ele. Seu método consiste numa conversa mole com a pessoa: tem cachorro em casa? Por que não tem mais? Fugiu? Morreu de velho? (Se o cão fugiu, o dono não presta.) Conforme a ficha da pessoa, minha amiga lhe oferece o animal, ou não, e passa adiante.

Desta vez o escolhido foi José, contínuo de autarquia (não carece ser rico,

mas bom, paciente, bem-humorado). José tem crianças, espaço cercado e vocação para dedicar-se. Minha amiga ofereceu-se para levar o cachorro ao longe subúrbio, José disse que não precisava, ela insistiu, ele idem. Afinal foram juntos, o carro subiu ladeira, desceu ladeira, e no alto do morro desvendou-se a triste casa de José, que não era casa cercada, era um corredor de cabeça de porco, com cinco crianças, mulher e sogra de José empilhadas.

Minha amiga compreendeu. José era mais pobre do que o cachorro e sem um mínimo de dinheiro não se compra ar livre e espaço para brincar. Seria cruel dizer a José: “Volto com o cachorro”. Felizmente o animal salvou a situação, tentando morder um dos garotos que lhe fizera festa. Minha amiga iluminou-se: “Está vendo, José? Ele não se acostuma. Vou te trazer outro, novinho”. José, desolado, aquiesceu. Minha amiga saiu voando para a cidade, entrou numa dessas casas onde se martirizam animais à venda, e resgatou o menor dos cachorrinhos recém-nascidos, que já penava numa jaula sem água e alimento, a um sol de fogo. “Para este, qualquer coisa é negócio, e melhora a vida.” Levou-o rápido, para José, que o recebeu de alma embandeirada.

Agora, minha amiga tem dois problemas: arranjar um dono para o cachorro do bêbado, e dar um jeito nos cinco filhos de José. Mas resolve, não tenham dúvida.

CASO DE CONVERSA

A cozinheira abriu a porta da área de serviço. De cartão de identidade e talão de recibos em punho, o desconhecido ofereceu-lhe uma chance extraordinária:

— As empregadas domésticas não são sindicalizadas, não descontam para Iapês, não têm o menor amparo. Se adoecem, azar delas: o jeito é morrer à míngua. Mas com trezentos cruzeiros a senhora terá direito a hospital, operação, medicamentos e tudo mais. Hospital de propriedade exclusiva de domésticas, um estouro.

— Só trezentos cruzeiros?

— Bem, até o dia 30. Mês que vem em diante, custa dez mil cruzeiros. Aproveite enquanto o dólar está a mil e cem e assine este formulário de inscrição.

— Assinar o quê? Não sou escritora que nem meu patrão, que vive assinando livro na livraria. Eu mexo é com colher.

— Estou vendo que a senhora é desconfiada, no que faz muito bem. Hoje em dia nem na gente mesmo a gente deve confiar. Mas isto é diferente. Estão aqui as plantas, fotografias da maquete, nomes da diretoria, pessoal de responsabilidade.

— Hospital na planta, moço? É demagogia.

— Daqui a pouco vai existir Em Coqueiros, sim senhora, e quero só ver o seu vexame quando passar por lá.

— Então me procura mais tarde, que agora estou muito ocupada lavando panela.

— Quando não tiver mais lugar de sócio fundador privilegiado, né? Está assim de candidato. A senhora se arrisca a ficar como sócia cooperadora não privilegiada, sem direito a acompanhante que não paga diária.

— Estou somando? Quem me acompanha é Deus, que nunca pagou diária.

— Quer dizer que é solteira.

— Com a graça de Deus.

— Me desculpe se estou avançando o sinal, mas não acho graça de Deus nenhuma nisso.

— Está desculpado. Acontece que não é da sua repartição.

— Eu sei. Falei porque desejo o seu bem-estar.

— Brigada.

— Não tem de quê. Sendo doméstica e solteira, são duas razões pra se

defender, assinando este papelzinho.

— Eu, hem? Então o senhor pensa que ilude assim uma mineira de Manhuaçu?

— Uai, a senhorita é mineira? Também sou de lá.

— De lá daonde?

— De Ubá.

— Ara, mineiro querendo tapear mineiro. Estou te estranhando, criatura.

— Credo: tapear, eu? E logo uma distinta patricia da Mata. Até parece que foi a luz da minha finada mãe que me guiou até aqui.

— Pra eu te passar trezentos cruzeiros?

— Quem falou em trezentos cruzeiros? Ela ia lá fazer uma coisa dessas? Me guiou para meu bem, está na cara. No meio de mil empregadas do estado do Rio, do Espírito Santo, do Nordeste, por que é que eu vim procurar logo uma moça de Manhuaçu, terra da família de minha santa mãe, que está lá no alto? Me diga, se é capaz? Pra vender esse troço de cota de hospital que uma garota como você não precisa nem vai precisar nunca, e sei lá até se funciona ou se fica no vou-te contar? Não, ela não me fazia isso. Foi pra te conhecer e fazer nossa felicidade, bem. Mas como é mesmo o teu nome, anjo de Deus no Leblon?

Menos uma cozinheira.

O juiz de paz chegou cedo ao cartório. Era dia de muito casamento — o santo da folhinha ajudava. Aquele cartório! Feio, desarrumado como todos os cartórios. E por que se casam tantas pessoas no Brasil? Por que estão fazendo sempre a mesma besteira? Não aprendem?

O oficial-maior apareceu vinte minutos depois, para desagrado do juiz de paz. Quando o magistrado chega — mesmo sendo juiz de paz, a majestade é uma só — o cartório deve estar preparado como um templo, os acólitos em seus lugares. Mas o oficial-maior é mulher, e mulher não tem jeito não.

— Quantos, hoje?

— Dezesete.

Barbaridade. Trinta e quatro noivos, suas famílias e testemunhas espremendo-se na salinha e nos corredores, fazendo barulho de motor. O juiz de paz não pensou na renda, pensou na amolação.

— Silêncio!

A energia da voz e da campainha fez estremecer os nubentes. Moças nervosas ficaram com medo — de quê? É tudo tão inseguro hoje em dia, nunca se sabe se haverá mesmo casamento ou se, à última hora...

Chamado o primeiro par, rapaz e moça aproximam-se um tanto estúpidos, como acontece nessas ocasiões, e sentam-se. O oficial-maior anota nomes e endereços das testemunhas. O juiz manda que todos se levantem e é obedecido, menos pelo oficial-maior.

— A senhora não vai se levantar?

— Não.

— Como juiz, ordeno ao sr. oficial-maior que se levante e proceda à leitura do termo.

— Vou ler sentada.

— Não ouviu minha ordem?

— Não recebo ordens do senhor.

— De quem recebe, então?

— Do doutor corregedor da justiça.

— Pois então não há casamento.

Os noivos entreolham-se, estupefatos. A noiva, lacrimojante:

— Não faz assim com a gente, seu juiz!

— Sinto muito, mas todos os casamentos estão suspensos.

Um rumor de onda batendo na praia acolhe a declaração. O oficial-maior continua sentado(a). Interessados apelam.

— Por que a senhora não se levanta? Que que custa!

— Já fiquei sentada muitas vezes, hoje é que ele implicou. Não pode fazer isso.

— Não impliquei nada. É da lei.

— Implicou. Vive implicando comigo. Sou uma pobre moça solteira, mas não admito ser humilhada.

O corregedor, procurado pelo telefone, não foi encontrado. O juiz de direito da vara de família atendeu depois de muito número discado, e respondeu que só resolvía consulta por escrito.

O juiz de paz estava sem cabeça para redigir. O oficial-maior, passado o instante de bravura, chorava baixinho. Três partidos se haviam formado. Não se humilha uma mulher. A um juiz não se desacata. Ela devia ceder. Ele é que devia. Que é que a gente tem com isso?

— Se quiser, eu mesma redijo para o senhor.

Era o oficial-maior, oferecendo colaboração ao juiz de paz.

Ele pensou que fosse ironia, mas o tom era sincero. Começaram a elaborar a consulta. Ela achava as palavras por ele. E foi escrevendo por conta própria: a serventuária rebelde tinha vinte anos de serviço, estava cansada, reumática. Enquanto podia levantar-se, não deixou de fazê-lo. Agora, era um sacrifício. Ele olhava-a escrever e tinha uma ruga na testa.

— Pode parar. Não vou fazer consulta nenhuma.

Ela encarou-o.

— Reconheço que tenho andado nervoso, essa dor de cabeça constante. Vou ao médico. Tenho sido um juiz de paz ranheta. Me perdoe. Também essa vida que eu levo, tão sozinho...

O oficial-maior retirou o papel da máquina. Os dois voltaram a seus postos, e os noivos foram chegando e casando. Só um havia desistido — Deus sabe por quê. Durante o quinto casamento, o oficial-maior fez menção de levantar-se, como quem diz: agora, chega; mas o juiz, com um gesto, aconselhou-lhe ficar como estava. Três meses depois, o juiz de paz estava casado com o oficial-maior.

Aquele restaurante de bairro é do tipo simpatia/ classe média. Fica em rua sossegada, é pequeno, limpo, cores repousantes, comida razoável, preços idem, não tem música de triturar os ouvidos. O dono senta-se à mesa da gente, para bater um papo leve, sem intimidades.

Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são.

— Estou sem relógio.

— Então vou perguntar ao garçom.

Ele também está sem relógio.

— E o colega dele, que serve aquela mesa?

— Ninguém está com relógio nesta casa.

— Curioso. É moda nova?

— Antes de responder, e se o senhor permite, vou lhe fazer, não propriamente um pedido, mas uma sugestão.

— Pois não.

— Não precisa trazer relógio quando vier jantar.

— Não entendo.

— Estamos sugerindo aos nossos fregueses que façam este pequeno sacrifício.

— Mas o senhor podia explicar...

— Sem querer meter o nariz no que não é da minha conta, gostaria também que trouxesse pouco dinheiro, ou antes, nenhum.

— Agora é que não estou pegando mesmo nada.

— Coma o que quiser, depois mandamos receber em sua casa.

— Bem, eu moro ali adiante, mas e outros, os que nem se sabe onde moram, ou estão de passagem na cidade?

— Dá-se um jeito.

— Quer dizer que nem relógio nem dinheiro?

— Nem joias. Estamos pedindo às senhoras que não venham de joia. É o mais difícil, mas algumas estão atendendo.

— Hum, agora já sei.

— Pois é. Isso mesmo. O amigo compreende...

— Compreendo perfeitamente. Desculpe ter custado um pouco a entrar na jogada. Sou meio obtuso quando estou com fome.

— Absolutamente. Até que o amigo compreendeu sem que eu precisasse dizer tudo. Muito bem.

— Mas me diga uma coisa. Quando foi isso?

— Quarta-feira passada.

— E como foi, pode-se saber?

— Como podia ser? Como nos outros lugares, no mesmo figurino. Só que em ponto menor.

— Lógico, sua casa é pequena. Mas levaram o quê?

— O que havia na caixa, pouquinha coisa. Eram nove da noite, dia meio parado.

— Que mais?

— Umás coisinhas, liquidificador, relógio de pulso, meu, dos empregados e dos fregueses.

— Ahn. (Passei a mão no pulso, instintivamente.)

— O pior foi o cofre.

— Abriram o cofre?

— Reviraram tudo, à procura do cofre. Ameaçaram, pintaram e bordaram. Foi muito desagradável.

— E afinal?

— Cansei de explicar a eles que não havia cofre, nunca houve, como é que eu podia inventar cofre naquela hora?

— Ficaram decepcionados, imagino.

— Não senhor. Disseram que tinha de haver cofre. Eram cinco, inclusive a moça de bota e revólver, querendo me convencer que tinha cofre escondido na parede, no teto, embaixo do piso, sei lá.

— E o resultado?

— Este — e baixou a cabeça, onde, no cocuruto, alvejava a estrela de esparadrapo.

— Oh! Sinto muito. Não tinha notado. Felizmente escapou, é o que vale. Dê graças a Deus por estar vivo.

— Já sei. Sabe que mais? Na polícia me perguntaram se eu tinha seguro contra roubo. E eu pensando que meu seguro fosse a polícia. Agora estou me segurando à minha maneira, deixando as coisas lá em casa e convidando os fregueses a fazer o mesmo. E vou comprar um cofre. Cofre pequeno, mas cofre.

— Para quê, se não vai guardar dinheiro nele?

— Para mostrar minha boa-fé, se eles voltarem. Abro imediatamente o cofre, e verão que não estou escondendo nada. Que lhe parece?

— Que talvez o senhor precise manter um estoque de esparadrapo em seu restaurante.

ACERIADO

A senhora estendeu a mão com o dinheiro da passagem. O trocador fez cara enjoada:

— Não tem nota de mil?

— Como?

— A senhora não tem aí uma nota de mil cruzeiros? Nem de quinhentos?

— Mas por que eu vou lhe dar uma nota de quinhentos ou de mil cruzeiros, se tenho o dinheiro certo da passagem?

— Para trocar.

— Muito agradecida. Não estou precisando de troco.

— Hoje só dá acertado. Assim é impossível!

Um passageiro entrou na conversa:

— Não entendi bem o que o senhor disse a esta senhora. Quer repetir?

— Eu disse que hoje só dá acertado, e é mesmo.

— Acertado o quê?

O trocador encarou-o, penalizado com sua ignorância:

— O dinheiro certo da passagem, né.

— Cada vez entendo menos. Então o senhor prefere não receber o dinheiro certo da passagem?

— Prefiro.

— Engraçado. Os senhores vivem pedindo aos passageiros que facilitem o troco, porque não têm notas de vinte, de dez e de cinco cruzeiros para dar de volta, e quando a gente satisfaz o pedido, muitas vezes tirando até o dinheiro do cofre dos garotos, vêm os senhores e dizem que assim não é possível! O que não é possível é os senhores acharem que não é possível!

O trocador, mudo. Intervém outro passageiro:

— O senhor está coberto de razão. Ele tem que aceitar o dinheiro trocado dessa senhora.

— Eu aceitei — explica o trocador.

— Aceitou, reclamando.

— Aceita! Aceita! — gritaram alguns em pé, na parte traseira do ônibus.

— Calma. Ele já aceitou — disse o primeiro homem. — Agora vamos pedir a ele que explique por que não queria aceitar. Temos o direito de saber a verdade.

— Verdade! Verdade! — clamou o coro.

— Pode-se saber por que motivo o senhor quer exigir dos passageiros o absurdo de dificultar o troco?

Intimidado, o trocador não sabia como responder.

— Vamos, explique.

— Explica! Explica! — desafiou o coro.

— Mais uma vez peço calma — disse o inquiridor, já compenetrado das responsabilidades da função que se atribuíra. — Estamos diante de um caso original, talvez, até certo ponto, de um fenômeno: o indivíduo que prefere ter mais trabalho, mais incômodo na vida. Pode ser até que se trate de alguém cujas células cerebrais funcionem de maneira diferente. Vamos lá, rapaz, explique por que motivo você prefere prejudicar a si mesmo, ao público e à empresa.

— Ah, isso não. À empresa não — atalhou depressa o trocador. — Eu estou é ajudando a empresa. Vou explicar ao senhor. De manhã saí da garagem com um monte de notinhas de vinte, dez e cinco cruzeiros. O chefe me disse: “O gerente quer ficar livre desse dinheiro mixo, vem aí o cruzeiro novo e ninguém mais quer saber de notinha, de centavo! José, manda brasa!”. O senhor quer ver? A gavetinha está atochada, essa lata também, o saco debaixo de meus pés também, e eu estou sentado num pacote de notinhas miúdas, espia só! — e levantou-se para mostrar.

21/11/1965

O SEGREDO DO COFRE

A casa, construída há séculos, ou pelo menos há sessenta anos, tinha uma curiosidade: o cofre de aço embutido na parede, com fechadura de segredo.

Ninguém tomava conhecimento da peça; as joias da nova dona eram poucas e não exigiam tamanho resguardo; e o dinheiro do dono cabia folgadoamente no bolso, esse cofre sem segredo dos pobres.

Com o tempo, aquilo foi esquecido. Mas um dia, o menino de fora instalou-se na casa, para passar férias e empreender algumas demolições. Findos os atrativos da primeira semana, aquele dínamo em forma de gente começou a explorar o desconhecido, e, à noite, descobriu o cofre, dissimulado por trás de um quadrinho a óleo.

— Vê, quero abrir esse cofre.

— Menino, deixa o cofre sossegado.

— Como é que você deixa um cofre trancado esse tempo todo, sem ver o que tem dentro?

— Não tem nada.

— Deixa ver.

— Perdi a chave, depois eu procuro.

— Não, é agora.

— Sei lá onde eu botei a explicação do segredo.

— Procura também. Se não achar, a gente roda o botão até descobrir como é que é.

Para escapar a uma chateação, o jeito é nos resignarmos a outra. Os troféus foram encontrados depois de intensa busca: a chave, numa pirâmide de coisas enferrujadas, que toda casa conserva sem objetivo aparente; a explicação, dentro da lista amarela de telefones, que se consulta quando se quer comprar não se sabe o que a não se sabe quem, não se sabe onde.

— Fique quietinho aí que eu vou abrir esse cofre para você ver.

— Mas eu queria...

— Menino! Você não se enxerga?

O Homem subiu à mesa, tirou o abajur para ver melhor. Sentou-se, acocorou-se, ajoelhou-se, transpirou. Nada. Os números do botão móvel do cofre estavam apagados pelo tempo, a vista do Homem era curta, cansada.

— Meu pai me contou que os ladrões usam talco — informou o garoto.

— Besteira. Em todo caso, me arranje a lata de talco.

Pois não é que clareia mesmo, aviva os números?

— Onde que teu pai aprendeu essa malandragem?

— Meu pai sabe, ora.

O Homem cumpriu religiosamente os itens da explicação da Casa Vulcano: três voltas para a direita, parar no 25, uma volta para a esquerda, parar no 37, voltar novamente para a direita até encontrar o 12. Nada. Com o calor e a luz no rosto, era de amargar.

O menino sorria:

— Você não está vendo que esse cofre não pode abrir porque foi pintado a óleo e as frinchas estão tapadas?

— É mesmo, confessa o Homem. Não tinha reparado. Agora me lembro que quando mandei pintar a casa... Com uma gilete eu raspo isso.

Vendo que gilete não resolvia, e antes que o Homem, já nervoso, ficasse sem dedo, o garoto apareceu com uma raspadeira fina e um martelo.

— Experimenta isso, vô. É mais prático.

Era. Mas uma ponta da raspadeira, manejada pela mão inábil do Homem, quebrou-se e ficou no interstício, atrapalhando.

— Por hoje chega, sabe? Amanhã mando chamar o serralheiro para ver essa porcaria. E o senhor aí vá dormir, que não é hora de menino de nove anos ficar acordado.

Era tão absurdo ir para a cama, diante de um cofre rebelde, que a resposta do garoto foi voltar à caixa de ferramentas, tirar um pequeno alicate e dizer:

— Deixa por minha conta.

Subiu à mesa com ar resoluto, acenou para o Homem: “Afasta”, e, num gesto leve, fисgou a pontinha encravada. Verificando que os espaços estavam desobstruídos, fez girar a maçaneta. O cofre abriu-se docilmente, como uma blusa.

Dentro, no meio de cartas e programas antiquíssimos de cinema, tinha um dólar de prata, de 1920.

— É meu — disse o vencedor, embolsando-o imediatamente. Para espanto do Homem, que jamais soubera existir na parede de sua casa um dólar de prata.

CASO DE ALMOÇO

A mulher prevenira: domingo não haveria almoço. Era dia de folga da copeira, a cozinheira pedira para sair cedo: queria passar o aniversário do filho em Niterói. O casal tinha de almoçar fora. E depois, você sabe, sem feijão, sem açúcar, sem nada, o melhor é mesmo deixar o fogão em paz.

— Está bem, almoçaremos fora. Ótimo.

Quando chegou domingo, chegou também a preguiça, em forma de pijama, jornalada para ler, disco novo para botar na vitrola, e esse frio... Ele tentou fugir ao compromisso.

— Faz aí uns sanduíches, qualquer coisa para enganar a fome.

— Que qualquer coisa, filhinho? Não tem nada na geladeira, e além disso você me prometeu.

Ela não disse “você concordou”, disse “você me prometeu”, e só então ele sentiu como aquele almoço fora de portas quebrava a rotina ajantarada, era uma novidade, não uma contingência.

Saíram à procura de restaurante. O hábito de não sair de casa para comer tornava-os indecisos na escolha. Nem havia mesmo como escolher. Tudo cheio, o bairro inteiro despencara-se para a rua, na fome incoercível, universal, dos domingos.

Afinal, no salão repleto, defenderam a mesa que uma senhora deixara. Ele, com complexo de velhice, avaliava satisfeito a média de idade dos clientes.

— Estou me sentindo à vontade. Gente de cinquenta para cima.

Ela protestou:

— Não viu aqueles brotos?

— Minoria. Repare na descrição do pessoal, na roupa, nas maneiras. Até gravatas.

O garçom era atencioso, você sabia que ainda há garçons atenciosos? E a toalha alva, a flor natural no vaso, tudo era bom, limpo, cortês. Sentiam-se mais moços por dentro, num Rio também mais moço — ou mais antigo? — de antes de outubro de 1930.

Ela observou:

— Aquela senhora ali deve ser desquitada. Com certeza o garoto saiu do colégio para passar o fim de semana com ela. Repara como trata o menino, alisa os cabelos dele. E ele quase não liga.

Ele, por sua vez

— Estão bebendo champanha na mesa da direita.

Aniversário pessoal, ou de casamento? O certo é que muitas pessoas, em mesas diferentes, brandiam sua champanhota, faziam brindes em tom menor. Ele assanhou-se:

— Vou pedir para nós também.

— Calma, rapaz. Espere as bodas de ouro.

Nisso a orquestra, a boa orquestra romântica dos restaurantes da velha guarda, atacou “Parabéns pra você” e, logo depois, “Cidade maravilhosa”. Houve palmas.

À sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe a garrafa e as taças.

— A casa pede licença para oferecer. Em comemoração ao aniversário da firma.

Os dois entreolharam-se, feito menino que ganhou bala, e desejaram felicidades à firma. Com uma reserva, do lado feminino:

— Vai ver que é nacional.

— Francês — concluiu o lado masculino, degustando; a casa tem tradição.

— Vai ver que a nota será aumentada, para pagar a cortesia...

— Ó mulher de pouca fé, que duvidas dos outros como de teu marido!

A nota não trazia qualquer majoração, era a honestidade mesma. Os dois saíram rindo, sob a impressão de que voltara o reino da boa vontade na terra. E decididos a, todo ano, almoçarem aquele dia naquele restaurante.

Na redação, o secretário fazia a cozinha do jornal, quando a senhora, não primaveril, mas ainda não invernos, dele se aproximou timidamente. E sacando da bolsa um recorte de suplemento, perguntou-lhe se sabia o endereço de Emílio Moura, autor dos versos ali estampados.

O secretário explicou-lhe que o assunto era da competência do Silva, encarregado da seção literária. O Silva não ia demorar, estava na hora dele. Não queria sentar-se, esperar?

Ela recolheu cuidadosamente o fragmento e dispôs-se a aguardar o Silva, que, como acontece nessas ocasiões, tardou um pouquinho. Mas que tardasse dois anos, não fazia diferença, a julgar pelo semblante da senhora, de paciente determinação.

Diante do Silva, exibiu novamente o papelzinho e fez-lhe a pergunta.

— Endereço do Emílio Moura? Pois não, minha senhora. Com licença, deixe ver aqui no caderninho: rua tal, número tal, em Belo Horizonte...

O rosto da senhora se transfigurou:

— Belo Horizonte? O senhor tem certeza de que ele está em Belo Horizonte?

— Se está, no momento, não sei, minha senhora. Mas sempre morou lá, isso eu posso lhe garantir.

Nova mutação se operou na fisionomia da visitante, onde o desaponto parecia querer instalar-se, mas era combatido pela dúvida:

— O senhor... o senhor conhece pessoalmente Emílio Moura?

— Conheço, sim. Há muitos anos.

— Muitos? Que idade tem ele, mais ou menos?

— Fez cinquenta há pouco tempo, a senhora não leu nos jornais a comemoração?

— Tem certeza de que não está enganado? Perdoe a insistência, mas podia me fazer o retrato físico de Emílio Moura?

— Perfeitamente. Trata-se de um senhor alto, magro, cabelos ainda pretos, pequena costeleta, bigodinho, usa piteira e fuma cigarro de palha. Que mais? Meio calado, extremamente simpático, muito querido por todos. Completo a ficha: professor da universidade, casado, com filhos.

A senhora olhava para o papel, dobrava-o, esboçava o gesto de jogá-lo fora, depois o desdobrava e alisava com carinho. E, na ponta de um longo silêncio:

— Sr. Silva, este pedacinho de jornal me trouxe uma grande esperança e agora uma profunda decepção. Muito obrigada. Desculpe.

La retirar-se, sem que o Silva compreendesse níquel, mas voltou-se, e rapidamente desfolhou esta confidência:

— Há quatro anos ando à procura de Emílio Moura. Éramos muito amigos, ele fazia versos lindos, que eu, na qualidade de sua maior amiga, lia em primeira mão. Um dia, contou-me que ia viajar para Montevidéu, onde ficaria algum tempo. Escreveu-me de lá duas vezes, e da segunda anunciava que seguiria para o Canadá. Nunca mais tive a menor notícia. Ninguém sabe informar nada. Quando li no jornal esta poesia com o nome dele, fiquei cheia de esperança, mas agora não sei o que pensar. O senhor me diz que Emílio Moura tem cinquenta anos e é professor em Belo Horizonte. O que eu conheço tem trinta e dois anos e nunca morou em Minas, que eu saiba, mas como os versos dele são parecidos com estes que o seu jornal publicou! A mesma doçura, uma sensação de fim de tarde, muito triste, o senhor não imagina... Enganei-me. Desculpe mais uma vez, e passe bem, sr. Silva.

Saiu, levando nas mãos o papelzinho, como uma flor.

CONVERSA DE CASADOS

Ora, dá-se que o jovem casal completou trinta e seis anos de união, e eu resolvi entrevistá-lo. Quem sabe se os dois teriam alguma receita de felicidade? Levei um questionário indiscreto. Primeira pergunta:

— Como é que vocês conseguiram passar tanto tempo juntos?

Os dois, a uma voz:

— Não foi tanto assim. Um terço (doze anos), dormindo oito horas por dia.

— Mesmo assim, meus caros!

Ela esclareceu:

— Havia o trabalho dele, que nos separava durante a maior parte do dia.

— E ela passou a maior parte da vida no cabeleireiro — completou ele.

Eu: — Cabeleireiro, trabalho e sono: será isso a vida em comum?

— Não — disse ela sorrindo. — Há os intervalos.

— De qualquer maneira, trinta e seis anos! É um latifúndio.

Ela: — Bem, brigamos o necessário. — Está satisfeito agora?

Eu: — Ainda não. Brigas feias, dessas de atrair vizinho?

Ele ponderou: — Como quer você que uma briga seja bonita? Brigamos como foi possível. Confesso que a iniciativa geralmente era minha. Ela, porém, provocava sempre.

— Ele trazia os motivos da rua, às vezes bem visíveis — informou ela.

— Outras vezes, os motivos vinham da cozinha — emendou ele. — O homem gosta de variar, pelo menos de sobremesa.

— Mas depois das brigas... — insinuei.

— Sim, era bom — admitiram ambos.

E cada um por sua vez:

— Nos primeiros tempos, ele punha bilhetes debaixo do travesseiro, pedindo perdão. Tenho um arquivo.

— Ela, de desgosto, jejuava. Gostando tanto de bife!

Ficaram recordando.

— Ele mentia muito.

— Ela me chamava de mentiroso justamente quando eu falava verdade.

— Ele era impaciente.

— Ela fazia de boba, me enervava.

— Ele tinha ódio de me ver doente. Embora sentindo pena, e querendo

ajudar, virava onça.

— Eu também não podia adoecer, os cuidados dela eram excessivos. Doente precisa de paz.

— Algum dia, no íntimo, você pensou em matar sua mulher? — arrisquei.

— Mais ou menos. Quando ela comprou um tapete horroroso.

— E você já pensou em envenenar seu marido?

— Nunca. Mas tinha medo de que outra mulher o fizesse.

— Vocês discutiam por causa de dinheiro?

Ele, satisfeito: — O dinheiro não dava para isso.

Ela: — Não posso me queixar. Ele nunca me negou nada.

— Ela teve a esperteza de nunca me pedir nada que eu não pudesse dar.

— Que foi que preservou o lar de vocês, nos momentos difíceis?

Ela: — O tricô, que apura as virtudes femininas, e o hábito.

Ele: — A poltrona, o cãozinho, o hábito.

Eu: — Só isso?

Os dois: — E tudo mais.

— Quanto tempo leva para um se acostumar ao outro?

Ele: — Uma semana. Mas durante os primeiros vinte anos, uma vez ou outra, a gente se estranha ao acordar. E isto salva da rotina.

— Qual o papel dos filhos no casamento?

Ele: — Educar os pais. Poucos o conseguem.

— Vocês se educaram?

Ele: — Não. Continuamos a achar nossa filha mais moça do que nós. A verdade é que, nascendo depois, ela sabe muito mais. Os pais são rebeldes ao ensino.

Ela: — Ele é sofisticado. No fundo, coruja como os outros.

— Qual foi o presente de aniversário que ele deu a você?

— Um colar de pérolas barrocas.

Ele: — Para me fazer lembrado. Ela diz que sou uma pérola — mas barroca, isto é, imperfeita.

Ela: — E eu dei a ele um barbeador elétrico. Para lembrar que marido não deve ficar com a barba crescida quando não sai de casa.

— Vocês se casariam de novo?

Como resposta, beijaram-se. Não aprendi nenhum segredo, mas afinal o segredo de todos os casais antigos deve ser mesmo esse.

ACONTECEU ALGUMA COISA

Dois guardas à porta, barrando a passagem. O bolo de gente na calçada, espichando pescoço para assuntar.

— Vai ver que mataram alguém no edifício.

— Com certeza assaltaram o banco, e...

— Que banco? Não está vendo que não tem banco nenhum aí?

— Já sei. Pegaram lá em cima um grupo de subversivos, e eles estão encurralados, não querem se render. Não saio daqui enquanto os caras não aparecerem.

Cresce a confusão. Tão rápido, que até parece organizada. Todo mundo colabora para que seja total. E fala, fala.

— Olha aquela velha desmaiando!

— Velha coisa nenhuma, é uma lourinha muito da bacana. E não está desmaiando, está é brigando de unha e dente, alguém apalçou ela ou afanou a bolsa.

— Te garanto que houve morte. Um padre abriu caminho e entrou lá dentro, apesar dos guardas. Padre mesmo, desses de batina, sacumê?

— Se o cara já morreu, não adianta ele entrar, ora essa. Salvo se ainda está agonizando. E quem garante a você que por estar de batina esse que entrou lá não é padre de araque? Tem muita falsificação pelaí.

— Não estou vendo fumaça. Incêndio não é.

— Pode ser nos fundos. Espera até a fumaça aparecer. O último incêndio que eu assisti, na Tijuca, levou horas pra convencer.

— Quem sabe foi uma manicure que se atirou no pátio? Já vi um caso assim.

— Por essas e outras é que só moro em casa, e casa térrea, sem escada, pra não dar grilo. Eu, hem?

— É, mas tem muito inconveniente. Nas casas baixas a poluição é servida a domicílio.

— Repara aqueles dois entrando na raça.

— E na raça foram rechaçados, tá vendo?

— Pronto, interditaram o edifício.

— Pior. Estão esvaziando o edifício.

— Corta essa. Todo mundo tem direito de entrar e direito de sair. E os que trabalham lá em cima, por que irão deixar de trabalhar? Os que precisam subir

para ir ao dentista, ao médico, sei lá, com que direito são impedidos? Tá errado. Qual, isso é um país sem...

— Calma, Secundino. Acho bom você moderar suas expansões.

— É, mas o senador Farah Diba entrou com passe livre, espia só.

— Não tem senador com esse nome, siô.

— Tem um parecido, mas é deputado.

— Deputado ou não, com esse ou com outro nome, mas entrou. Eu vi.

— Então não há tragédia, ele não é de ir aonde pega fogo.

— Cerraram as portas de aço!

— Isso tá me cheirando a elevador despencado. Não tem dia que não caia um em Copacabana. E essa ambulância que não vem? Devia ter sempre uma ambulância de plantão na porta de cada edifício.

— O diabo são os palestinos. Imagina se o carteiro deixou na portaria uma daquelas cartas com bomba...

— Já não se tem onde morar sossegado. Até entrar pelo cano é perigoso. Lá dentro tem assaltante à espera.

— E na rua, então? Que é que nós estamos fazendo aqui, ameaçados de todos os lados, prestando atenção num negócio que não é da nossa conta, me diga o senhor?

— Sei lá. Mas agora está saindo um caixotão, não atino o que seja. Quem sabe se não é um novo crime da mala!

— Nem me fale nisso. Só de pensar, fico toda arrepiada; passe a mão no meu braço, veja como estou. Cortar um pobre de Cristo em fatias, feito mortadela, depositar na mala e despachar de avião!

— Era de trem que as malas com cadáveres se despachavam, sua ignorante.

— Isso foi no seu tempo, vovozinho. Hoje, quem é que passa pra trás o avião pra dar preferência a trem de ferro?

— Pois então vamos chegar perto e espiar o caixão do defunto.

— Não é caixão, gente, é geladeira!

— O quê? O defunto estava dentro da geladeira?!

— Ah, meu chapa, tu não morou que isso é uma liquidação de eletrodomésticos?

Que se passa com este garoto, que não quer dormir? Acorda cedo, vai à praia, almoça um boi, janta outro, pula feito macaco, está exausto até o sabugo da alma; entretanto, quando o sol se recolhe, ele não faz o mesmo. Pretenderá abolir a noite, prosseguindo infindavelmente nos jogos e experiências do dia claro.

Livros especializados responderiam à pergunta. Mas um avô que se preza jamais recorrerá à ciência dos outros para iluminar sua ignorância. A resposta deve vir da compreensão amorosa, forrada de paciência, que costuma falecer aos avós mais aperfeiçoados.

Não, o guri não quer saltar sempre, como brinquedo a que se desse corda infinita. Seus olhos já não têm aquele foguinho azul-claro que crepitava a cada hipótese de prazer, durante o dia. Estão baços e estreitos, como convém à viagem do sono. E se o menino não se dispõe a empreendê-la, é porque sabe que irá sozinho, que todos nós dormimos abandonados e ermos, que o mundo murcha em nosso redor, e perdemos todo contato com a corrente da vida. Se a casa inteira fosse dormir, bem seria um mergulho geral, e os sonos se sentiriam solidários; mas é cruel ir para a cama, e saber que lá embaixo a vida está acontecendo em volta à mesa do jantar, e o riso imprudente dos adultos soa como um odioso privilégio. Então se desenrola o entreato da escada.

A escada marca a separação de dois mundos: o mundo propriamente dito e a solidão. É longa, e cada degrau que se sobe representa um passo para o exílio. Deve-se subi-la devagarinho, e descê-la em ritmo de carga de cavalaria. Infelizmente, é hora de subir. As autoridades, sob compromisso de recolhimento pacífico, prometeram um serão mais longo, mas tudo acaba, e temos de enfrentar a noite e seus espaços vazios e desolados.

— Anda mais depressa, menino.

— Um momentito. Tenho ganas de coçar-me as rodijas.

Senta-se e começa a coçar-se, na calma. Levanta-se e olha para baixo, saudoso, como do alto de um *clipper*.

— Mamãe...

— Que é?

— Amanhã bos me regalás uma cosita que eu quero mucho?

— Que coisa, filhinho?

— Todavía não sé. Es um negocio mui lindo, focê sabe?

— Bem, amanhã você lembra e me diz. Agora vai dormirzinho, vai.

— Quero água.

— Mas, meu bem, agorinha mesmo você bebeu um copo d'água!

— Quero más.

— Deita, e mamãe te traz água.

— Sim, vou acostarme. E me contás um conto de Ruãozinho e Maria?

Vários contos são contados, já na cama, e o menino parece vencido. A família janta, satisfeita. Ouve-se um lamento débil:

— Mamãe...

— Que é?

— Me olvidê de cepijar os dentes.

— É engano, filhinho, você escovou.

— Escovê mal.

— Vai dormir, menino.

Ruído na escada. Então, ele não estava falando da cama?

— Volte para o quarto e fique quietinho.

Faz que volta, sobe um degrau. Nova pausa, e recomeçam os apelos suaves e melancólicos de comunhão. Precisa contar o tombo que o Valdemar levou hoje na escola. Recorda-se de que a porta do “comedor” em Buenos Aires não ficou fechada aquele dia, e entrou um imenso galo cor de escuridão. Precisa atender a uma necessidade urgente; não podem ajudá-lo a acender a luz, tão alta? Quando baixarão los marcianos, que viajam em aviões-foguetes?

As pessoas perdem a paciência, divertem-se, ameaçam, imploram-lhe que durma só um pouquinho. Imagem de vigília, mãos no rosto, bocejante e perseverante, sentado no alto da escada, seu pequenino corpo escondido no pijama parece aguardar que um cataclismo subverta a face da terra, e as pessoas crescidas voltem a ser crianças para entenderem a tristura de adormecer.

CASO DE CEGUINHO

— Não viu o letreiro: “É expressamente proibida a entrada”?

— Desculpe, mas... O senhor não está percebendo?

A bengala branca palpava terreno. Era cego. Um rapaz tão bem-apanhado! Duas ou três funcionárias aproximaram-se, enquanto o servidor que fizera a pergunta, encabulado, ia dando o fora. Os óculos pretos do ceguinho (todo cego é ceguinho, no coração da gente) ocultavam-lhe pudicamente o mal. Cercado de moças, pareceu mais à vontade, e dirigiu-se a uma delas, por acaso a mais bonita:

— Sei que não é permitido, peço mil desculpas... A necessidade me obriga a isso. Não, não é auxílio. Eu vendo blusas, soutiens, essas coisinhas, compreende?

As moças entreolharam-se, o regulamento não admite comércio em repartição, ainda mais repartição da Fazenda. Mas, pode haver regulamento para ceguinhos? E aquele era tão bem-apanhado. E há sempre necessidade, desejo ou curiosidade de uma blusa nova, um baby-doll. Todas estavam precisadas de alguma coisa, todas estavam, por assim dizer, nuas.

Então a moça a que ele recorreu tomou a iniciativa de comprar. Os homens fingiram não perceber a infração. O ceguinho abriu a valise de avião e foi tirando seus artigos. Gabava-lhes a renda finíssima, a qualidade da espuma de látex, o elástico substituível. Pedia licença para estender a blusa no peito das moças, para que vissem o efeito.

Compraram tudo de que precisavam ou não, ele agradeceu à madrinha — porque a essa altura já a considerava madrinha:

— A senhorita me deu sorte. Santa Luzia que a faça muito feliz!

E, apertando-lhe o braço, com efusão:

— Posso pedir mais uma caridade?

Podia. Era acompanhá-lo a outras salas. Ele temia ser mal recebido outra vez. Com o seu anjo da guarda não haveria perigo.

E lá se foram, ela guiando, ele vendendo. Que confiança adquirira rapidamente na moça! Ia amparado a seu braço, talvez com um pouco de exagero. Ela ia pensar isso — mas arrependeu-se antes de pensar. Um pobre ceguinho! Quando extirparás de teu coração, Adelaide, a erva má da suspeita?

Pois com tanto cuidado, ainda assim ele tropeçou em alguém no corredor, e teve de agarrar-se a ela, com expressão ansiosa no rosto. Sua respiração era

apressada, tinha as mãos quentes. Que susto! Ficou assim algum tempo, como aninhado em sua benfeitora. Não seria tempo demais? Ela ia de novo achar esquisito. Seria mesmo cego, o rapaz? Aqueles óculos indevassáveis... Conteve-se, antes de sentir-se mais uma vez uma infame pecadora:

— Não é melhor o senhor ir embora? Deve estar cansado, já vendeu bastante...

Ele entendia que não, estava disposto a vender até o fim do expediente, com uma fada a protegê-lo, não é todos os dias que se encontra uma fada no caminho. Ela o foi encaminhando para perto do elevador, dizendo-lhe que não era fada coisa nenhuma, era uma simples datilógrafa mensalista, ele protestava, queria de novo sentir-se aconchegado, defendido, gabava-lhe o perfume... O elevador abriu-se. Com suavidade e firmeza ela o impeliu para dentro, pediu ao cabineiro que tivesse cuidado com o ceguinho — se é que ele era mesmo ceguinho.

— Este seu Guignard é falso ou verdadeiro? — perguntou-lhe o visitante, coçando o queixo, de um modo ainda mais suspeito do que a pergunta.

— Ora essa, por que duvida?

— Eu não duvido nada, só que existem por aí uns cinquenta quadros falsos de Guignard, e então...

— Então o quê?

— Esse também podia ser. Só isso.

— Pois não é, não senhor. Qualquer um vê logo que se trata de Guignard autêntico, Guignard da melhor época.

— Não ponho em dúvida sua palavra, Deus me livre. Mas nunca se sabe se um quadro é autêntico ou não. Nunca. Não há prova irrefutável.

— Mesmo que se tenha visto o pintor trabalhando nele?

— Em geral, o pintor não trabalha à vista dos outros. No máximo dá uma pincelada, um toque. Até os retratos, não sabia? são feitos em grande parte na ausência dos retratados. Todo artista tem um auxiliar, espécie de primo pobre, que imita à perfeição a maneira do mestre...

— Guignard tinha alunos; e daí? Vai me dizer que os alunos pintavam e ele assinava?

— O senhor é que parece estar insinuando isso. Eu digo apenas que assinatura pode ser autêntica num quadro falso. Veja Picasso. Picasso assina falsos Picassos por blague ou para ajudar pobres-diabos. Pode parecer maluquice, mas para mim o pintor é o primeiro falsificador de sua obra, ele se copia e manda os outros copiarem...

— Não diga uma besteira dessas.

— Vejo que não gostou. Natural, tem amor a seu Guignard, quer preservá-lo de suspeitas. Pois, meu caro, o pintor, quando famoso, não chega para as encomendas, e aí então é que assina apenas o que os outros pintam para ele. Como foi ele que mandou pintar, a falsificação é relativa, ou por outra, é endossada, fica sendo autoria. Pode se distinguir entre a falsificação original e a falsificação falsa mesmo, à revelia do autor.

— Nunca ouvi tanta bobagem na minha vida.

— O senhor acha que é bobagem? Bem, está no seu direito. Mas me diga só uma coisa: viu Guignard pintar este quadro?

— Não, mesmo porque quando comprei o quadro, ele já tinha morrido. Mas comprei de uma pessoa que o comprou de Guignard.

— Está vendo? É a tal coisa. O pintor morreu, não pode dar testemunho. A pessoa afirma uma coisa, o senhor acredita, em sua boa-fé; e assim por diante. Ai é que nunca mais se apura a verdade.

— Acho uma impertinência de sua parte...

— Perdão. Eu seria incapaz de duvidar de sua palavra e de sua inteligência. Porque acredito nas duas é que estou lhe abrindo os olhos. Não ousou pretender o título de seu amigo, mas a minha lealdade...

— ...

— Porque leal eu sou, mesmo para os desconhecidos. Faço questão. Fomos apresentados há meia hora, na conversa calhou o senhor dizer que tinha um ótimo Guignard, eu fiquei curioso de ver, o senhor me trouxe aqui... Não foi?

— Foi.

— Pois então. Fiquei com medo do senhor ter um falso Guignard, e preveni. Não há razão para se queimar.

— Está bem.

— Talvez tenha feito mal em alertá-lo. O senhor vai ficar preocupado, cismado. Não desejo isso. Vamos fazer uma coisa? Para o senhor não se chatear, eu compro o seu quadro, mesmo tendo as maiores dúvidas sobre a autenticidade. Repare bem: a fluidez da pintura é demasiado fluida para ser original... Um mestre nunca vai ao extremo de sua potencialidade; deixa que os outros exacerbem sua maneira. Este Guignard é tão leve, tão aéreo, que só mesmo de alguém muito habilidoso, que procurasse ser mais Guignard do que o próprio Guignard... Não há dúvida, para mim não é Guignard. Quanto quer por isto?

— Quero que o senhor vá para o inferno, sim?

Foi talvez de um filme de Walt Disney que nasceu a moda de enfeitar com pintinhos vivos as mesas de aniversário infantil. Era uma excelente ideia, no mundo ideal do desenho animado; conduzida para o mundo concreto dos apartamentos, também alcançou êxito absoluto. Muitos garotos e garotas jamais tinham visto um pinto de verdade, e queriam comê-lo, assim como estava, imaginando ser uma espécie de doce mecânico, mais saboroso. Houve que contê-los e ensinar-lhes noções urgentes de biologia. As senhoras e moças deliciaram-se com a surpresa e gula dos meninos, e foram unânimes em achar os pintos uns amorecos. Mas estes, encurralados num centro de mesa, entre flores que não lhes diziam nada ao paladar, e atarantados por aquele rumor festivo e suspeito, deviam sentir-se absolutamente desgraçados.

Como a celebração do aniversário terminasse, e ninguém sabia o que fazer com os pintos, pareceu à dona da casa que seria gentil e cômodo oferecer um a cada criança, transferindo assim às mãos o problema do destino a dar-lhes. O único inconveniente da solução era que havia mais guris do que pintos, e não foi simples convencer aos não contemplados que aquilo era brincadeira para guris ainda bobinhos, e que mocinhas e rapazinhos de nível mental superior não se preocupam com essas frioleiras.

Os pintos, em consequência, espalharam-se pela cidade, cada qual com seu infortúnio e seu proprietário exultante. O interesse das primeiras horas continuava a revestir-se de feição ameaçadora para a integridade física dos recém-nascidos (se é que pinto produzido em incubadora realmente nasce). Um deles foi parar num apartamento refrigerado, e posto a um canto da copa, sobre uma caixinha de papelão forrada de flanela. Semeou-se em redor o farelinho malcheiroso que o gerente do armazém recomendara como alimento insubstituível para pintos tenros, e que (o pai leu na enciclopédia) devia ser, teoricamente, farinha de baleia. A ideia da baleia alimentando o pinto encheu o garotinho de assombro, e pela primeira vez o mundo lhe apareceu como um sistema.

O pinto sentia um frio horroroso, mas desprezava a flanela, e a todo instante se descobria, tentando fugir. Procurava algo que ele mesmo não sabia se era calor da galinha ou da criadeira. À falta de experiência, dirigiu seus passinhos na direção das saias que circulavam pela copa. As saias nada podiam fazer por ele, senão recolocá-lo em seu ninho, mas o pinto procurava sempre, e piava.

O garoto queria carregá-lo, inventava comidas que talvez interessassem àquele paladar em formação. Não, senhor — explicou-lhe a mãe:

— Não se pode pegar, não se pode brincar, não se pode dar nada, a não ser farelo e água.

— Nem carinho?

— Meu amor, carinho de gente é perigoso para bicho pequeno.

Mas o pinto, mesmo sem saber, estava querendo era um palmo sujo de terra, com insetos e plantas comestíveis, o raio de sol batendo na poça d'água caída do céu, e companhia à sua altura e feição, e, numa casa assim tão bonita e confortável, esses bens não existiam. E piava.

A situação começou a preocupar a dona da casa, que telefonou à amiga doadora do pinto: que fazer com ele?

— Querida, procure criá-lo com paciência, e no fim de três meses bote na panela, antes que vire galo. É o jeito.

Não virou galo, nem caiu na panela. No fim de três dias, piando sempre e sentindo frio, o pinto morreu. Foi sua primeira e única manifestação de vida, propriamente dita.

O menino queria guardá-lo consigo, supondo que, inanimado, o pinto se transformara em brinquedo, manuseável. Foi chamado para dentro, e quando voltou o corpinho havia desaparecido na lixeira.

BONECA TRISTE

Galeria Stvdiys, em Laranjeiras. Hora quase sem movimento. Entra um senhor de cabelos grisalhos e percorre lentamente a exposição de bonecas do século XIX. Para mais tempo diante da peça nº 14, examinando-a com atenção. Fala sozinho:

— Deve ser essa.

Faz um gesto de carinho no ar, como se tivesse a boneca no colo, e repete:

— Tenho quase certeza de que é essa.

Passeia os olhos em redor, à procura de alguém. Aproxima-se uma jovem, que pergunta:

— O senhor deseja alguma coisa?

— Desejo sim. Pode me informar se essa boneca anda?

— Pois não. Embora não tenha pernas articuladas, ela anda. E tem choro.

— Choro? Tem certeza de que ela chora, em vez de rir?

— Olhe, cavalheiro, nunca vi boneca dando risada. E esta não é a única chorona da coleção, veja bem. A de nº 7, do fabricante alemão Handwerk, também tem choro, se o senhor puxar o fio.

— A vida é dura também para as bonecas, eu sei. Pois olhe, estava quase jurando que esta ria. Não estrondosamente, é claro, mas ria. É tão parecida, se não for a mesma.

— Parecida com qual?

— Com outra do mesmo tipo, mesmos cabelos, que comprei há muitos anos numa loja de antiguidades da rua Chile. A loja do Marques dos Santos, lembra-se?

— Acho que não sou desse tempo... O professor Marques dos Santos, é?

— Ele mesmo. Uma boneca francesa como essa aí, com assinatura incompleta.

— Essa também tem assinatura incompleta: Paris 501.

— Então é a mesma!

— Perdão, esta pertence a d. Sylvie Renault, e veio diretamente da Europa.

— A senhorita garante que veio diretamente?

— É o que está na ficha. Não há razão para duvidar.

— Não estou duvidando. Estou procurando me esclarecer.

— Desculpe, mas que interesse tem o senhor nisso?

— A senhorita vai zombar de mim se eu lhe disser.

— Absolutamente. Pode falar à vontade.

— A senhorita acredita... na alma das bonecas?

— Hem?

— Eu não disse que ia zombar? Estou vendo pelo seu sorriso.

— Bem, achei a pergunta engraçada, mas não tive intenção de zombaria.

— Todos acham a pergunta engraçada. Por isso mesmo eu não a faço mais a ninguém. Agora, no meio de tantas bonecas, e vendo o seu interesse em me ser útil, eu me animei... Desculpe, estamos conversados.

— Não. Continue. Fale na alma.

— Das bonecas? Aquela a que me refiro tinha alma, uma alma especial, própria de boneca, isso tinha.

— O senhor a comprou para sua filha, ou era colecionador?

— Nunca tive filha e nunca fui colecionador de nada.

— E então?

— Então, comprei a boneca exatamente porque não tinha filha nem filho. E também porque ela me pediu que a levasse.

— A boneca? Pediu de que maneira?

— Senti que ela me pedia, menos pelos olhos, que se moviam docemente, sem parecer mecânicos, do que pelo ar, entende? Ar muito especial, de esperança, de desejo triste. Acha que estou mentindo?

— Eu não disse nada.

— Não disse, mas está achando. É natural. Todos acham. Mas senti que a boneca precisava de mim, como eu, de repente, comecei a precisar dela. Levei-a para casa, minha mulher achou ridículo, fez uma cena.

— Por tão pouco.

— A partir daí, não nos entendemos mais, eu e minha mulher. Tentei convencê-la de que a boneca devia nos aproximar, em vez de nos dividir. Que era uma espécie de filha, representando a que não tivemos. E como filha a tratei sempre, o que mais irritava minha mulher, incapaz de nos compreender, a mim e à boneca.

— Estou imaginando as consequências.

— Bem, acabou em separação e desquite.

— O senhor ficou com a boneca.

— Eu tinha que ficar com ela, não havia outra solução. Passou a ser para mim um resumo da filha que não nasceu, da mulher que foi embora, das mulheres em geral. Sentia amor e respeito, amor e devoção. E a pobrezinha chorava.

— Mas isso não é comum nas bonecas?

— Nela era diferente. Era choro humano, e chorava por mim. O choro me impressionava, me doía. Eu não a fizera feliz. Comecei a reeducá-la. Levei-a a

passeio, viajei, viajamos. Queria ensiná-la a sorrir. Custou, mas consegui. Esse dia foi uma festa, pulei e cantei de felicidade. Daí por diante, ela parecia outra. Sorria, ria, não estou mentindo não, que interesse tenho em mentir? Vivemos felizes algumas semanas, as mais belas de minha vida. Até que um dia...

— Um dia...?

— Ela também foi embora. Com seus próprios pés, com suas pernas desarticuladas.

— Furtada, talvez.

— Não houve furto. Nenhum sinal de ladrão. O apartamento, rigorosamente fechado. Fugiu. Tenho certeza que fugiu, talvez porque só ficara alegre para me contentar, e era uma boneca que não fora feita, melhor, que não nascera para ser alegre.

Fez uma pausa. Olhou uma última vez para a boneca nº 14:

— Procurei-a por toda parte. Como ia achar uma boneca fugida no Rio de Janeiro? Hoje, lendo a notícia desta exposição, vim aqui espiar, reparar. Pensei que fosse aquela. Não é. Muito obrigado, senhorita. Nunca se encontra uma boneca fugida, cuja natureza tentamos modificar.

NO RESTAURANTE

— Quero lasanha.

Aquele anteprojecto de mulher — quatro anos, no máximo, desabrochando na ultraminissaia — entrou decidido no restaurante. Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha.

O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

— Meu bem, venha cá.

— Quero lasanha.

— Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

— Não, já escolhi. Lasanha.

Que parada — lia-se na cara do pai. Relutante, a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

— Vou querer lasanha.

— Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

— Gosto, mas quero lasanha.

— Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

— Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

— Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão a gente traça uma lasanha.

Que tal?

— Você come camarão e eu como lasanha.

O garçom aproximou-se, e ela foi logo instruindo:

— Quero uma lasanha.

O pai corrigiu:

— Traga uma fritada de camarão pra dois. Caprichada.

A coisinha amou. Então não podia querer? Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas interrogações também se liam no seu rosto, pois os lábios mantinham reserva. Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, ela atacou:

— Moço, tem lasanha?

— Perfeitamente, senhorita.

O pai, no contra-ataque:

— O senhor providenciou a fritada?

— Já, sim, doutor.

— De camarões bem grandes?

— Daqueles legais, doutor.

— Bem, então me vê um chinite, e pra ela... O que é que você quer, meu anjo?

— Uma lasanha.

— Traz um suco de laranja pra ela.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

— Estava uma coisa, hem? — comentou o pai, com um sorriso bem alimentado. — Sábado que vem, a gente repete... Combinado?

— Agora a lasanha, não é, papai?

— Eu estou satisfeito. Uns camarões tão geniais! Mas você vai comer mesmo?

— Eu e você, tá?

— Meu amor, eu...

— Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Aí, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.

Era conferente da Alfândega — mas isso não tem importância. Somos todos alguma coisa fora de nós; o eu irredutível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliemos pela casca. Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem.

Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário. Santos doía-se de ser um objeto aos olhos de d. Laurinha. Se ela também era um objeto aos olhos dele? Sim, mas com a diferença de que d. Laurinha não procurava fugir a essa simplificação, nem reparava; *era* de fato objeto. Ele, Santos, sentia-se vivo e desagradado.

Ao aparecerem nele as primeiras dores, d. Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do casal. Santos parecia comprazer-se em estar doente. Não propriamente em queixar-se, mas em alegar que ia mal. A doença era para ele ocupação, emprego suplementar. O médico da Alfândega dissera-lhe que certas formas reumáticas levam anos para ser dominadas, exigem adaptação e disciplina. Santos começou a cuidar do corpo como de uma planta delicada. E mostrou a d. Laurinha a nevoenta radiografia da coluna vertebral, com certo orgulho de estar assim tão afetado.

— Quando você ficar bom...

— Não vou ficar. Tenho doença para o resto da vida.

Para d. Laurinha, a melhor maneira de curar-se é tomar remédio e entregar o caso à alma do padre Eustáquio, que vela por nós. Começou a fatigar-se com a importância que o reumatismo assumira na vida do marido. E não se amolou muito quando ele anunciou que ia internar-se no Hospital Gaffrée Guinle.

— Você não sentirá falta de nada, assegurou-lhe Santos. Tirei licença com ordenado integral. Eu mesmo virei aqui todo começo de mês trazer o dinheiro. Hospital não é prisão.

— Vou visitar você todo domingo, quer?

— É melhor não ir. Eu descanso, você descansa, cada qual no seu canto.

Ela também achou melhor, e nunca foi lá. Pontualmente, Santos trazia-lhe o

dinheiro da despesa, ficaram até um pouco amigos nessa breve conversa a longos intervalos. Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo, que nem melhorava nem matava. A visita não era de todo desagradável, desde que a doença deixara de ser assunto. Ela notou como a vida de hospital pode ser distraída: os internados sabem de tudo cá de fora.

— Pelo rádio — explicou Santos.

Um dia, ela se sentiu tão nova, apesar do tempo e das separações fundamentais, que imaginou uma alteração: por que ele não ficava até o dia seguinte, só essa vez?

— É tarde — respondeu Santos. E ela não entendeu se ele se referia à hora ou a toda a vida passada sem compreensão. É certo que vagamente o compreendia agora, e recebia dele mais do que mesada: uma hora de companhia por mês.

Santos veio um ano, dois, cinco. Certo dia não veio. D. Laurinha preocupou-se. Não só lhe faziam falta os cruzeiros; ele também fazia. Tomou o ônibus, foi ao hospital pela primeira vez, em alvoroço.

Lá ele não era conhecido. Na Alfândega informaram-lhe que Santos falecera havia quinze dias, a senhora quer o endereço da viúva?

— Sou eu a viúva — disse d. Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecia muito bem a viúva do Santos, d. Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos. Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo, a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

— Desculpe, foi engano. A pessoa a que me refiro não é essa — disse d. Laurinha, despedindo-se.

A VISITA INESPERADA

A empregada correu na frente, para avisar:

— Me desculpe, madame, mas a campainha tocou e mal eu fui abrindo a porta, essa madame aí foi entrando e dizendo que precisava falar com o doutor.

Atrás vinha uma senhora de porte altaneiro, que se plantou diante da mesa onde jantavam quatro pessoas e disse:

— Boa noite. Vim aqui buscar meu marido.

Os comensais entreolharam-se, em conferência muda de espantos que não encontravam expressão verbal, nem mesmo um oh!

A dona da casa, refazendo-se, quebrou o silêncio:

— Não quer sentar-se?

— Obrigada. Não pretendo me demorar nesta casa.

E voltando-se para um dos homens sentados:

— Agenor, vamos embora?

Agenor, sem levantar o rosto, respondeu:

— Estou jantando.

— Peça licença para interromper o jantar e vamos para casa.

— Estou jantando, já disse, e não costumo interromper minhas refeições.

— O lugar de você fazer refeições é a nossa casa, e não me consta que esta seja a nossa casa.

— Com licença, Heleninha — disse o outro homem. — Agora me lembrei que tenho de visitar um doente no Grajaú antes das dez. Vamos embora, Teresa?

— Não, Euclides — disse a dona da casa. — Prefiro que vocês fiquem. Não vejo nenhum inconveniente em que este assunto seja tratado em mesa-redonda, tanto mais quando Teresa é minha irmã e você é meu cunhado. E então, Agenor?

— Gosto de jantar tranquilo — respondeu Agenor. — Além do mais, não acho correto que pessoas estranhas entrem em domicílio alheio sem serem convidadas.

— Perdão, Agenor, essa pessoa estranha é sua mulher legítima, e a pessoa em cuja casa você está jantando é que é realmente um elemento estranho à nossa sociedade conjugal — objetou a recém-chegada.

— E se o diálogo fosse desenvolvido no salão, depois do jantar? — propôs Heleninha, ríspida.

— É mesmo — aprovou Teresa. — Você não acha, Lucrecia, que tudo pode

ser conversado daqui a pouco? Estamos quase acabando.

Lucrécia transigiu:

— Bem, eu espero quinze minutos, não mais.

— Nesse caso, aceita um café? — sugeriu Heleninha, com um meio sorriso de circunstância (ou de vitória prévia?).

A invasora pensou um instante para responder:

— Aceito.

O dr. Euclides levantou-se e ofereceu-lhe uma cadeira, que Lucrécia, antes de sentar-se, recuou um pouco, a significar que absolutamente não participaria da mesa da amante de seu marido.

Voltando o silêncio, coube a Teresa realimentar a conversa, dizendo para a irmã:

— Heleninha, este seu Bianco é espetacular. Um nu tão sensual, e ao mesmo tempo tão casto.

— Pois eu ainda gosto mais dos trigaís do Bianco, todo aquele esplendor da terra, que ilumina a parede em redor — disse o dr. Euclides.

— Se é Bianco, é sempre bom — comentou Agenor, saindo do mutismo em que mergulhara após a última estocada de sua mulher.

Entraram a falar de pintura, em sobremesa lenta.

— Aprecio os seus conhecimentos em matéria de arte, Agenor, mas não podia andar mais depressa com essa mousse de chocolate que está no seu prato? — agrediu outra vez Lucrécia.

Agenor continuou brincando com o talher na orla do prato, enquanto discorria sobre o fim da arte conceitual.

— Está se esgotando o tempo regulamentar — continuou ela — e eu não saio daqui sem você.

— Vamos tomar o café na sala — atalhou Heleninha, um pouco nervosa.

Levantaram-se todos.

— O meu cliente não pode esperar, o estado dele não é bom — disse Euclides. — Você vai permitir que eu me retire com Teresa.

— Não, querido, você e Teresa vão ficar aqui. O cliente inclusive terá vida mais longa, e é falta de educação se despedir logo depois da comida — objetou Heleninha.

Dirigiram-se todos para o salão.

— Muito bem — disse Heleninha, sentando-se como os demais, enquanto se servia café. — Agora podemos examinar calmamente a situação.

— Concordei em tomar café mas não concordei em examinar nenhuma situação — ressaltou Lucrécia. — Aliás, ela é muito clara. Agenor é meu marido e eu vim buscá-lo, simplesmente.

— Que é que você diz a isso? — perguntou Heleninha, virando-se para Agenor.

— Não preciso de guia para me levar a essa ou àquela parte — respondeu ele, olhando para o teto.

— Talvez precise, Agenor. Você saiu de casa às sete e meia da manhã, prometendo voltar para o almoço, e até agora. Todos os dias a mesma coisa. Concluo daí que lhe faz falta alguém para reconduzir você ao lar conjugal.

— Sou maior de vinte e um, tenho minhas pernas.

— Eu sei, ninguém está negando isso.

— Quando me sinto bem num lugar, satisfeito, relaxado, prefiro ficar mais tempo nele.

— Até certo ponto é razoável, meu caro. Mas se você se sentir bem no Regine's, por exemplo, será que vai passar o resto da vida lá?

Heleninha atalhou:

— Dada a natureza do diálogo, não seria melhor vocês ficarem à vontade, sem estarmos presentes? Nós iremos lá para dentro, enquanto vocês conversam.

— Não. É ótimo que você esteja presente — disse Lucrécia — porque você é exatamente o motivo feminino pelo qual Agenor não para mais em casa. Quanto a Euclides e Teresa, até é bom que eles fiquem sabendo, se é que não sabem.

— Você está me responsabilizando pelo fato de seu marido não parar em casa?

— Claro, queridinha. Não é aqui que ele janta praticamente de segunda a domingo? E quando não janta aqui, não é com você que ele janta fora de casa? Com você que ele vai ao cinema, ao teatro, a Cabo Frio, passeia de lancha, faz não sei mais o quê?

— Admito que nós fazemos juntos uma porção de programas sociais, mas você também me fará a fineza de admitir que ele não faz nada obrigado, faz porque quer, porque gosta de fazer. Eu não administro Agenor.

— É possível. Em todo caso, e sem querer aprofundar esse ponto, convido Agenor a sair comigo para passar uns tempos em nossa casa.

— Estou bem aqui — respondeu Agenor, examinando atentamente as unhas. — Você pode ir, eu vou mais tarde.

— Procure ser gentil, meu bem. Se não quer que sua mulher o acompanhe, pelo menos acompanhe sua mulher até a casa. Parece que ainda estamos casados.

— Parece — confirmou Agenor. — Você disse a palavra certa. Parece, mas não é verdade.

— Como? No civil, no religioso, você põe em dúvida?

— Os papéis, não. Mas a realidade atrás dos papéis. Eu me sinto solteiro.

— Escute aqui, Lucrécia — disse Teresa. — Não quero me meter na vida de vocês, mas quem sabe se um desquite não pegava bem? No meu caso deu certo, não foi, Euclides?

— É — confirmou Euclides. — No meu também. Nosso casamento vai navegando em mar azul.

— Agradeço o seu conselho, Teresa — disse Lucrécia. — Mas desquite não é vitamina C, que se receita para todo mundo. Eu não quero me desquitar de Agenor.

— Está vendo? — exclamou Agenor, com um gesto desalentado, de mãos abertas, na direção de Heleninha.

— Então, permita que eu também meta a colher no assunto, embora não seja do meu feitio — apartou Euclides. — Se você não quer o desquite é porque lhe tem amor. Se lhe tem amor, procure reconquistá-lo, ou aceite-o como ele é.

Heleninha repeliu a lição, antes que Lucrécia o fizesse:

— Essa não, Euclides. Ele é quem tem de decidir. Vamos, Agenor, não fique com essa cara de habitante de outro planeta, que não tem nada com a gente.

— Querem saber de uma coisa? — bradou Agenor. — Vou-me embora, mas não é para casa. Vou sozinho, recuso companhia. Não aceito discussão coletiva dos assuntos de minha vida particular. *Ciao* para todos.

Levantou-se e ia sair, quando as duas mulheres o travaram pelo braço:

— Não, Agenor, você vai é comigo, que sou sua mulher.

— Agenor, você não vai sem decidir esta parada — disse Heleninha. — Se você sair, não precisa mais voltar. Exijo que fique e resolva de uma vez por todas esta situação.

— Com que direito você estabelece restrições ao livre-arbítrio de meu marido? — protestou Lucrécia. — Ele quer sair, eu também quero. Vou sair com ele, e está resolvida a situação.

Agenor continuava irritado:

— Se vocês começam a brigar, eu desapareço e ninguém mais terá notícias minhas. Sumo! Viro fumaça!

— Nãããão! — exclamaram as litigantes em uníssono.

— Viro sim! Chega de competição em torno da minha pessoa!

Heleninha, por sua vez, estranhou:

— Que é isso, Agenor? Então você me coloca em nível de competição com Lucrécia? Por acaso eu fui à sua casa tirar você dos braços dela? Pois bem, pode sair, não serei eu que implore a você a graça de ficar comigo.

— Não é isso — respondeu Agenor —, eu não quis ofender você, eu estou nervoso, eu...

— Viu? — disse Lucrécia. — Viu o que você fez com ele? Agenor, um homem tão calmo, tão forte, de repente sua estrutura psicológica desmorona diante dos ataques desferidos por você, que não o compreende. Ninguém resiste à incompreensão.

— Quem fala em incompreensão, se a presença de Agenor em minha casa prova justamente que ele não é compreendido em casa de você?

— Quer um tranquilizante, nego? — propôs Teresa docemente, dirigindo-se a Agenor, que, com a cabeça, respondeu: sim.

— Primeiro vamos tratar do nervoso de Agenor, depois vocês discutem — disse Euclides, lembrando-se da sua condição de médico.

As duas calaram-se.

Com as mãos na cabeça, e a cabeça baixa, Agenor virara estátua.

— Acho melhor pôr ponto final nesta discussão — disse Lucrécia.

— Também acho — concordou Heleninha.

Uma brisa de paz circulou pelo salão.

— Você fuma? — perguntou Lucrécia, estendendo o maço de cigarros a Heleninha.

— Aceito — respondeu ela. E acrescentou: — Obrigada.

Teresa e Euclides acenderam seus cigarros. O fumo tornou o ambiente ainda mais apaziguador.

Ingerido o tranquilizante, Agenor deixou-se estar em serena passividade. Ninguém ousava perturbar-lhe o repouso.

— Sabem da última do Lulu Blake? — indagou Euclides. — Tocou fogo na mansão da Isolda Schnitz para exorcizar um lobisomem. Que não era lobisomem, era o motorista da Isolda, que fazia barulho de madrugada para assustar o Lulu.

— Lulu é muito impulsivo — comentou Lucrécia. — Uma ocasião, na piscina do Copa...

— É, eu me lembro — confirmou Heleninha. — Atirou n'água, com vestido e tudo, a duquesa de Armenonville, que dissera para ele: "*Vous êtes un drôle de pantin, monsieur*".

Entraram a recordar demasias de temperamento de Lulu Blake, nas quais Agenor não parecia interessado. Guardava silêncio nobre e distante, de olhos cerrados.

— Não fale alto, Euclides — ponderou Heleninha. — Assim você acorda Agenor.

— Isso mesmo — apoiou Lucrécia. — Vamos falar baixinho.

Mas Agenor abriu espontaneamente os olhos, já recuperado, e todos se felicitaram pela sua reação pronta.

— Desculpem o incômodo que lhes dei — disse ele calmamente. — Não dormi a noite passada, com esse calor, e necessito invariavelmente de oito horas de sono para manter o equilíbrio.

— Incômodo nenhum, ora — disseram todos, expressamente ou pela fisionomia.

— Quantas horas são?

— Passa um quarto de meia-noite.

— Vamos embora, Lucrécia?

— Vamos, meu bem.

— Cuide bem dele, Lucrécia — recomendou Heleninha. — Você volta amanhã?

— Fique tranquila — prometeu Lucrécia.

— Volto — prometeu Agenor.

— Depois a gente resolve tudo — disse Heleninha.

— Tá — disse Lucrécia.

Ciao. Ciao. Ciao. Despediram-se cordialmente.

O bloco passava lá fora, “experimentando” o Carnaval. Minha amiga foi atender o telefone, e ao voltar viu que sumira o relógio de pulso, deixado sobre a mesinha de cabeceira. Abriu a gaveta e examinou a caixa de joias: vazia. Nada de preço, mas de estimação: colar de pérolas cultivadas, anéis, broches, essas coisas. Cada peça lhe viera de uma pessoa querida, e era como se os ofertantes vivessem ali, disfarçados e condensados pelo ourives. Minha amiga ficou aborrecida. Não que participasse do horror capitalista a ladrões. Sem capital, achava exagerado esse sentimento. Nas vezes em que discutira o problema, opinara quase favoravelmente aos gatunos. Coitados, não tiveram boa formação familiar; a miséria é grande e espalhada, o corpo social se caracteriza pelo egoísmo. Erraram, apenas. E depois, tanto ladrão gordo por aí, recebido em sociedade, incólume, benemérito!

Por isso mesmo, sentia-se chocada com o acontecimento. Por que lhe faziam uma dessas? Pedissem qualquer coisa razoável, daria. Se não tinham coragem de pedir, se eram pobres envergonhados, que diabo, levassem objetos caseiros, sem história. É certo que ladrão não pode saber se um objeto está carregado de afetividade, e que dinheiro nenhum o compra.

Foi ao andar de cima conferenciar com o vizinho. Ele nada percebera, mas armou-se de pistola e resolveu caçar o ladrão, que pelo visto descera do morro próximo. Sempre desconfiamos do morro, como se esse acidente geográfico retivesse propriedades maléficas, extensíveis aos indivíduos que o habitam. Mas enfrentar o morro, àquela hora da noite, seria temeridade. Já ao transpor a porta da rua, o vizinho decidiu ficar por ali mesmo, pistola em punho, vistoriando os suspeitos que passassem, e não passaram.

Na noite seguinte, passou foi a patrulha de Cosme e Damião, que, inteirada do fato, pensou logo em Curió.

— Curió hoje de tarde estava querendo vender uns troços de ouro, umas correntinhas.

— Então me tragam o Curió que eu quero conversar com ele. Mas por favor, não o maltratem, hem — pediu minha amiga.

Curió apareceu pela manhã, encalistrado, com os policiais. Pequeno, modesto, simpático. O vizinho correu para apanhar a arma. “Não faça isso — ordenou-lhe minha amiga. Vamos conversar sentados no chão, que é melhor.”

Cosme e Damião preferiram ficar de pé, Curió não se fez de rogado, e o vizinho adotou o figurino.

— Curió, foi você quem levou minhas joias de estimação?

De cabeça baixa, Curió admitiu que sim. Passara por ali, à hora em que o bloco descia, viu luz acesa, nenhum movimento, janela baixa, e tal, ficou tentado. Conhecia de vista a moradora, até simpatizava com ela. Mas praquê deixar tudo aberto, exposto, provocando a gente?

Lealmente, ela aceitou a censura, reconhecendo que não cuidara.

— Você fuma, Curió?

— Aceito, madame.

Cigarro ajuda a resolver. Cheio de boa vontade, Curió não podia restituir tudo. Parte dos objetos fora vendida, os brincos ele dera a uma senhorita. O colar, o relógio e dois broches, sim, devolveria se madame quebrasse o galho — e apontou para Cosme e Damião.

— Estão aí com você?

— Não, madame, mas pode fiar do meu compromisso.

O vizinho ia exclamar: “Essa não”, porém minha amiga pediu-lhe que se abstivesse de comentários. Continuaram negociando amigavelmente. Aquela fora a primeira vez, Curió vive de biscates, vida apertada, madame compreende. No outro dia voltou com as joias, menos as vendidas, e prometeu tomar os brincos à namorada. Minha amiga achou que não valia a pena magoar a moça, e louvou o desprendimento de Curió. E agora sua casa tem, numa só pessoa, encerador, bombeiro e cão de guarda, procurados há muito. O vizinho é que, indignado, e dizendo-se sem garantias, pensa em mudar-se.

Democrata é dona Amarilis, professora na escola pública de uma rua que não vou contar, e mesmo o nome de dona Amarilis é inventado, mas o caso aconteceu.

Ela se virou para os alunos, no começo da aula, e falou assim:

— Hoje eu preciso que vocês resolvam uma coisa muito importante. Pode ser?

— Pode — a garotada respondeu em coro.

— Muito bem. Será uma espécie de plebiscito. A palavra é complicada, mas a coisa é simples. Cada um dá sua opinião, a gente soma as opiniões e a maioria é que decide. Na hora de dar opinião, não falem todos de uma vez só, porque senão vai ser muito difícil eu saber o que é que cada um pensa. Está bem?

— Está — respondeu o coro, interessadíssimo.

— Ótimo. Então, vamos ao assunto. Surgiu um movimento para as professoras poderem usar calça comprida nas escolas. O governo disse que deixa, a diretora também, mas no meu caso eu não quero decidir por mim. O que se faz na sala de aula deve ser de acordo com os alunos. Para todos ficarem satisfeitos e um não dizer que não gostou. Assim não tem problema. Bem, vou começar pelo Renato Carlos. Renato Carlos, você acha que sua professora deve ou não deve usar calça comprida na escola?

— Acho que não deve — respondeu, baixando os olhos.

— Por quê?

— Porque é melhor não usar.

— E por que é melhor não usar?

— Porque minissaia é muito mais bacana.

— Perfeito. Um voto contra. Marilena, me faz um favor, anote aí no seu caderno os votos contra. E você, Leonardo, por obséquio, anote os votos a favor, se houver. Agora quem vai responder é Inesita.

— Claro que deve, professora. Lá fora a senhora usa, por que vai deixar de usar aqui dentro?

— Mas aqui dentro é outro lugar.

— É a mesma coisa. A senhora tem uma roxo-cardeal que eu vi outro dia na rua, aquela é bárbara.

— Um a favor. E você, Aparecida?

— Posso ser sincera, professora?

— Pode, não. Deve.

— Eu, se fosse a senhora, não usava.

— Por quê?

— O quadril, sabe? Fica meio saliente...

— Obrigada, Aparecida. Você anotou, Marilena? Agora você, Edmundo.

— Eu acho que Aparecida não tem razão, professora. A senhora deve ficar muito bacana de calça comprida. O seu quadril é certinho.

— Meu quadril não está em votação, Edmundo. A calça, sim. Você é contra ou a favor da calça?

— A favor 100%.

— Você, Peter?

— Pra mim tanto faz.

— Não tem preferência?

— Sei lá. Negócio de mulher eu não me meto, professora.

— Uma abstenção. Mônica, você fica encarregada de tomar nota dos votos iguais ao de Peter; nem contra nem a favor, antes pelo contrário.

Assim iam todos votando, como se escolhessem o presidente da República, tarefa que talvez, quem sabe? no futuro sejam chamados a desempenhar. Com a maior circunspeção. A vez de Rinalda:

— Ah, cada um na sua.

— Na sua, como?

— Eu na minha, a senhora na sua, cada um na dele, entende?

— Explique melhor.

— Negócio seguinte. Se a senhora quer vir de pantalone, venha. Eu quero vir de mídi, de máxi, de short, venho. Uniforme é papo furado.

— Você foi além da pergunta, Rinalda. Então é a favor?

— Evidente. Cada um curtindo à vontade.

— Legal! — exclamou Jorgito. — Uniforme está superado, professora. A senhora vem de calça comprida, e a gente aparecemos de qualquer jeito.

— Não pode — refutou Gilberto. — Vira bagunça. Lá em casa ninguém anda de pijama ou de camisa aberta na sala. A gente tem de respeitar o uniforme.

Respeita, não respeita, a discussão esquentou, dona Amarilis pedia ordem, ordem, assim não é possível, mas os grupos se haviam extremado, falavam todos ao mesmo tempo, ninguém se fazia ouvir, pelo que, com quatro votos a favor de calça comprida, dois contra, e um tanto faz, e antes que fosse decretada por maioria absoluta a abolição do uniforme escolar, a professora achou prudente declarar encerrado o plebiscito, e passou à lição de história do Brasil.

Conheceram-se, namoraram, amaram, casaram, tiveram filhos, desamaram, separaram-se, depois de tanto verbo conjugado em comum. Ele sumiu por aí, no anonimato sem responsabilidades. Ela ficou criando a trinca sem pai. Sem notícia um do outro, tempo passando, acontecimentos acontecendo, vida no corre-corre. Ela até nem se lembrava mais de que fora casada. Eis que o marido reaparece na lembrança, quando uma filha lhe diz:

— Mãe, o pai está no hospital.

Que pai? Não sabia de pai nenhum, o seu morrerá há tanto tempo, depois de dar tanto trabalho. (Descansa em paz, deixando a família descansada.) Há outros pais vivos por aí? De quem?

— O meu, uai.

Ah, sim. O pai dessa moça que está à sua frente, essa moça que é sua filha, e que antigamente tivera um pai. Um pai que fora seu marido, e que nunca mais aparecera, jogando sobre suas costas a obrigação de criar e educar os filhos. Como as coisas emergem de um poço escuro, de repente! Pois não é que o ex-marido voltava à tona, com seus sinais particulares, seu modo de falar, seu jeito de ser e viver? Tão antigo, tão inexistente — mas ali.

Ela parecia não dar mais atenção ao que a filha ia dizendo.

— Escutou o que eu disse?

— Hem?

— O pai está no hospital.

— Que é que ele foi fazer lá? Vender seguro de vida aos doentes? (Agora se recordava de que ele fora corretor de seguros.)

— Está doente.

— Como você soube?

— Mandou me avisar. Não tem ninguém com ele, só a gente do hospital.

Então estava sozinho, depois de muitos anos, e se lembrava da filha para ter companhia no hospital. Não chegou a ter pena. Estavam tão distanciados os dois, que era como se soubesse que um japonês em Yamagata sofria de dor de dentes. A filha esperava um comentário, uma reação.

— Vai lá, querida.

Mais do que isso não poderia dizer, porque não havia nada mais a exprimir. Amores fanados não reverdecem, quando a vida caprichou em esmagá-los bem.

Se alguma coisa tivesse ficado exposta à luz, se um gesto dele, mínimo que fosse, ao longo de tanto tempo, alimentasse um resto possível de sentimento, ela agora teria pena. Mas pena de quê? de quem? se nem de si mesma sentia mais pena, conformada que estava com o irremediável das coisas, e refugiada, também, no pequeno mundo que se construía e em que convivia com artistas obscuros do passado, através de estudos e pesquisas que eram uma fonte de prazer, compensador de alegrias que não tivera no casamento?

— Vai, minha filha, e vê o que ele precisa.

A filha foi e voltou contando que ele estava mal, parece que dessa não escapava. Como de fato não escapou. Sem pessoa alguma para cuidar do enterro, nem bens que pudessem custear a despesa, quem tomaria providências?

Então a ex-esposa, pessoa decidida, acostumada a fazer na hora certa o que é necessário fazer, decidiu presentear o ex-marido com o enterro decente que ele não tinha merecido, e que a ela custaria uma nota desarrumadora do seu orçamento modesto. Procurou a funerária, disse que pagaria tudo.

O empregado perguntou-lhe, entre xereta e reticente:

— A senhora... era companheira do falecido?

— Companheira? Sou viúva dele!

— Perdão, mas o falecido, quando se internou no hospital, declarou que era viúvo. A senhora quer ver? Vamos lá na Secretaria.

— Pois eu sou a viúva do viúvo, entende? E não estou fazendo nada para ficar com a herança dele, que não deixou um tostão de seu, além de me matar no papel. E vamos com esse serviço depressa, que eu preciso cuidar da minha vida de viúva-desquitada há muito tempo, tá bom?

— Jacaré de papo azul, por acaso o senhor já viu um na sua vida? Azul, azulinho ele todo, o papo, não o jacaré. Eu vi. Vi e conferi, que ele ficou meu amigo, pode acreditar. E, eu sei, nesta beira de rio, vez por outra costuma aparecer jacaré-de-papo-amarelo, não faz novidade nisso. A gente está acostumada com ele, sabe lidar com o bichinho, e cai de pau no lombo dele antes que ele ferre a gente com uma dentada ou derrube a canoa com uma rabanada forte. Já experimentou serrilha de rabo de jacaré no corpo, terá coisa pior do que isso neste mundo de coisas piores? Olhe aqui o meu peito, eu falo de jacaré porque jacaré entrou na minha vida desde menino, o primeiro que vi levou a perna de meu pai, outro fez no meu corpo este desenho que o senhor está admirando, pois não é tal qual uma mulher nua costurada na pele, a marca que ele deixou? Se não morri foi porque estava decretado que jacaré nenhum tem poder sobre este afilhado das treze almas sabidas e entendidas, que cortam as forças de meus inimigos. Meu pai, a perna dele não foi propriamente comida por jacaré, ele tirou só um naco, mas o resto apodreceu e no hospital da Januária tiveram que serrar na altura da coxa. E ainda falam que jacaré em terra é uma pasmaceira, não sabe correr nem brigar. Pois sim. O que aleijou meu pai estava dormindo na quentura da praia, muito do seu natural, como se ali fosse a casa dele. Pai cutucou ele assim com a ponta do pé, fazendo cócega na parte da barriga que estava meio exposta, porque o desgraçado dormia meio de banda, entende. Jacaré fez que não viu nem percebeu, continuou no seu paradeiro, pai cutucou mais, achando graça no sono pesado daquele bicho entregue à vontade da gente, sem defesa, porque jacaré fora d'água... e tal e coisa. Depois de muito cutucar, o velho lascou um pontapé no traseiro do bicho, o bicho achou que aquilo era demais, nhoc! cravou a dentadura afiada na coxa dele. Eu estava perto e disparei porque não sou bobo, pai veio atrás, sangrando e xingando o jacaré, que continuou no mesmo lugar, sem dar confiança. Quando a gente voltou para caçar ele, tinha sumido. Bem, se conto essas coisas ao senhor é pra mostrar como a vida é feita de tira e dá: aqui estou eu ganhando a minha caçando jacaré pra vender o couro. A carne, eu aproveito em casa, o senhor já provou uma boa jacarezada, feita com capricho, muita pimenta e uma branquinha de qualidade pra santificar o total? Lhe ofereço uma se o senhor arrancar aqui mais de uma semana, tempo de aparecer jacaré que anda meio desanimado de descer o rio, sei lá onde se meteu. Não quer? Já

sei, o senhor embrulha o estômago só de imaginar bife de jacaré, basta pensar no cheiro, aquele pitiú, e mais o gosto da carne dele. Pois muito se engana, é questão de lavar, salgar, temperar direito. Bem, não se fala mais nisso, não vou lhe oferecer um prato que o senhor não dá o devido valor. Onde é que a gente estava na direção da conversa? Ah, já sei, na minha vida de caçador de jacaré, que parece feita de aventura e que talvez seja pros outros, pra mim é escrita bem decifrada, não tem mistério, e se ficou esse desenho gozado no meu peito foi porque eu ainda não tinha muita experiência de jacaré, facilitei, pronto: gurugutu, mas aprendi pro resto da vida, é baixo que um me pegue outra vez, minhas treze almas me acompanham no serviço, me adestram na caça, sou capaz até de pegar jacaré a laço de vaqueiro, como diz-que se faz lá no Marajó, me contaram. Ou que nem índio, que pula do galho da árvore em cima do jacaré, monta nele; quando jacaré mergulha, índio mergulha também, com a mão esquerda agarrada na barriga do bicho, com a direita aperta bem os olhos dele e com a terceira mão, que ninguém tem mas nessa hora aparece, amarra o focinho dele com embira que levou presa na boca... O senhor duvida? Quer dizer, isso ainda não fiz, faltou ocasião, mas chegando a hora eu faço. Só que não gosto de judiar dos bichos, mato eles porque o cristão tem de viver à custa de tirar a vida do jacaré, mas no dia que eu achar um diamante, digo até nunca pro meu ofício, por enquanto vou comendo carne, vou vendendo couro. Pagam uma porcaria, sabe? No entanto, qualquer coisa feita de couro de jacaré custa uma nota alta, a vida é assim, também brinca de dá e tira. Estou destaramelando faz tempo e ainda não cheguei ao caso do jacaré de papo azul. Pois eu conto, o senhor fique a cômodo neste tamborete e preste atenção no meu relato.

* * *

Como estava lhe dizendo. De tanto viver assuntando o rio pra ver se tem jacaré, a gente acaba tendo parte com a água, conhece o que ela esconde, sabe o que ela quer dizer. Rio não engana, mesmo se toma cautela de esconder no barro o que é de esconder. Mas pros outros é que esconde, não pra quem nasceu junto dele e carece viver dele. De começo fui pescador de peixe, como todo mundo, mas eu queria outra coisa, queria tirar do rio o mais difícil. Minhocão, diz o senhor? Minhocão sabe pra quem aparece. Meu negócio era com o jacaré, o rio entendeu e me dá o jacaré que eu preciso e não abuso. Tanto que de jeito nenhum eu caço filhote. Brigo com jacaré grande, no poder da valentia dele, e se eu venço, fico agradado de mim; se perco e ele foge, a vez era dele, está certo. Naquele dia foi diferente. Jacaré botava a cabeça pra fora, eu ia pra cima dele, e nada. Aparecia mais adiante, voltava a afundar, tornava a aparecer, a afundar. Brincando. Isso que eu percebi depois de uma meia hora de perseguição. Estava se divertindo comigo, não fugia, também não se entregava. E era engraçado ver

o jacaré tão despachado, tão corredor, na correnteza tão devagar, porque o senhor sabe que este rio aqui não tem pressa de chegar, só mais embaixo ele pega numa disparada que o governo aproveita para fazer uma usina gigante. Aqui o rio é lerdo, a gente sente melhor o rio, dá pra fazer amizade. Então eu percebi que era isso que o jacaré estava querendo, fazer amizade comigo. O senhor já reparou em boca de jacaré? Parece que ele vive rindo de tudo, até sem motivo. Esse que eu falei ria com o corpo inteiro, às vezes chegava à flor d'água o tempo de eu apreciar ele todo, e rabeava com um jeito moleque, tão gozado que só o senhor vendo. Eu doido de aproveitar e cair em cima dele, mas quem disse? Depois de muito dançar e mergulhar, ele deu um salto e virou de barriga pra cima, a uma distância que não dava pra pegar. Ficou assim, boiando satisfeito da vida, que nem flor. Que nem essa flor, o senhor sabe, grandona e redonda, boiando feito bandeja, lá no fim do Norte, que eu nunca vi de perto, só de figura. Aí eu fui chegando perto, chegando perto, bem de mansinho. Se ele vira de repente e me dá uma rabanada, pensei, adeus canoa e eu sou o finado Marcindirio. Ele não virou, cheguei bem perto e vi. Tinha o papo azul, azul deste céu que o senhor está vendo, azul-claro, limpinho, bom de passar a mão... Passei. O senhor não acredita que passei? Pois o danado gostou, deixando eu fazer esse agrado que a gente faz no pescoço do gato, só que mais forte, o couro é o contrário da macieza do gato. Não tive coragem de fazer mais nada. Ele estava tão feliz de ser tratado assim, tão prosa de mostrar seu papo diferente, lindeza de papo. Aí eu falei assim: “Vou m'embora, jacaré; você é livre de morar no rio, que eu não te causo dano”. Voltei sem ofender aquele bicho-irmão, pois pra mim ele ficou sendo um negócio parecido com irmão, não digo filho porque era tão forte quanto eu, se não mais, e filho da gente, por mais que cresça e apareça, é sempre uma plantinha mimosa, sabe como é. Em casa, minha patroa zombou de mim, achou que eu não estava regulando. Não dormi de noite, pensando no jacaré. Dia seguinte, olha ele outra vez me chamando pra brincar, eu disse: “Calma, jacaré, não posso passar a vida me distraíndo com você, não sou mais menino e você também não é filhote. Todos dois têm que cuidar da vida, que a morte é certa”. Até parece que ele entendeu, ficou com ar meio amuado, afundou. Só apareceu muito tempo depois, de longe, experimentando a mesma sorte de molecagem. Fiquei com pena dele: “Tá bom, eu brinco”. Mas tem propósito um barraqueiro como eu alisando papo de jacaré, só porque ele é azul, me diga, tem propósito? Se a gaiola passasse e os passageiros me vissem, que é que haviam de achar? Eu sei, talvez algum quisesse me convencer que eu devia levar o jacaré pra terra e vender ele pra fazer figura no circo, mas o mais certo era que todo mundo caísse de gozação em cima de mim, podiam mesmo me levar amarrado feito doido pra dormir na cadeia, e depois... Isso tudo passou na minha cabeça enquanto eu acarinhava o jacaré, fiquei com vergonha que pudessem me ver naquela hora, depois fiquei com vergonha de ter sentido

vergonha, afinal que que tem o senhor se entender com um bicho com fama de malvado e vai ver não é malvado coisa nenhuma e pede à gente pra gostar dele? O senhor começou a entender, quer mais um gole de café enquanto eu conto o resto?

A fome começou a apertar aqui em casa, por causa de que não vinha mais jacaré na descida das águas, só ficava banzando por lá o de papo azul, que eu não tinha coração de pegar. Até parece que ele afugentava os outros, queria reinar sozinho, virar dono e senhor do rio. Mas tão manso e engraçado que não tinha cara de mandão. Traíçoeiro não podia ser, se bem que a Luisona me prevenisse: “Toma tento com esse bicho que vai te enfeitando, alguma ele te prepara, não vejo nada de bom nessa claridade do rio que deu pra acontecer ultimamente”. Luisona é a minha patroa, ela tem esse nome porque é uma tora de mulher. Acontece que o rio vinha mesmo se lavando de sua cor de barro carregado, e quando o sol batia na neblina do amanhecer e a gente via a água, era uma água quase azulada, não que chegasse a azul, parava no quase, coisa que eu nunca tinha visto antes e era maravilha. “Mau sinal!”, repetia a Luisona, e as boquinhas dos meninos pedindo comida não davam gosto da gente olhar. Diabo de jacaré, pensei, se eu aproveitar uma ocasião da folia dele e chegar de mansinho e dar nele uma machadada bem certa, será que morre na horinha e eu não sinto remorso porque não teve tempo de sofrer? Mas se eu errar no golpe? Se o golpe não acertar direto no coração dele, e eu tenho de dar outros golpes e ele me reconhece e crava em mim aqueles olhos redondos e espantados de amigo traído, de irmão assaltado pelo irmão? Não, eu não tinha coragem. E tinha precisão de ter coragem. O rio cada vez azulava mais, ou eu é que enxergava nele a miragem do papo do jacaré tornando tudo em redor uma pintura de quadro de Nossa Senhora? Botei o machado na canoa, rezei treze vezes a oração das minhas treze almas sabidas e entendidas e fui vigiar o rio. O jacaré apareceu longe, veio chegando aos poucos, não tinha pressa. Boiava e sumia, tornava a boiar e sumir, era a festa de sempre. Cada vez mais perto da minha intenção, do meu machado. Quando chegou bem rente, estendi o braço devagar pra lhe fazer o carinho do costume. Deu uma virada brusca e afundou. Tinha percebido? Apareceu mais adiante. Cheguei lá, repeti o movimento. Ele também. Mas não tinha ar de brincadeira nova, inventada por ele. Era desconfiança, era defesa, era também (devia ser) resolução de evitar que eu acabasse me tornando um assassino igual aos outros, pior que os outros. Pois aquele animal de Deus gostava de mim e eu dele. Eu percebia isso, mas cada vez ia ficando mais enquizilado com aquele jogo em que o jacaré era mais forte porque era melhor do que eu. Não queria propriamente escapar de morrer, queria impedir que eu matasse. Mas eu queria matar. Eu precisava matar. Pra sustentar meu povo e agora também por outro fundamento, provar ao bicho das águas que lição eu não

recebia dele, minha lei é fruto de minha cabeça, eu sei o que é necessidade e justiça. A raiva contra o jacaré ia crescendo, agora eu queria é ver o sangue dele tingindo o rio, desmaiando aquela azularia que encantava a cara suja e sincera das águas. Não resisti, pulei da canoa com o machado na mão direita e fui perseguindo o desgraçado, que fugia sempre como quem brinca de esconder e não dá confiança a quem quer pegar. No que ele nadava e eu também, fui sentindo uma tristeza de minha vida depender de matar, e a raiva ficava menor, eu tinha é pena de mim, tão precisado de fazer mal aos outros vivos, pena dos jacarés de papo de qualquer cor, pena de tudo, e o jacaré deu um mergulho, soverti com ele, a perseguição continuava, mas era tão triste, me via tão humilhado diante do poder daquele bruto de tamanha simpatia e delicadeza, eu menor do que ele, muito pior do que ele. O machado caiu da mão, me embolei com o jacaré, resolvido a acabar com aquilo de qualquer jeito, me expondo, desafiando ele a me cortar em postas, mas o riso dele me doía mais do que se fossem os dentes retalhando minha carne, que luta! seu compadre. Eu embrabecido, disposto a tudo, ele maneiro, dentro das regras, escorregando feito sabonete, mostrando que não queria, não precisava morder, queria é me cansar... cansei. Tudo ficou completamente azul dentro d'água, o próprio jacaré ficou todo azul-celeste, eu perdia as forças, me sentia azular por dentro, uma bambeira de sono diferente me encheu por inteiro. Então o jacaré, esticado, veio por baixo, me pegou pelas costas e foi me empurrando pra riba, me livrando do afogamento, me deixou estendido e mole à flor d'água, de barriga pro ar, uma coisa frouxa, tábua. E sumiu. Sumiu de sumiço eterno até a presente data. Não sei quanto tempo fiquei assim naquele paradeiro. Sei que a Luisona veio nadando feito gigante e foi me puxando no rumo da praia, dizendo: "Esperta homem!". Espertei. Dia claro, o rio outra vez barrento, reuni as forças, fui cair na rede aqui em casa. Dormi dois dias e duas noites. Quando acordei, fui cuidar da vida, arranjar outro machado, outra canoa, pois pra isso me botaram no mundo: pra caçar jacaré.

O livro *70 historinhas* é uma antologia de textos de Carlos Drummond de Andrade formada a partir de sete de seus livros de prosa: *Fala, amendoeira*, *A bolsa & a vida*, *Cadeira de balanço*, *Caminhos de João Brandão*, *O poder ultrajovem*, *De notícias & não notícias faz-se a crônica* e *Os dias lindos*. A primeira edição de *70 historinhas* foi publicada em 1978, pela José Olympio, sendo reeditada no ano seguinte. A terceira edição só seria publicada em 1994, sete anos após o falecimento do autor, pela Record. Em 2010, o livro chegou à 14ª edição pela mesma editora, além de algumas edições em capa dura pela Circulo do Livro.

Adotou-se como texto-base para este estabelecimento a segunda edição, de 1978, da José Olympio, última em vida do autor. As edições da Record, que se basearam nas edições da José Olympio, também foram consultadas para sanar pequenas dúvidas. As diferenças entre essas edições são poucas e pequenas, sendo relativas a detalhes ortográficos, algumas gralhas e variações de paragrafação.

RONALD POLITO

Posfácio

MAIS QUE HISTORINHAS

Edmilson Caminha

Costumamos dizer “Carlos Drummond de Andrade” como se nos referíssemos a um só escritor, quando são duas as personas literárias a que se dá o nome: o poeta (grande, festejado, com milhões de leitores no Brasil e em outros países) e o prosador (sobretudo cronista, mas também contista e ensaísta), discretamente posto, por si mesmo, à sombra do primeiro, não obstante a extensão e a qualidade da obra. Já em 1944, nas *Confissões de Minas*, o autor discorre sobre os dois gêneros a que se dedicará ao longo da carreira:

É um livro de prosa, assinado por quem preferiu quase sempre exprimir-se em poesia. Esse suposto poeta não desdenha a prosa, antes a respeita a ponto de furtar-se a cultivá-la. Seria inútil repisar o confronto das duas formas de expressão, para atribuir superioridade a uma delas. Mas a verdade é que se a poesia é a linguagem de certos instantes, e sem dúvida os mais densos e importantes da existência, a prosa é a linguagem de todos os instantes, e há uma necessidade humana de que não somente se faça boa prosa como também de que nela se incorpore o tempo, e com isto se salve esse último.

Na entrevista que me concedeu em 1984, à pergunta sobre o que mais o realizava como escritor, se o poema ou a crônica, respondeu com honestidade:

A crônica eu faço profissionalmente, porque preciso ganhar dinheiro. O jornal me paga, então eu debulho aquilo como uma coisa até meio mecânica. Uma vez ou outra é que me sinto assim com mais prazer; fora disso, faço aquilo por obrigação. Não é uma obrigação tediosa porque procuro fazer corretamente, para não chatear demais o leitor. Mas sinto que às vezes chateia, porque aparecem reações. [...] Eu escrevo prosa por obrigação.

E confessou, jovialmente: “O meu tesão, mesmo, é a poesia”.

Não por acaso, a ficção drummondiana parece ostentar títulos singelos, despreziosos — *Contos de aprendiz* e *Contos plausíveis*, por exemplo —, como se o autor não se colocasse entre os profissionais do gênero, quase pedisse desculpas por invadir seara alheia. A despeito da pequena conta em que se tinha,

algumas histórias do contista tornaram-se antológicas: dos *Contos de aprendiz*, “Presépio” e “Nossa amiga” incluem-se n’*Os cem melhores contos brasileiros do século* (2000), selecionados por Italo Moriconi, e “Flor, telefone, moça” inclui-se nas *Páginas de sombra: Contos fantásticos brasileiros* (2003), que Bráulio Tavares preparou; “História de amor em cartas”, de *Os dias lindos*, está entre os *13 dos melhores contos de amor da literatura brasileira* (2003), organizado por Rosa Amada Strausz.

DRUMMOND: CRONISTA, CONTISTA... E QUE MAIS?

Cabe, então, perguntar, sobre a tênue fronteira que distingue esses espécimes literários: que é, exatamente, crônica e conto na prosa de Drummond? Lembre-se, a propósito, a trilogia *Os melhores contos*, *As melhores histórias* e *As melhores crônicas* de Fernando Sabino, lançada em 1986. Nela, o escritor faz uso da designação “um tanto circunstancial”, como se lê, de conto quando na terceira pessoa, história quando experiência pessoal e crônica quando em tom reflexivo — critérios não necessariamente válidos para o Drummond prosador, e sujeitos, sempre, à discussão. A começar pelas seletas do próprio Sabino: “A última crônica”, por exemplo, para muitos é conto, embora esteja entre *As melhores crônicas*, talvez pela sugestão enganosa do título. Publicado por Drummond em 1977, o volume *Os dias lindos* apresenta-se, na capa, como livro de crônicas, mas dele se pinçou a “História de amor em cartas” para uma antologia de contos...

Cadeira de balanço (1966) enfeixa “crônicas” (segundo a página de rosto) divididas em sete seções, a primeira denominada “Historinhas que acabam antes de começar”: são doze casos — “De escolha”, “De almoço”, “De recenseamento”, “Segundo de recenseamento”, “De secretária”, “De arroz”, “De canário”, “De menino”, “De justiceiro”, “De conversa”, “De boa ação” e “De ceguinho”. Destes, apenas o originalmente chamado “De recenseamento” não se encontra nestas 70 *historinhas* (o que aqui se denomina assim é, na verdade, o “caso segundo”, que recebeu o título do outro...) Consideremos esses dois rótulos drummondianos, “historinhas” e “casos”, que nos lembram a despreensão já citada do ficcionista e parecem sobrepor-se às clássicas definições de crônica e de conto. Realmente: a etiqueta “historinhas que acabam antes de começar” é contraditória (para as crônicas e, sobretudo, para os contos), pois histórias, mesmo apequenadas pelo diminutivo, pressupõem começo, meio e fim. E essas de Drummond os têm, sejam mais para o anedótico (“Caso de secretária”, “Caso de arroz”, “Caso de justiceiro”, “Caso de ceguinho”), mais para o conto (“Caso de menino”, “Caso de recenseamento”), e, com algum esforço para assim considerá-las, mais para a crônica (“Caso de conversa”,

“Caso de almoço”).

Melhor seria dar a textos como os dois últimos a classificação de “cronicontos” (neologismo que, penso, não desagradaria a quem intitulou um dos seus livros de *Versiprosa...*), divididos que são entre a narrativa factual da crônica e a invenção literária do conto, a meio caminho, pois, de um e do outro gênero. Quando se despediu dos leitores no *Jornal do Brasil*, em 1984, Drummond lembrou o território em que se interpenetram esses dois fazeres literários:

Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiagem de espírito.

Prova de que era o autor, no fundo, alheio às conceituações acadêmicas quanto ao que criava: simplesmente escrevia, ora poemas, ora crônicas, contos, “cronicontos” ou ensaios, ao sabor das emoções, dos sentimentos, das ideias e dos assuntos que lhe ocorressem. Ainda bem, devem dizer os leitores, sensíveis não a diferenças teóricas, mas à qualidade da literatura que se leia prazerosamente. Como a concordar com eles, adverte o prosador no pórtico dos *Caminhos de João Brandão*, em que já faz referência a uma suave maluquice, comum a ele e ao alter ego que inventou:

Enquanto discutem com erudição os entendidos que bicho é a crônica — gênero literário ou número de show, mescla de conto e testemunho, alienação ou radar — meu amigo João Brandão vive sua vida entre a rotina palpável e a aventura imaginária, e eu vou cronicando seu viver com a simpatia cúmplice que me inspiram o ser comum e sua pinta de loucura mansa, pois na terra alucinada que nos tocou, ainda é virtude (até quando?) cumprir sem violência o mandamento de existir.

70 HISTORINHAS: DE ONDE VEM CADA UMA

Lançado em 1978 pela José Olympio, este *70 historinhas* reúne prosa que já fora publicada em sete livros de Drummond: nove textos vêm de *Fala, amendoeira* (1957); dez de *A bolsa & a vida* (1962); onze de *Cadeira de balanço* (1966); treze

de *Caminhos de João Brandão* (1970); cinco de *O poder ultrajovem* e mais 79 textos em prosa e verso (1972); onze de *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (1974) e nove de *Os dias lindos* (1977). Duas historinhas — uma do *Cadeira de balanço*, a outra do *Caminhos de João Brandão* — saíram pela primeira vez em uma obra coletiva: *Quadrante 1* (1962), de Drummond, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Vinte e duas histórias foram republicadas em outras antologias de que Drummond também é coautor, a exemplo de *Quadrante 2* (1968), com o mesmo septeto do volume um; *Elenco de cronistas modernos* (1971), com Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e Fernando Sabino; *Quatro vozes* (1984), com Cecília Meireles, Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira; e os quatro primeiros volumes da coleção *Para gostar de ler* (1977-9), com Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Rubem Braga.

“O importuno”, originário de *Caminhos de João Brandão*, saiu posteriormente em *Quando é dia de futebol* (2002). E “O pintinho” criou asas e voou: nasceu em *Fala, amendoeira*, fez escala em *Quadrante 1*, chegou ao primeiro volume do *Para gostar de ler* e pousou aqui.

Como se vê, em 1978 as setenta historinhas desta coletânea já eram, todas, conhecidas do público, teste suficiente para que os editores decidissem juntá-las em um volume. E não se arrependeram, pois já no ano seguinte uma nova edição chegava às livrarias.

Curiosamente, mudou-se o título de algumas histórias: “A cabra e Francisco” é o “Auto da cabra” em *Quadrante 1*, mas já vem com a nova denominação quando republicada no *Cadeira de balanço*; “Drinque” aparece como “Drink” em *Quadrante 1* e em *Fala, amendoeira*; “Caso de escolha”, publicado originalmente em *Cadeira de balanço*, vira “Gaitinha” em *Quatro vozes*; “De fraque” é apenas “Fraque” em *A bolsa & a vida*; e “Caso de chá” intitula-se “O chá” em *Caminhos de João Brandão*.

QUEM É A VERDADEIRA VIÚVA DE SANTOS?

Uma das melhores páginas destas 70 *historinhas*, “O outro marido” merece atenção especial. Primeiro pela qualidade do texto, como se percebe logo na abertura, em que Drummond brilha, tão luminosamente quanto Machado de Assis, pelo primor da forma e pela riqueza do que narra:

Era conferente da Alfândega — mas isso não tem importância. Somos todos

alguma coisa fora de nós; o eu irredutível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliem pela casca. Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem.

Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário.

Assim começa a história, à Nelson Rodrigues, de Santos e Laurinha, na tristeza a dois a que se condenaram pela prisão perpétua do casamento. Até que ele aparece com o diagnóstico de incurável reumatismo, e a proposta surpreendente: internar-se em hospital, sem a obrigação de que o visite. Uma vez por mês estará com ela em casa, para saber das novas e entregar-lhe o dinheiro de que precise. Foi assim por um ano, dois, quatro, até que deixou de vir. Preocupada, a mulher chega à casa de saúde, onde não há registro de nenhum Santos. Na Alfândega, informam-lhe que o colega falecera havia quinze dias, “a senhora quer o endereço da viúva?”.

O desfecho é engenhoso e rico, por prestar-se a mais de uma interpretação: a viúva pode ser ela própria, Laurinha, ou, quem sabe, a amante que o marido lhe escondera com talento de prestidigitador... Ocorre que, em *A bolsa & a vida* e, depois, no *Elenco de cronistas modernos*, a narração vai em frente:

— Sou eu a viúva — disse d. Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecia muito bem a viúva do Santos, d. Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos. Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo, a segunda realidade de Santos era tão destacada, da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

— Desculpe, foi engano. A pessoa a que me refiro não é essa — disse d. Laurinha, despedindo-se.

Basta ser um bom leitor para concluir que Drummond fez bem, ao livrar o

conto dessa conclusão autoexplicativa e, pois, desnecessária, por nos coibir o prazer de fantasiar, o direito de imaginar outro fim. O autor deu-se conta de que, em literatura, vale mais sugerir do que escrever, insinuar do que dizer, e encurtou a história...

A INFÂNCIA LEVADA A SÉRIO

Treze das histórias deste livro têm crianças e adolescentes como personagens, sem que o autor se preste a infantilizá-las, pela paródia da linguagem ou pelo primarismo das ações. Aqui, pelo contrário, elas enfrentam, contestam e vencem, muitas vezes, os detentores da autoridade, com a inteligência e a argúcia a que recorrem para desafiar-lhes o poder. Em “A cápsula”, o avô se deixa convencer pelo netinho e vão os dois visitar a Gemini V, na exposição itinerante que a leva ao Rio de Janeiro. No “Caso de escolha”, uma singela gatinha sobrepõe-se à carência afetiva e à disputa emocional entre irmãos internados em um colégio. “Na delegacia” mostra como uma compreensível punição materna pode converter-se em solidariedade para com o filho, que não se quer desmoralizar diante dos colegas. Em “Ladrões no terraço”, a linha tênue que há muitas vezes entre a brincadeira infantil e a violência dos adultos. O tema de “No ônibus” é a solidariedade fraterna que se faz pela mentira, prova dos maus sentimentos que também há na infância. “Maneira de olhar” identifica-nos a todos com o desejo inocente do menino, que não quer dormir para ver o ano passar. Em “Glória”, não há dinheiro que pague o emocionante orgulho da mãe pelo talento do filho.

“A menininha e o gerente” mescla com delicadeza apreensão e carinho, amor e saudade. Em “O segredo do cofre”, um dólar de prata é a recompensa do menino curioso. “O sono” resgata a criança que cada um já foi, para quem, proustianamente, dormir é não viver. “O pintinho” se põe sobre o fio da lâmina que separa bichos e homens, natureza e sentimentos, vida e morte. “No restaurante” anuncia que, se perde força o poder jovem, as trombetas proclamam o poder ultrajovem, em nome do qual a lasanha da filha ganhará, sempre, dos camarões paternos. “Na escola”, em que os alunos decidirão, plebiscitariamente, sobre o uso da calça comprida pelas professoras, é das raras historinhas em que Drummond alude ao momento por que então passava a política brasileira. Publicado originalmente em *O poder ultrajovem* (1972), podemos datá-lo do governo Médici (1969-74), o que anima o autor a escrever: “Assim iam todos votando, como se escolhessem o presidente da República, tarefa que talvez, quem sabe? no futuro sejam chamados a desempenhar”.

Dois textos portam referências autobiográficas e estão, pois, mais para a crônica do que para o conto. Em “A cápsula”, o neto que chega “de longes

plagas” decerto vem de Buenos Aires, onde nasceram Carlos Manuel, Luis Mauricio e Pedro Augusto, filhos de Maria Julieta Drummond de Andrade e Manuel Graña Etcheverry.* “O sono” pode lembrar a Argentina pelo castelhano do garoto: “Um momentito. Tenho ganas de coçar-me as rodijas”, diz à mãe, sobre a comichão nos joelhos, ou “Me olvidê de cepijar os dentes”, por haver se esquecido da higiene bucal.

O QUE SE DIZ E O QUE (NÃO) SE ENTENDE

Tema comum a várias historinhas são os mal-entendidos no relacionamento humano, as dificuldades de compreender e se fazer compreender, os “ruídos na comunicação”, segundo os linguistas. Em “Pescadores”, amigos que gostam de fregar peixes caem na arapuca de uma equipe de televisão e aparecem no programa que vai ao ar como boas-vidas, malandros que curtem a praia quando os trabalhadores de respeito dão o sangue para ganhar o pão. “Assalto” é uma enorme confusão na feira livre, causada pela mulher que se revolta com o preço do chuchu. Em “Suspeita”, o inquilino teme haver enterrado no quintal não o cachorro do senhorio, mas uma criança defunta que não chegara a nascer. “Três homens na estrada” são presos por comportamento estranho, com o que os reis magos nunca serão vistos pela multidão que os espera no Maracanã.

“Prazer em conhecê-lo” é duas vezes bom: pela originalidade do que se conta e pela maestria do diálogo a três, sem que se usem verbos dicendi (como “disse”, “perguntou”, “respondeu”). Em “Serás ministro”, o tratamento respeitoso decorre não de nomeação presidencial, mas do que manda o batistério. No “Caso de boa ação”, medem forças a desconfiança entre os que não se conhecem e a solidariedade que ainda pulsa no coração humano. “Recalcitrante” mostra o que pode acontecer quando, no pequeno caminho da boca de um para os ouvidos de outro, uma palavra se transforma em palavão. Em “Quadro na parede”, o casal Borges, que já não se tolera, cutuca-se com a paciência dos beneditinos e o refinado humor dos ingleses. “Conversa de casados” passa em revista 36 anos de existência cúmplice e de desavenças cordiais. “Aconteceu alguma coisa” é um festival de impressões, cochichos e boatos à frente de um prédio em que tudo, ou nada, pode ter ocorrido.

QUAL A MELHOR HISTORINHA?

Na literatura, como na vida, eleger o melhor é questão muito pessoal. A dizer qual das 70 *historinhas* de que mais gosto, escolho “Jacaré de papo azul”, que fecha o volume, a mais longa e a menos drummondiana de todas. Menos

drummondiana pela natureza da linguagem — própria da gente do campo, não do *Homo urbanus*, que prevalece na prosa do autor — e pela singularidade da narrativa: a comovente relação de amizade entre um pescador (ou melhor, um caçador das águas) e um jacaré, diferente dos outros pela cor da barriga. Na bela história sente-se algo de Guimarães Rosa, contemporâneo e amigo de Drummond, que, no poema “Um chamado João”, pergunta: “Guardava rios no bolso,/ cada qual com a cor de suas águas?”. Talvez não se tenha por acaso o jacaré. Ao alemão Günther Lorenz, declarou o contista de *Sagarana*: “Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem”.

“Jacaré de papo azul” lembra (em ponto menor, é claro) a estrutura do *Grande sertão: Veredas* — um monólogo extenso, em que o personagem-narrador (Marcindírio, nome rosiano...) conta a um interlocutor anônimo o ofício de caçar jacarés, dos quais come a carne e vende o couro. Até que encontra um diferente, astucioso, brincalhão, meio bicho, meio coisa do outro mundo, com o azul do papo a colorir o barrento das águas. Quando resolve matá-lo, pela dor da pobreza e pela urgência da fome, o animal torna-se arisco, estranho, como se conhecesse a intenção do amigo: “Eu percebia isso, mas cada vez ia ficando mais enquizilado com aquele jogo em que o jacaré era mais forte porque era melhor do que eu”. E, admiravelmente, como se escrito por Rosa, em vez de Drummond: “Não queria propriamente escapar de morrer, queria impedir que eu matasse”.

DONDE SE CONCLUI QUE...

Embora não se desse muita importância como cronista (e, menos ainda, como contista), Carlos Drummond de Andrade se põe entre os brasileiros que melhor escreveram esse tipo de prosa, na segunda metade do século XX: Rubem Braga, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, José Carlos Oliveira, Vinicius de Moraes, Carlos Heitor Cony, Millôr Fernandes, Luis Fernando Verissimo, Joel Silveira e Antônio Maria, além de muitos outros. Pela qualidade do texto e pela experiência de vida que asseguram ao leitor o prazer de degustá-las, estas *70 historinhas* vão, pois, muito além do diminutivo que o autor modestamente lhes deu.

Brasília, abril de 2016

* Para Pedro Augusto, o protagonista da história é o irmão Carlos Manuel.

Leituras recomendadas

ARRIGUCCI JR., Davi.
“Fragmentos sobre a crônica”.
In: *Enigma e comentário*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRAYNER, Sônia (Org.).
Carlos Drummond de Andrade.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
(Coleção Fortuna Crítica)

CANÇADO, José Maria.
Os sapatos de Orfeu: A biografia de Drummond.
São Paulo: Globo, 2006.

CANDIDO, Antonio.
“Drummond prosador”;
“A vida ao rés-do-chão”.
In: *Recortes*.
Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

MORAES NETO, Geneton.
O dossiê Drummond.
São Paulo: Globo, 1994.

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.

- 1916 É matriculado como
aluno interno no
Colégio Arnaldo, em
Belo Horizonte.
Conhece Gustavo
Capanema e Afonso
Arinos de Melo Franco.
Interrompe os estudos
por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma
aulas particulares com
o professor Emílio
Magalhães.

1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.

1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português.

Motivo:
“insubordinação
mental”.

1920 Acompanha sua família
em mudança para Belo
Horizonte.

1921 Publica seus primeiros
trabalhos no *Diário de
Minas*. Frequenta a
vida literária de Belo
Horizonte. Amizade
com Milton Campos,
Abgar Renault, Emílio
Moura, Alberto

Campos, Mário
Casassanta, João
Alphonsus, Batista
Santiago, Aníbal
Machado, Pedro Nava,
Gabriel Passos, Heitor
de Sousa e João
Pinheiro Filho,
habitués da Livraria
Alves e do Café
Estrela.

1922 Seu conto “Joaquim do
Telhado” vence o
concurso da *Novela
Mineira*. Trava contato
com Álvaro Moreyra,

diretor de *Para Todos... e Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.

1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.

1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do

Amaral, que regressam
de excursão às cidades
históricas de Minas
Gerais.

1925 Casa-se com Dolores
Dutra de Moraes.
Participa — juntamente
com Martins de
Almeida, Emílio Moura
e Gregoriano Canedo
— do lançamento de *A
Revista*.

1926 Sem interesse pela
profissão de

farmacêutico, cujo
curso concluíra no ano
anterior, e não se
adaptando à vida rural,
passa a lecionar
geografia e português
em Itabira. Volta a Belo
Horizonte e, por
iniciativa de Alberto
Campos, ocupa o posto
de redator e depois
redator-chefe do *Diário
de Minas*. Villa-Lobos
compõe uma seresta
sobre o poema “Cantiga
de viúvo” (que iria
integrar *Alguma poesia*,

seu livro de estreia).

- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se

auxiliar na redação da
Revista do Ensino, da
Secretaria de Educação.

1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.

1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário

de Edições Pindorama,
de Eduardo Frieiro.

Assume o cargo de
auxiliar de gabinete de
Cristiano Machado,
secretário do Interior.

Passa a oficial de
gabinete quando seu
amigo Gustavo
Capanema assume o
cargo.

1931 Morre seu pai.

1933 Redator de *A Tribuna*.
Acompanha Gustavo

Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.

1934 Volta às redações: *Minas Gerais, Estado de Minas, Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema,

novo ministro da
Educação e Saúde
Pública.

1935 Responde pelo
expediente da
Diretoria-Geral de
Educação e é membro
da Comissão de
Eficiência do
Ministério da
Educação.

1937 Colabora na *Revista*
Acadêmica, de Murilo

Miranda.

- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.

1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.

1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.

1944 Publica *Confissões de Minas*.

1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora

no suplemento literário
do *Correio da Manhã* e
na *Folha Carioca*.

Deixa a chefia do
gabinete de Capanema
e, a convite de Luís
Carlos Prestes, figura
como codiretor do
diário comunista
Tribuna Popular.

Afasta-se meses depois
por discordar da
orientação do jornal.

Trabalha na Diretoria
do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional
(DPHAN), onde mais

tarde se tornará chefe
da Seção de História,
na Divisão de Estudos e
Tombamento.

1946 Recebe o Prêmio de
Conjunto de Obra, da
Sociedade Felipe
d'Oliveira.

1947 É publicada a sua
tradução de *Les*
Liaisons dangereuses,
de Laclos.

1948 Publica *Poesia até*

agora. Colabora em
Política e Letras.

Acompanha o enterro
de sua mãe, em Itabira.
Na mesma hora, no
Teatro Municipal do
Rio de Janeiro, é
executado o “Poema de
Itabira”, de Villa-
Lobos, a partir do seu
poema “Viagem na
família”.

1949 Volta a escrever no
Minas Gerais. Sua
filha, Maria Julieta,
casa-se com o escritor e

advogado argentino
Manuel Graña
Etcheverry e vai morar
em Buenos Aires.
Participa do movimento
pela escolha de uma
diretoria apolítica na
Associação Brasileira
de Escritores. Contudo,
juntamente com outros
companheiros, desliga-
se da sociedade por
causa de atritos com o
grupo esquerdista.

- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha e Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas*

Gerais ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.

1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras

“Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.

1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoadas*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.

1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel Proust.

1957 Publica *Fala, amendoeira e Ciclo*.

1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.

1959 Publica *Poemas*. Ganha

os palcos a sua
tradução de *Doña
Rosita la Soltera*, de
García Lorca, pela qual
recebe o Prêmio Padre
Ventura.

1960 É publicada a sua
tradução de *Oiseaux-
Mouches
Ornithorynques du
Brésil*, de Descourtilz.
Colabora em *Mundo
Ilustrado*. Nasce em
Buenos Aires seu neto
Pedro Augusto.

1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.

1962 Publica *Lição de coisas, Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta

novamente o Prêmio
Padre Ventura.

Aposenta-se como
chefe de seção da
DPHAN, após 35 anos
de serviço público.

1963 Aparece a sua tradução
de *Sult (Fome)*, de Knut
Hamsun. Recebe, pelo
livro *Lição de coisas*,
os prêmios Fernando
Chinaglia, da União
Brasileira de
Escritores, e Luísa
Cláudio de Sousa, do
PEN Clube do Brasil.

Inicia o programa
Cadeira de Balanço, na
Rádio Ministério da
Educação.

1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar.
Início das visitas, aos
sábados, à biblioteca de
Plínio Doyle, evento
mais tarde batizado de
“Sabadoyle”.

1965 Publicação de
Antologia poética
(Portugal); *In the*

Middle of the Road
(Estados Unidos);
Poesie (Alemanha).
Com Manuel Bandeira,
edita *Rio de Janeiro em*
prosa & verso.
Colabora em *Pulso*.

1966 Publicação de *Cadeira*
de balanço e de *Natten*
och Rosen (Suécia).

1967 Publica *Versiprosa*,
José & outros, *Uma*
pedra no meio do
caminho: biografia de

um poema, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo (Buenos Aires) e Fyzika Strachu (Praga).

1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.

1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*.
Publica *Reunião* (dez livros de poesia).

1970 Publica *Caminhos de*

João Brandão.

1971 Publica *Seleta em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.

1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.

1973 Publica *As impurezas*

*do branco, Menino
antigo, La bolsa y la
vida* (Buenos Aires) e
Réunion (Paris).

- 1974 Recebe o Prêmio de
Poesia da Associação
Paulista de Críticos
Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*.
Recebe o Prêmio
Nacional Walmap de
Literatura. Recusa por
motivo de consciência o

Prêmio Brasília de
Literatura, da Fundação
Cultural do Distrito
Federal.

1977 Publica *A visita*,
Discurso de primavera
e Os dias lindos. É
publicada na Bulgária
uma antologia intitulada
Sentimento do mundo.

1978 A Editora José Olympio
publica a segunda
edição (corrigida e
aumentada) de *Discurso*

*de primavera e
algumas sombras.*
Publica *O marginal*
Clorindo Gato e 70
historinhas, reunião de
pequenas histórias
selecionadas em seus
livros de crônicas.
Amar-Amargo e El
poder ultrajoven saem
na Argentina. A
PolyGram lança dois
LPs com 38 poemas
lidos pelo autor.

1979 Publica *Poesia e prosa*,

revista e atualizada,
pela Editora Nova
Aguilar. Sai também seu
livro *Esquecer para
lembrar*.

1980 Recebe os prêmios
Estácio de Sá, de
jornalismo, e Morgado
Mateus (Portugal), de
poesia. Publicação de *A
paixão medida*, *En Rost
at Folket* (Suécia), *The
Minus Sign* (Estados
Unidos), *Poemas*
(Holanda) e *Fleur,
téléphone et jeune*

fille... (França).

1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.

1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições

comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.

1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.

- 1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando, O observador no escritório, História de dois amores (infantil) e Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran*

Oxen Tid (Suécia).

1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.

1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval.

No dia 5 de agosto
morre sua filha, Maria
Julieta, vítima de
câncer. Muito abalado,
morre em 17 de agosto.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA
Raul Loureiro

sobre fotografia © Bruno Barbey/ Magnum Photos/ Latinstock

ESTABELECIMENTO DE TEXTO
Ronald Polito

FOTO DO AUTOR
Fernando Bueno/ Estádio Conteúdo

PREPARAÇÃO
Sílvia Massimini Félix

REVISÃO
Jane Pessoa
Angela das Neves

ISBN 978-85-438-0694-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/ciadasletras

COMPANHIA DAS LETRAS

FAREWELL

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**



Farewell

de Andrade, Carlos Drummond

9788543806549

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Obra póstuma que comemora vinte anos de sua publicação original, o melhor da poesia de Drummond aparece depurado, com grandeza e intensidade.

Publicado há vinte anos, Farewell é um livro póstumo com poemas de Carlos Drummond de Andrade. Mesmo publicado após a morte do autor, é uma grande obra, que toca em temas fundamentais da poética do escritor mineiro: o tempo, o amor, a brevidade da vida e o encantamento pelos cinco sentidos.

"Já se observou com razão que o livro póstumo do poeta itabirano repõe temas e motivos que notabilizaram sua lírica. Poderíamos acrescentar, em relação a isso, que o livro explora a diversidade de registros que caracterizaram sua poesia, da notação irônica, o sense of humour à inflexão sublimizante...", escreve o crítico Vagner Camilo no esclarecedor posfácio à edição. Um livro fundamental, portanto.

[Compre agora e leia](#)

JOHN BOYNE

**DIA
DE
FOLGA**


COMPANHIA DAS LETRAS

UM CONTO DE NATAL

Dia de folga

Boyne, John

9788580869316

8 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste conto breve e melancólico, John Boyne (autor do best-seller O menino do pijama listrado) acompanha o dia de folga de um jovem soldado inglês e seus companheiros, que passam a véspera de Natal em uma das trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Enquanto relembra os natais da infância e o conforto do seu lar, ele vê e ouve as bombas alemãs caindo a sua volta. Em meio a um dos piores conflitos do século XX, o jovem irá vivenciar um espírito natalino muito diferente do que estava acostumado. Em janeiro: lançamento de dois romances inéditos de John Boyne, O tormento (Seguinte) e O ladrão do tempo (Companhia das Letras)

[Compre agora e leia](#)

Do autor de *Barba ensopada de sangue*



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Meia-noite e vinte

Galera, Daniel

9788543807102

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Retratando com maestria a geração que cresceu nos anos 1990, chega o novo romance do premiado autor de Barba ensopada de sangue.

Em meio a uma onda de calor devastadora e a uma greve de ônibus que paralisa a cidade, três amigos se reencontram em Porto Alegre. No final dos anos 1990, eles haviam incendiado a internet com o Orangotango, um fanzine digital que se tornou cultuado em todo o Brasil. Agora, quase duas décadas depois, a morte do quarto integrante do grupo vai reaproximar Aurora, cientista e pesquisadora vivendo uma pequena guerra acadêmica, Antero, artista de vanguarda convertido em publicitário, e Emiliano, jornalista que tem uma difícil tarefa pela frente.

Captando com maestria a geração que cresceu em meio ao início da internet, Galera explora essas vidas acuadas entre promessas não cumpridas e anseios apocalípticos. Nas vozes de Aurora, Antero e Emiliano, Meia-noite e vinte é um retrato marcante de uma juventude que recebeu um mundo despedaçado e para quem o futuro pode não significar mais nada.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazim




COMPANHIA DAS LETRAS

O instante certo

Harazin, Dorrit

9788543806242

384 páginas

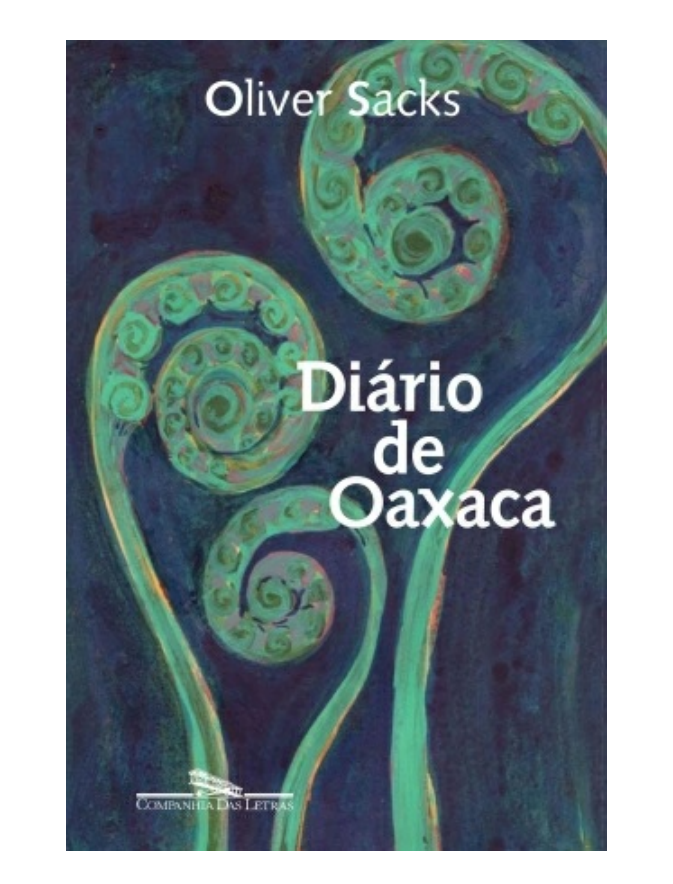
[Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazin fala de algumas das mais importantes fotografias da história.

Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazin conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.

Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)

An abstract painting featuring several green fern fronds, or fiddleheads, emerging from a dark, textured blue background. The fronds are rendered in various shades of green, with some showing intricate spiral patterns. The overall style is painterly and expressive.

Oliver Sacks

Diário
de
Oaxaca


COMPANHIA DAS LETRAS

Diário de Oaxaca

Sacks, Oliver

9788580869026

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conhecido por seus relatos clínicos que desvendam grandes mistérios do cérebro humano, Oliver Sacks revela uma nova faceta em seu diário de viagem para o estado de Oaxaca, no México. Durante dez dias, acompanhou um grupo de botânicos e cientistas amadores interessados em conhecer o hábitat das samambaias mais raras do mundo. Entre descrições minuciosas da morfologia das plantas e uma ou outra digressão acerca de pássaros e tipos de solo, o texto concentra toda a sua força em desvendar um grande mistério da mente humana: a curiosidade científica. Ao observar de perto o comportamento de seus colegas de excursão, Oliver Sacks revela que a ciência, longe de ser uma seara de cálculos e experimentos, nasce do interesse genuíno e apaixonado de amadores, cuja erudição nem sempre supera a vontade de aprender e descobrir fatos novos. Os personagens que compõem a expedição são *sui generis*. O grupo é composto de tipos humanos diversos: homens e mulheres, americanos e ingleses, cientistas e curiosos circulam com desenvoltura por selvas e grutas, mas protagonizam cenas de verdadeira comédia ao tentar, sem sucesso, se imiscuir no cotidiano das cidades mexicanas por onde passam. É o caso da visita coletiva feita a um alambique onde se processa o mescal, bebida alcoólica extraída do agave, uma planta nativa que também dá origem à tequila. Levemente alterados pela degustação a que se submetem no maior "interesse científico", os expedicionários terminam sentados em uma pequena planície das redondezas, uivando para a lua e se "perguntando como será que os lobos e os outros animais se sentiram quando a lua, a sua lua, lhes foi roubada". Composto de uma gama variada de assuntos, Diário de Oaxaca versa ainda sobre a intimidade de Oliver Sacks, cujo mal-estar em relação aos meios oficiais e ultracompetitivos da ciência contemporânea fica evidente nas diversas passagens em que o autor externaliza sua admiração pelos amadores - classe de cientistas à qual, aliás, o livro é dedicado.

[Compre agora e leia](#)